

UFRRJ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

DISSERTAÇÃO

**PODER PAPAL E REDES DE SOCIABILIDADE NAS CARTAS DE
SANTA CATARINA DE SIENA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO
XIV**

GABRIEL MOREIRA MEDEIROS LAUREANO

2019



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**PODER PAPAL E REDES DE SOCIABILIDADE NAS CARTAS DE
SANTA CATARINA DE SIENA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO
XIV**

GABRIEL MOREIRA MEDEIROS LAUREANO

Sob a Orientação do Professor
Marcelo Santiago Berriel

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História, no Curso de PósGraduação em História, Área de Concentração em Relações de Poder e Cultura.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil – (CAPES) – Finance Code 001

Seropédica, RJ
Maio de 2019

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L366p Laureano, Gabriel Moreira Medeiros, 1995-
Poder papal e redes de sociabilidade nas cartas de
Santa Catarina de Siena na segunda metade do século
XIV / Gabriel Moreira Medeiros Laureano. -
Seropédica, 2019.
97 f.

Orientador: Marcelo Santiago Berriel.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós Graduação em
História/Mestrado, 2019.

1. Igreja Católica. 2. Política. 3. Santidade. 4.
Rede de Sociabilidade. I. Berriel, Marcelo Santiago,
1975-, orient. II Universidade Federal Rural do Rio
de Janeiro. Programa de Pós Graduação em
História/Mestrado III. Título.

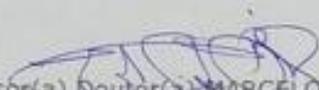
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – MESTRADO E
DOUTORADO

GABRIEL MOREIRA MEDEIROS LAUREANO

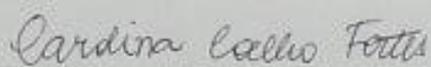
Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de MESTRE EM HISTÓRIA, no Programa de Pós-Graduação em História – Curso de MESTRADO, área de concentração em Relações de Poder e Cultura.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 14/05/2019

Banca Examinadora:


Professor(a) Doutor(a) MARCELO SANTIAGO BERRIEL
(Presidente e orientador)


Professor(a) Doutor(a) CLÍNIO DE OLIVEIRA AMARAL- UFRRJ


Professor(a) Doutor (a) CAROLINA COELHO FORTES - UFF

AGRADECIMENTOS:

A presente dissertação, que conclui o ciclo do mestrado, foi fruto de um caminho muito árduo. Sem dúvidas, consegui percorrê-lo, pois encontrei motivação não apenas pela aquisição de um título, mas pelo auxílio constante de Deus e também em função da presença de algumas pessoas.

Inicialmente, deixo carinho à minha mãe, Rosânea, e à minha irmã, Talita, que sempre me acompanharam desde o início e me incentivaram a prosseguir. Não posso deixar de mencionar a minha prima, Caroline, lembrada aqui por sua generosidade e doçura em me receber em sua casa durante o período de realização das disciplinas. Também sou inteiramente grato à minha namorada, Aline, cuja presença amável ao longo destes dois anos de mestrado foi como bálsamo, proporcionando um suporte extraordinário, sobretudo nos momentos de desânimo.

Agradeço às minhas amigas de mestrado, Katia Santana e Scheyla Taveira, cuja amizade foi sólida base para que seguíssemos firmes até o fim. Também aos meus professores de graduação, queridos amigos: prof.^a Irenida Cavalcanti, prof.^o Angelo Monteiro e prof.^a Maria Elisa Bartholo, por todo auxílio. Ainda aos professores Márcio Araújo e Estefani Gumiéro, pelo suporte nos ajustes finais da dissertação. Foi imprescindível, igualmente, a contribuição do querido amigo prof. Alfredo Cruz, por me ajudar a organizar o roteiro de escrita e por compartilhar comigo parte de seu vasto conhecimento em conversas muito agradáveis. Sou igualmente grato à senhora América Graciosa que me emprestou seu exemplar de –O Diálogo, permitindo-me um contato mais profundo com St^a. Catarina e sua obra, o que foi essencial em um momento em que construía as bases da pesquisa. Ademais, agradeço a todos os meus amigos nas pessoas de: Carlos Henrique, Fernanda Oliveira, Raimundo Mattos, Allana Halfed, Gabriela Ciqueira, Felipe Sandora e Isabel Maria.

Minha gratidão também aos professores Clínio Oliveira e Carolina Fortes, por suas valiosas contribuições e pela participação nas bancas de Qualificação e Defesa desta dissertação. Neste mesmo sentido, agradeço ao meu orientador prof. ^o Marcelo Berriel por ter aceitado me auxiliar nesta empreitada.

Por fim, toda minha gratidão e admiração a uma das mulheres mais fantásticas que conheço: Catarina de Siena.

“Quero dizer que os silêncios são mais eloquentes do que as palavras, e que a arte do narrador consiste em saber silenciar a tempo: por isso, no fundo, a melhor maneira de contar uma história é não conta-la”.

(Javier Cercas)

“À meia noite, ouviu-se um grito: „O noivo vem aí!” Saí ao seu encontro!”. Todas as virgens levantaram-se, então, e trataram de apressar as lâmpadas”.

(Mt 25, 6-8)

LAUREANO, Gabriel Moreira Medeiros. **Poder papal e rede de sociabilidade nas cartas de Santa Catarina de Siena na segunda metade do século XIV**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica-RJ, 2019.

RESUMO:

A presente pesquisa tem como objetivo traçar a rede de sociabilidade desenvolvida por Catarina de Siena (1347-1380) a fim de tentar compreender sua atuação política e especialmente sua relação com o poder pontifício. O recorte temporal desta pesquisa compreende a trajetória de vida de Santa Catarina, portanto entre 1347 e 1380. As principais fontes consideradas para nosso trabalho são as cartas enviadas pela santa a diversas personalidades-chaves de sua sociedade (entretanto consideraremos também, como fontes auxiliares, algumas de caráter hagiográfico). Assim, buscaremos compreender os meios encontrados por Santa Catarina que lhe permitiram gozar de uma posição importante na sociedade e, sobretudo, junto a Igreja Católica, a fim de exercer ativamente sua influência na esfera política.

Palavras-chave: Igreja Católica, Política, Santidade, Rede de Sociabilidade.

LAUREANO, Gabriel Moreira Medeiros. **Papal power and network of sociability in the letters of St. Catherine of Siena in the second half of the fourteenth century.** Dissertation (Master's in History). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica-RJ, 2019.

ABSTRACT:

The present research aims to trace the sociability network developed by Catherine of Siena (1347-1380) in order to try to understand its political performance and especially its relationship with the pontifical power. The temporal cut of this research comprises the life trajectory of Santa Catarina, between 1347 and 1380. The main sources considered for our work are the letters sent by the saint to several key personalities of her society (meanwhile we will also consider, as auxiliary sources, some of hagiographic character). Thus, we will try to understand the means found by Saint Catherine that allowed her to enjoy an important position in society and, especially, with the Catholic Church, in order to actively exercise her influence in the political sphere.

Keywords: Catholic Church, Politics, Holiness, Sociability Network.

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 –“PEÇO AINDA A VÓS QUE GARDEIS O LIVRO E OS DEMAIS ESCRITOS MEUS” – APRESENTAÇÃO E REFLEXÕES TEÓRICAS EM TORNO DO EPISTOLÁRIO DE CATARINA DE SIENA.....	14
Dimensões teóricas.....	14
Os místicos	20
Uma trajetória da arte epistolar	26
Materialidade e trajetória das fontes	34
CAPÍTULO 2 – “FICAI SABENDO, MINHA QUERIDA MÃE, QUE EU, VOSSA MÍSERA FILHA, NÃO FUI POSTA NO MUNDO POR OUTRA RAZÃO” – O ITINERÁRIO DE SANTA CATARINA DE SIENA: ENTRE A ESCRITA E A RESSIGNIFICAÇÃO DO ESPAÇO.	40
Lugar e topofilia:	41
-Em favor do mundo inteiro e, sobretudo de minha cidade – Catarina e Siena	47
-Não retardeis vossa vinda a Roma – a Roma de Catarina	56
CAPÍTULO 3 –“EU CATARINA, SERVA E ESCRAVA DOS SERVOS DE JESUS CRISTO, VOS ESCREVO” – A REDE DE SOCIABILIDADE EM TORNO DE CATARINA DE SIENA.....	62
Os cães do Senhor:	63
Ilustres aliados:.....	71
O doce Cristo na Terra	80
CONCLUSÃO.....	88
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	91

INTRODUÇÃO

A presente dissertação se dedica a investigar a atuação política de Catarina de Siena a partir das cartas ativas, entre 1375 e 1380 (com base na edição brasileira das cartas, traduzidas por Fr. João Alves Basílio)¹. A figura de Catarina chamou nossa atenção a partir das páginas escritas por Barbara Tuchman, em seu livro –O terrível século XIV. Discutindo a questão do chamado Grande Cisma Ocidente, surpreendeu-nos a audácia e a firmeza com que aquela jovem mulher de Siena se dirigia a nobres, reis e até mesmo ao papa. Esta simples curiosidade em torno de Catarina nos levou a um olhar mais aprofundando, permitindo que sistematizássemos uma pesquisa em torno da dimensão política de sua atuação.

Catarina Benicasa nasceu em 25 de março de 1347, na cidade de Siena, uma entre as várias Repúblicas da Península Itálica, era filha de Giacomo Benicasa, um tintureiro, e Lapa Piacenti. Teve sua primeira visão ainda muito cedo, por volta dos seis anos, em uma igreja sob a administração dos Dominicanos, Ordem pela qual Catarina sempre nutriu grande admiração. A suposta visão marcou o início de sua ferrenha dedicação aos assuntos relativos à fé, inclusive por meio do voto de virgindade, consagrando-se a Cristo². Seguindo no sentido do voto que havia tomado sobre si, Catarina, aos doze anos, cortou seus cabelos e recusou-se a casar, indo de encontro à vontade de sua mãe. A partir desse episódio, iniciou as práticas que manteria até sua morte: jejuns e rigorosas práticas de mortificação corporal. Com dezesseis anos, ingressou nas Irmãs da Penitência da Ordem Terceira de São Domingos, depois de alguma resistência por parte das integrantes, as quais eram mulheres mais velhas e normalmente viúvas. Em 1367, depois de ter enfim vestido o hábito da Penitência, Catarina teve sua segunda visão, na qual Cristo a tomou por esposa na fé.

Após de ter sido desposada por Cristo, iniciou sua vida pública, congregando em torno de si vários discípulos que passaram a chamá-la de “*mamma*”. O mais interessante é que a própria Catarina apropriou-se deste título afetoso e tão significativo, utilizando-o em diversas cartas, como, por exemplo, uma em que manda lembranças suas a um de seus seguidores: –Dizei-lhe que prepare os lábios do desejo para receber o leite espiritual, pois a “*mamma*” vai lhe enviarl.³ Assim, procedia com plena consciência de seu papel como nutriz e condutora daquele grupo, evocando nessa carta a figura materna, semelhante à descrita por São Bernardo de Claraval, o qual alegava ter bebido leite materno da Virgem Maria, sinal de união com o Divino⁴.

A “*mamma*”, portadora do anel símbolo da união com Cristo, sentiu-se impelida para atuar mais ativamente na sociedade, junto aos doentes, aos fracos, e ainda nas questões que concerniam à Igreja de seu esposo. Nesse sentido, Catarina iniciou sua atividade política enviando uma carta, em 1372, ao cardeal legado papal Pedro D’Estaing, parabenizando-o pela nomeação, e enviou uma segunda em 1375, desta vez, alertando-o para bem aconselhar o papa Gregório XI nas seguintes intenções: a reforma no Clero, o retorno do papado a Roma e

¹SIENA, Catarina de. *Cartas completas*. Trad. João Alves Basílio. São Paulo: Paulus, 2005.

²Quanto à visão do mesmo Cristo trajado como um Pontífice e assentado numa suntuosa cátedra, parece-nos uma menção ao futuro envolvimento de Santa Catarina junto aos papas em meio às crises em que se convulsionava a Igreja medieval. De acordo com François Dosse, uma legenda é “aquilo que deve ser lido”. Sendo assim a produção hagiográfica, proporciona um foco privilegiado para se buscar a identidade de um dado santo, construída na narrativa. Pois, os hagiógrafos acabam moldando seus biografados. No caso de Santa Catarina, inserindo-a desde cedo nas disputas da Igreja. Cf. DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: USP, 2009. p.140-141.

³SIENA, Catarina de. *Cartas completas*. Trad. João Alves Basílio. São Paulo: Paulus, 2005. p. 644.

⁴Cf. LOGNA-PRAT, Dominique; PALLAZZO, Éric; RUSSO, Daniel. *Le culte de la Vierge dans la société médiévale*. Paris: Beauchesne, 1996.

convocação de uma Cruzada⁵. Esses três objetivos nortearam todas as cartas de Catarina dirigidas a qualquer autoridade que seja, porém apenas um deles foi realizado, ou seja, o retorno do papa a Roma em 1376⁶. Quanto à Cruzada, Catarina não tomou corpo devido aos conflitos internos que permeavam toda a Península Itálica, e, especialmente, à Liga Florentina, que reuniu diversas cidades contra os Estados Pontifícios. Embora tenha tentado amenizar a situação entre o papa e a cidade de Florença, não obteve completo êxito, pois tal relação oscilou entre tréguas e períodos de hostilidade.

Nesta mesma época, precisou lidar com outra crise: o Cisma. Ela já havia considerado a possibilidade desse acontecimento, e, em uma de suas cartas ao Cardeal Pedro de Luna (futuro antipapa Bento XIII), Catarina o alertou sobre o perigo do Cisma e esperava contar com a colaboração do Cardeal para que tamanho ultraje não acontecesse. Todavia, foi exatamente um Cisma que ocorreu em 1378, quando um grupo de cardeais elegeu o antipapa Clemente VII e, junto ao novo pontífice, retornaram a Avignon. Catarina permaneceu ao lado do papa Urbano VI, mas não conseguiu um desempenho substancial para a resolução dessa grave crise, uma vez que estava debilitada devido ao seu rigoroso modo de vida, vindo a falecer em 29 de abril de 1380, aos 33 anos, na cidade de Roma (tendo sido canonizada em 1461, por Pio II).

Sofia Boesch Gajano afirma que a historiografia em torno de Catarina é complexa, entretanto consegue traçar três pontos comuns em torno dos quais ela se desenvolveu: a experiência mística e toda sua espiritualidade; os seus escritos de um modo geral e; por fim, a sua figura histórica (sendo este último o espaço em que se encontram nossos objetivos). Vale ressaltar ainda que em meio a esta produção se encontram também aqueles títulos de caráter devocional. Neste sentido, a autora aponta a dificuldade de distinguir na própria obra de Catarina essa dimensão espiritual daquela mais histórica. De fato, é uma dificuldade inevitável, haja vista que acima de tudo, antes de ser entendida em suas ações no mundo, Catarina era uma mulher de intensa religiosidade⁷.

E essa dimensão religiosa impregna os momentos nascentes desta historiografia, que podemos situar à época dos anos 1500, na publicação das cartas por Aldo Manuzio que foram largamente utilizadas a partir de interesses reformadores que rondavam os conventos de diversas ordens religiosas (como os próprios frades de S. Domingos). Manuzio, por outro lado, realizou sua edição a partir de Veneza, local estratégico para a difusão da pessoa de Catarina e seus escritos. O bom acolhimento do livro deveu-se à fama de Catarina, que já era vasta, bem como ao fato de que se tratava de uma obra vulgar, elevando a jovem de Siena aos altos patamares de grandes mestres da literatura como Dante Alighieri, de acordo com Gajano⁸.

Porém a autora considera a obra de Niccolò Tommaseo, séculos depois, em 1860, merecedora de grande destaque, pois trazia as cartas em ordem cronológica. Esta edição

⁵SIENA, Catarina de. *Op.cit.* p. 41.

⁶A transferência do papado para Avignon sempre preocupou muito Santa Catarina, além da situação luxuosa e rica da Igreja na França, que, cada vez mais, se afastava da humildade e da pobreza, foram importantes motes para a atuação de Santa Catarina, presente, sobretudo, no seu incessante pedido de reforma no Clero. A transferência se deu devido a um conflito em torno da autoridade temporal entre Felipe IV e Bonifácio VIII, sendo que o primeiro queria obrigar o clero a pagar impostos. Bonifácio VIII reagiu excomungando Felipe IV, e este o tirou à força de Roma, o que levou a sua morte, seguida pela eleição de um novo Papa, Clemente V, na França. Barbara Tuchman diz que: —A partir de então, e com seis papas franceses sucessivos, Avignon tornou-se praticamente um estado temporal de pompa suntuosa, de grandes atrativos culturais e de simonia ilimitada - isto é, da venda de cargos. | TUCHMAN, Barbara. *Um espelho distante: o terrível século XIV*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991. p. 25-26.

⁷GAJANO, Sofia Boesch. Caterina nella sotoriografia. In: ROMAGNOLI, Alessandra Bartolomei; CINELLI, Luciano; PIATTI, Pierantonio. *Virgo digna coelo: Caterina e la sua eredità*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2011. p. 47.

⁸Ibidem.

serviu de base para diversas traduções futuras, o que pode ser observado pela simples comparação entre edições mais distintas possíveis, que ainda assim compartilham de uma característica comum: a ordem cronológica. Tommaseo, ao dispensar diversos elogios ao talento e a coragem de Catarina, não deixou também de utilizá-la como símbolo da Itália nascente, como um arauto da unificação⁹. O momento de publicação de sua obra era aquele em que os ânimos se agitavam em torno da unificação, fator de influência direta na escrita de Tommaseo. Décadas depois, foi Piero Misciattelli quem reeditou as cartas, que inclusive foram a base para a edição em português, traduzida por fr. João Alves Basile.

Com relação às obras de caráter mais histórico propriamente dito, a primeira foi produzida no ano de 1856, antecedendo, por pouco tempo, a produção de Tommaseo. Tratava-se do livro *–Storia di Santa Caterina e del papato dei suoi tempi* de Alfonso Capecelatro¹⁰. Esta primeira obra sobre Catarina foi gestada no seio da Igreja, pois o autor era um cardeal e bibliotecário do Vaticano. Ele tinha muito interesse pela vida de santos, tendo se dedicado também a estudar personalidades famosas como Pedro Damiano, Felipe Néri e Afonso Maria de Ligório. O grande objetivo do autor foi aliar a ação política de Catarina com os desígnios de Deus. Ao mesmo tempo em que, mais uma vez, o papel político de Catarina foi reforçado e reconhecido, o autor também direcionou sua hipótese para um viés religioso: entendendo Catarina como um sinal da Providência Divina a favor da resolução do cisma.

Anos mais tarde, a figura de Catarina foi novamente motivo de grande interesse, quando foi elevada a *–Patrona d'Italia* pelo papa Pio XII. A produção deste momento se interessou largamente pela dimensão mística de Catarina, a partir de seu livro *–O Diálogo*, como bem nos apresenta Gajano ao falar sobre o Arrigo Levasti, expoente desta tendência:

Il Levasti usava un'accezione larga del termine mistica, comprensiva di ascetismo, devozione, liturgia, e rivendicava l'individualità dei singoli autori contro forme di omogeneizzazione dovute al comune oggetto, l'unione con Dio; dava infine importanza non solo alla scrittura, ma anche all'esperienza religiosa. Il confronto più stringente era istituito con Angela da Foligno: in Caterina il Levasti vedeva un amore più traboccante e festoso, ma meno profondo e meno vasto; e definiva la santa senese non una mistica pura, ma una —mistica sociale!¹¹.

Certamente as contribuições de Levasti em sua obra *–Mistici del Duecento e del Trecento* propuseram um estudo mais voltado às características específicas de Catarina, para além de sua classificação generalizada como uma mística, tanto é que, conforme observamos, ele não a considerou como uma mística comum em sua tipologia¹².

Em contrapartida, Levasti entendia a espiritualidade de Catarina como rasa se comparada a de outros, e por isso a classificou como uma mística social. A percepção do autor é também relevante ao ponto de vista de nossa pesquisa, pois ele percebeu em Catarina esse ponto muito marcante, qual seja, o da intensa imersão nos assuntos mundanos. Talvez a mística pura, na visão do autor, não deveria se envolver em questões seculares.

Segundo Gajano, o grande marco do desenvolvimento de uma historiografia em torno de Catarina está associado à criação da cadeira de Estudos Caterinianos na Universidade de Siena, fato devido à figura de Misciattelli, o qual enfatizava o simbolismo de Catarina enquanto representante da unidade italiana, sentimento já não pertencente ao contexto da Unificação, mas sim do fascismo de Benito Mussolini. Esta apropriação da imagem de

⁹ Ibidem. p. 48.

¹⁰ Cf. CAPECELATRO, Alfonso. *Storia di S. Caterina da Siena e del Papato del suo tempo*. Napoli: Desclée, 1865.

¹¹ GAJANO, Sofia Boesch. *Caterina nella sotoriografia*. In: ROMAGNOLI, Alessandra Bartolomei; CINELLI, Luciano; PIATTI, Pierantonio. *Virgo digna coelo: Caterina e la sua eredità*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2011. p. 51.

¹² Cf. LEVASTI, Arrigo. *Mistici del Duecento e del Trecento*. Milano-Roma: Rizzoli, 1935.

Catarina pelo fascismo fez com que a dimensão política de sua vida ficasse muito latente, quase de maneira análoga ao que fez o cardeal Capecepolo (divergindo das ideologias: a religiosidade em um caso e o fascismo em outro).

Contemporaneamente a estas questões, outro importante viés era explorado pelo francês Robert Fawtier¹³. Suas contribuições para os estudos caterinianos se inserem na primeira obra que se propôs a realizar efetivamente – uma crítica das fontes – buscando classificá-las e investigar aquelas características que lhe eram particulares.

Il volume II del 1930 prendeva in considerazione le lettere, della cui autenticità non dubitava - redazione, tradizione manoscritta (originali e raccolte), destinatari -, senza entrare nel merito del contenuto che, in quanto prevalentemente mistico-spirituale, non si prestava alla critica storica¹⁴.

Fawtier, com sua concepção bem tradicional da construção do saber histórico, submeteu as fontes a todo o rigor científico sob o qual se orientava. O esforço é memorável, pois habilitou a utilização das fontes na pesquisa histórica. A pesquisa de Fawtier conferiu peso à veracidade das cartas, embasada em seu estilo muito peculiar de escrita. E no mesmo sentido, Fawtier conferiu considerável centralidade às cartas, incentivando edições críticas futuras como a de 1940, elaborada por Eugenio Dupré Theseider¹⁵. O autor quis, exatamente, ressaltar a importância das cartas de Catarina para entender a dinâmica espiritual e política da Igreja e da sociedade, enfatizando as atividades-chaves de Catarina: retorno do papa, reforma da Igreja e Cruzada. Neste momento, torna-se mais delineada a face política de Catarina nestes três objetivos.

Theseider deu os primeiros passos neste campo de pesquisa, indicando a futuros estudiosos os norte da pesquisa. A partir daí, estes objetivos, bem delineados, cristalizaram a ligação entre Catarina e a sociedade, que, de fato, não era apenas uma mística retirada do mundo. Outro aspecto a se remarcar no trabalho de Theseider encontra-se no fato da valorização dos manuscritos originais para a composição de sua edição crítica das cartas (a partir daí, a figura dos secretários de Catarina foram evidenciadas). Gajano aponta que Theseider incentivou uma onda de novos estudos críticos dos escritos em torno de Catarina, destacando a fundação do *Centro di studi cateriniani*, sediado em Roma:

Nei decenni successivi gli studi cateriniani si arricchirono di altre edizioni critiche, i Miracoli dell'Anonimo fiorentino, la Legenda minor, il Processo castellano e di molti saggi filologici, letterari-teologici, storici. In questo panorama editoriale un ruolo di assoluto rilievo assumeva il Centro di studi cateriniani, da quando Giuliana Cavallini nel 1968 fu chiamata alla sua direzione dalla Madre Luigia Tincani. Il riesame degli scritti cateriniani attraverso il vaglio severo della critica era la premessa per un migliore apprezzamento del valore del loro contenuto: dando prova di una straordinaria libertà intellettuale, la Cavallini avviò un costante dialogo, esplicito o implicito, con i maggiori studiosi di Caterina, senza nessuna concessione alle polemiche storiografiche¹⁶.

¹³ Cf. FAWTIER, Robert. *Sainte Catherine de Sienné: essai de critique de sources; I: Sources hagiographiques*. Paris: Boccard, 1921.

¹⁴ GAJANO, Sofia Boesch. Caterina nella sotoriografia. In: ROMAGNOLI, Alessandra Bartolomei; CINELLI, Luciano; PIATTI, Pierantonio. *Virgo digna coelo: Caterina e la sua eredità*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2011. p. 54.

¹⁵ Cf. THESEIDER, Eugenio Dupré. *Epistolario de Santa Caterina*. Roma: Istituto storico italiano per il Medio Evo, 1940.

¹⁶ GAJANO, Sofia Boesch. Caterina nella sotoriografia. In: ROMAGNOLI, Alessandra Bartolomei; CINELLI, Luciano; PIATTI, Pierantonio. *Virgo digna coelo: Caterina e la sua eredità*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2011. p. 56.

A instituição proporcionou uma integração entre os vários estudiosos de Catarina a partir de uma política de diálogo, encaminhada por Giuliana Cavallini, a qual ainda foi responsável por novas edições de *-Il Dialogo* (1968; 1980) e das *-Le Orazioni* (1978) de Catarina e o *-Libellus de Supplemento* (1974) de frade Tomás Caffarini¹⁷. Cavallini consolidou o campo de pesquisa crítico e histórico em torno de Catarina, sendo suas contribuições um marco na historiografia em torno da santa. Outra importante fase dos estudos caterinianos, de acordo com Gajano, foi aquela que compreendeu a década de 1980, chamada de *-Nuovi Studi Cateriniani*. Novos temas passaram a fazer parte dos interesses dos estudiosos a partir deste momento, como, por exemplo, a religiosidade feminina na obra de Gabriela Zarrì, intitulada *-La memoria di lei. Storia delle donne e storia di genere*, do ano de 1996¹⁸. Neste mesmo sentido, destaca-se a obra de Rudolph Bell, "*Holy Anorexia*", de 1985, que tentou investigar os peculiares hábitos alimentares de Catarina a partir da Psicologia¹⁹. Destaca-se atualmente a obra de Thomas Luongo "*The Sainly Politics of Catherine of Siena*", de 2005²⁰, traduzindo um esforço que foi beneficiado por todo este caminhar historiográfico: elevando a categorias passíveis da pesquisa histórica a figura da religiosidade feminina em Catarina e sua atuação política.

O artigo de Sofia Gajano, inserido no livro por ocasião do aniversário de 550 anos da canonização de Catarina, auxilia-nos a compreender o panorama da historiografia italiana em torno de Catarina. É evidente que uma análise historiográfica, de fato consistente, demandaria mais detalhes e o estudo de obras que são de difícil acesso. Nosso objetivo foi o de elucidar essa trajetória de estudos, especificamente no sentido de trazer à tona os temas que envolvem diretamente o presente trabalho, como o reconhecimento de sua ação política. As proposições de Gajano também vão ao encontro, em alguns momentos, de nossa discussão em torno da materialidade das fontes, no que concerne aos autores citados em comum desde as primeiras tentativas de difusão dos escritos de Catarina.

As bases teóricas do presente trabalho giram em torno da contribuição de alguns autores, como Pierre Bourdieu²¹, Michel Foucault²², Giovanni Levi²³, Michel de Certeau²⁴ e Yi Fu Tuan²⁵. Bourdieu nos auxilia com seus conceitos de campo político e campo religioso, entendidos enquanto ambientes autônomos dotados de regras próprias que regulam a convivência dentro deles. Essas noções foram pensadas no contexto do século XXI e pressupõem certo imobilismo e separação, algo que não havia na Idade Média. Porém, mesmo assim, o conceito é útil por permitir compreender a dinâmica das dimensões políticas e religiosas que não são tão estanques para nós. Afinal, acreditamos que Catarina transitava em ambos.

Neste mesmo sentido, as contribuições de Giovanni Levi, em torno da noção de estratégia, de horizonte de possibilidades, permitem-nos flexibilizar os conceitos de Bourdieu, reforçando a liberdade de atuação do indivíduo. Michel de Certeau, que possui grande destaque em nossa pesquisa, constitui uma base teórica muito relevante e nos ajudou a

¹⁷ Cf. SIENA, Caterina da. *Le Orazioni*. Roma: Edizioni Cateriniane, 1978;_____. *Il Dialogo della Divina Provvidenza, ovvero libro della Divina Dottrina*. Roma: Edizioni Cateriniane, 1968; SENIS, Thomas Antoni de. *Libellus de Supplemento Legende Prolixè Virginis Beate Catherine de Senis*. Roma: Edizioni Cateriniane, 1974.

¹⁸ ZARRI, Gabriela. *La memoria di lei. Storia delle donne e storia di genere*. Torino: SEI, 1996.

¹⁹ BELL, Rudolph. *Holy anorexia*. Chicago: University of Chicago Press, 1985.

²⁰ LUNGO, F. Thomas. *The Sainly Politics of Catherine of Siena*. New York: Cornell University Press, 2006.

²¹ BOURDIEU, Pierre. O campo político. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº 5. Brasília, janeiro-julho de 2011, pp. 193-216;_____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

²² FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens. 1992

²³ LEVI, Giovanni. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

²⁴ CERTEAU, Michel. *A fábula mística séculos XVI e XVII: volume 1*. Rio de Janeiro: Forense, 2015

²⁵ TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983;_____. *Topofilia, um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.

estruturar a concepção em torno do místico e das características de atuação deste místico para a sociedade, pois mesmo que esteja sempre caracterizado por uma espécie de ausência (devido a sua busca constante pelo Outro, ou seja, por Deus) ele, paradoxalmente, também se encontra no mundo, e é um ponto chave de articulação.

E por fim, dentre os principais teóricos em nosso trabalho, encontra-se o geógrafo Yi Fu Tuan e seu conceito de topofilia, que se trata do valor sentimental, simbólico, conferido pelo homem ao seu meio, o que foi um subsídio relevante para compreendermos a relação entre Catarina e as duas cidades centrais em sua trajetória: Roma e Siena. Nossa pesquisa considera também outros autores em sua bibliografia, mas os apontados acima são aqueles que ocupam maior destaque em nossa pesquisa.

Com isso, nossa pesquisa tem como objetivo central identificar a rede de sociabilidade construída por Santa Catarina como base para sua atuação/influência na esfera política, bem como verificar sua relação com a estrutura do poder pontifício. O presente trabalho subdivide-se em três capítulos: o primeiro apresenta a trajetória da materialidade das fontes e os principais conceitos teóricos; o segundo trata da noção de topofilia em relação à Catarina e as cidades, enquanto elementos constitutivos de sua trajetória política; por fim, o terceiro e último capítulo, apresenta a rede de sociabilidade de Catarina e o modo como ela se relacionou com o papado.

CAPÍTULO 1 – “PEÇO AINDA A VÓS QUE GARDEIS O LIVRO E OS DEMAIS ESCRITOS MEUS” – APRESENTAÇÃO E REFLEXÕES TEÓRICAS EM TORNO DO EPISTOLÁRIO DE CATARINA DE SIENA:

O presente capítulo tem como objetivo principal refletir sobre os aspectos da fonte por nós escolhida, isto é, buscaremos apresentar os aspectos teóricos que tornam as cartas como fontes privilegiadas para a investigação de trajetórias individuais, bem como conduzir uma discussão, levando em conta os autores que mais contribuíram para o estudo de epistolários e sua dimensão retórica; e, por fim, traçaremos o caminho da materialidade das fontes, ou seja, de sua primeira organização, passando pelas sucessivas edições.

Dimensões teóricas:

A obra de Catarina de Siena é composta pelo Diálogo (ou –Diálogo da Divina Providência), suas 26 –Orações e pelas –Cartas. Interessa-nos as cartas, pois constituem um meio privilegiado para investigarmos sua trajetória e relações, sobretudo aquelas de cunho político. O epistolário é composto por 381 cartas e, a respeito dos assuntos por ela abordados, Frei João Alves Basílio (tradutor das cartas para a edição brasileira) afirma que:

Das 381 cartas de Catarina, 23 foram endereçadas a papas, 19 a cardeais, bispos e preladados, 13 a reis e rainhas, 6 a comandantes militares, 38 a governantes, 29 a senhoras da aristocracia, 15 a artistas, 12 advogados e médicos, 16 a membros de sua família, 32 a discípulos, 17 a membros da ordem penitente de São Domingos, 17 a monjas, 47 a frades e eremitas, 34 a monges, 9 a sacerdotes, 11 a membros de associações leigas, 23 a mercadores e artesãos e 20 a destinatários diversos²⁶.

Selecionamos 78 cartas que mais estavam imersas nos conflitos e negociações da época, entre o papado e algumas Cidades-Estado da Península Itálica, tendo como mediadora a própria Catarina. Essas 78 cartas apresentam destinatários diversos, elas se dirigiram a papas (Gregório XI e Urbano VI), cardeais (Pedro d'Estaing, Tiago Orsini, Guerardo de Puy, Pedro Corsini e Pedro de Luna), monarcas (Carlos V da França, Joana I de Nápoles e Luís I da Hungria), religiosos, bispos e abades (João de Gano, Guilherme Fleet, Raimundo de Cápua, Nicolau Soderini, Giovanni Sabbatini, Nicolau Romani, João de Celas, Bartolomeu Serafin e Angelo Carrer), nobres e governantes (Bernabó Visconti e Beatriz della Scalla de Milão, para os governantes de Siena, Perúgia e Florença e também para o conselho militar dos Oito da Guerra desta mesma cidade, ainda a Buanacorso de Lapo e Luís Duque de Anjou e Carlos de Durazzo, futuro rei de Nápoles), mercenários (John Hawkwood e Tomás de Alviano) e, por fim, a alguns leigos (Joana, Dona Paula, Alessia Saracini, Sano de Maco e a Lapa, sua mãe).

Consideramos as cartas como fontes privilegiadas para a categoria da escrita de si, ou seja, as relações do texto com seu próprio autor. Não são duas posições determinadas e dualistas, mas elementos que necessitam de um olhar crítico, considerando o texto como uma representação do próprio autor, que a partir dele (e aqui temos em vista Catarina e suas cartas) quer externar e consolidar uma dada identidade. Trata-se, portanto, do indivíduo que se reinventa a partir de seu próprio texto.

A metáfora do teatro, de um —teatro da memórial, evidencia-se na ideia do indivíduo como personagem de si mesmos, sendo recorrente nos estudos sobre escrita de si. Tal ideia remete diretamente ao debate já mencionado sobre o texto como representação e/ou invenção de si, situando esse tipo de escrita como um palco onde a encenação dos múltiplos papéis sociais e das múltiplas temporalidades do

²⁶ BASÍLIO, João Alves. *Vida de Santa Catarina de Sena*. São Paulo: Paulus, 1993. p. 44.

indivíduo moderno encontraria um espaço privilegiado²⁷.

Assim é a jovem, analfabeta e filha de mercadores, Catarina Benicasa que, em suas cartas, torna-se a *-mammall*, figura central em sua rede de discípulos, mística, porta-voz do próprio Deus e, portanto, munida de autoridade a ponto de dirigir-se ao papa e a diversos reis. As cartas são, então, um teatro, pois possibilitam esta representação a partir da escrita de si (que apresenta também a função de equilibrar e conter os sentimentos e intenções, além de uma linguagem estratégica) e é importante que nos detenhamos um pouco mais neste conceito.

O conceito da escrita de si é tratado por Michel Foucault²⁸, constituindo-se um elemento muito importante para nossa pesquisa, e, ao mesmo tempo, possibilita um aporte teórico que serve de base e justificativa para termos escolhido, dentre a vasta obra de Catarina, as suas cartas²⁹. No artigo intitulado com o mesmo nome, Foucault inicia suas reflexões com as palavras de um asceta, este acredita que, pela escrita de nossas ações, evitaremos pecar, pois estaremos sempre fitando os pecados e tomados de receio que tais registros venham a lume e outros conheçam nossas desgraças. Assim a escrita é entendida, por este monge, como uma companheira indispensável em sua solidão.

Nesta prática, inserida em uma escrita espiritual cristã, o autor identifica um fator que também estava presente antes do cristianismo, a *askesis*. Esse termo deve ser entendido –como um adestramento de si por si mesmo³⁰. Tal escrita também operava uma função de reaver o conhecimento, a leitura, a discussão com o outro e, só a partir desta prática, seria possível reter algo. Assim, a *askesis* tende à escrita, pois a partir desta é que os discursos são –recebidos e reconhecidos como verdadeiros em princípios racionais de acção³¹. Neste sentido, a escrita consegue unir elementos dispersos, apreendidos pela leitura e experiência pessoal, em um corpo, sinal de que o indivíduo se apossou de toda aquela tradição e a transformou em sua verdade. –Ela transforma-se, no próprio escritor, num princípio de acção racional³².

Pensar nesta relação tão próxima e recíproca entre o corpo, resultante da escrita, e o próprio escritor, nos permite entender a importância do epistolário de Catarina enquanto um meio para suas ações. As cartas, com sua tipologia específica, apresentavam uma inteligente retórica. Por exemplo, na maior parte, suas cartas, sobretudo naquelas enviadas ao papa, Catarina sempre se utilizava do título –serva e escrava dos servos de Jesus Cristo³³ logo na introdução, enquanto, ao final, era comum uma demonstração de humildade e um velado pedido de desculpas por aquilo que fora dito em seu recorrente tom de firmeza: –humildemente peço a vossa bênção. Para mim e para todos os meus filhos. E suplico que perdoeis a minha presunção³⁴. Ora, por estes dois exemplos é possível constatar como a escrita opera a reinvenção do seu autor, transforma-se no próprio autor. Por meio da carta, o papa poderia estar diante da Catarina mística, que lhe era conselheira, vanguarda de seus interesses na Península Itálica, a qual ele escutava pacientemente, contudo era também a

²⁷ GOMES, Angela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 17

²⁸ FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens. 1992.

²⁹ Pois, pelo –Diálogo seria possível compreender aspectos quanto a doutrina desenvolvida por Catarina, bem como por algumas tensões teológicas vigentes no momento, como aquela causada pela confissão auricular e pela necessidade de olhar para si, algo ainda estranho a muitos indivíduos daquele momento e que Catarina advogava por meio do seu apelo a que todos deviam recolher-se a cela do coração, a cela do autoconhecimento. Nas cartas, por sua vez, podemos observar os elementos de sua atuação política e sua trajetória, a rede de relacionamentos e seus suportes.

³⁰ FOUCAULT, Michel. Op., Cit., p. 132.

³¹ Ibidem. p. 134.

³² Ibidem. p. 143.

³³ SIENA, Catarina de. *Cartas completas*. Trad. João Alves Basílio. São Paulo: Paulus, 2005. p. 600.

³⁴ Ibidem. p. 636.

Catarina sua serva, a qual se curvava humildemente diante de seu –doce papail ou –doce Cristo na Terral, aquela que conhecia seus limites e sabia como se dirigir a maior autoridade da Igreja.

O título que Catarina tomou para si em suas cartas não deve passar despercebido, pois é muitíssimo significativo e teve importante papel enquanto auxílio para que ela alcançasse aquilo que desejava com a carta e lhe dava autoridade. Sobre –serva e escrava dos servos de Jesus Cristoll, Blake Beattie diz:

The latter phrase in particular is noteworthy; its conscious recollection of the papel descriptor *servus servorum Dei* gives it special resonance here. Much of the letter takes the form of a personalized homily, in wich Catherine very clearly establishes what she expects the pope to do. Catherine's apology for her candor is formulaic and intended to soften what the pope might easily read as presumptuousness; in other letters, she often apologizes for —her foolishnessll as well. There is no reason to doubt the sincerity with wich she professes her humility, but it remains [...] ³⁵.

A autora acredita que a humildade de Catarina quando se dirigia ao papa era verdadeira, afinal ela o via como soberano incontestável, porém usou conscientemente do título papal (—servo dos servos de Deusll, cunhado inicialmente por S. Gregório Magno no século VI). O emprego deste termo nos revela com quais artifícios ela sustentava seu discurso e sua argumentação. Sutilmente, o título indica que Catarina, em primeiro plano, servia a Deus e, somente em segundo plano, servia ao papa, como seu arauto.

Neste sentido, segundo Foucault, a correspondência é também um meio da escrita de si. Citando Sêneca, Foucault afirma que por meio da escrita lemos aquilo que vamos escrevendo do mesmo modo que ouvimos quando estamos falando, tal como uma aproximação proporcionada pela missiva entre remetente e destinatário ³⁶. Esta afeta a ambos: –a carta enviada atua, em virtude do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como atua, pela leitura e a releitura, sobre aquele que a recebe ³⁷. Ainda analisando Sêneca, Foucault descreve uma de suas cartas a outro homem que exercia funções públicas, na qual Sêneca fala exatamente desta reciprocidade entre remetente e destinatário: não são somente conselhos e ordens, são –préstimos recíprocos. Quem ensina instrui-sell ³⁸. Pela exortação e consolação do outro, abre-se um canal de trocas e também de posse, pois se este outro cresceu, foi por conta da presença constante daquele que o assistiu com palavras e ações.

É muito nítido como estes processos se estabeleceram entre os discípulos de Catarina e entre aqueles que, mesmo em posição mais elevada que a sua, tinham-na em alta conta e reconheciam-lhe certa autoridade. Ela se punha em constante negociação com todos os seus correspondentes, além da direção espiritual, estabelecia diretrizes claras daquilo que esperava de cada um, e, se não fosse atendida, se tornava incisiva. Em 1378, quando se deu o cisma e os cardeais franceses elegeram Clemente VII em oposição a Urbano VI, a rainha de Nápoles, outrora muito próxima de Catarina (esta a via como uma liderança em potencial para a cruzada que pregou com tamanho afinco) havia se aliado a Clemente. A partir deste momento, recebeu duas cartas da santa de Siena aconselhando-a a seguir Urbano VI, mas não obtiveram êxito. Então, em 6 de maio de 1379, Catarina muda o seu tom e ameaça sutilmente a rainha de perder seu trono: –se pensais na vossa condição, quanto aos bens transitórios que passam como o vento, vós mesma destes motivos para perdê-los. Só falta receberdes a última sentença para serdes destronada e declarada herege. Mais adiante, prossegue justificando a

³⁵ BEATTIE, Blake. Catherine of Siena and de Papacy. IN: MUESSIG, Carolyn; FERZOCO, George; KIENZLE, Beverly Mayne (org). *A companion to Catherine of Siena*. Brill: Boston, 2012. p. 94.

³⁶ FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens. 1992. p. 145.

³⁷ Ibidem.

³⁸ Ibidem. p. 147.

legitimidade de tais acontecimentos, pois –o papa pode fazê-lo, como verdadeiro sumo pontífice que é, eleito realmente por Deus³⁹. Entretanto, não abandona o tom de negociação, oferece uma chance àquela monarca: –tende compaixão de vós mesma e atraireis a piedade em vosso favor [...] e, o mesmo papa que teria autoridade para destroná-la também estaria aberto à reconciliação, pois escreveu –[...] o papa vos acolherá com bondade⁴⁰.

A carta é um exemplo muito claro destas trocas, as quais, por meio da correspondência, se realizavam. Enquanto –representante⁴¹ de Gregório XI, Catarina tinha o poder de destronar a rainha ou interceder por ela, pois Joana era importante, seria uma boa aliada, sobretudo na cruzada que nunca se concretizaria. A proximidade proporcionada pela carta permitia esta autoridade reforçada. Neste momento, vemos a escrita de si dirigida ao outro: –A carta faz o escritor presente àquele a quem dirige. E presente não apenas pelas informações [...], mas –presente de uma espécie de presença imediata e quase física⁴¹.

Foucault é enfático ao afirmar que a escrita de si pode ser encontrada exatamente –pelo lado da correspondência com outrem e da troca do serviço da alma⁴². Para tanto, identificou uma tipologia na carta dos antigos – que se sustentaria como característica da escrita de si –, quais sejam: notícias sobre a saúde, as sensações, as perturbações e, no caso de Catarina, as visões; uma apresentação da vida cotidiana, pois nada é deixado de lado na narrativa e esta narrativa adquire um caráter distinto na figura dos místicos, cujos dias são repletos de acontecimentos fantásticos. A respeito desse aspecto, Michel de Certeau – autor basilar para nossas reflexões e cuja voz ouviremos ressoar ainda inúmeras vezes ao longo deste trabalho – afirma:

Eles delimitam seus relatos com o –quase nada⁴³ de sensações, de encontros ou de tarefas diárias. O fundamental é para eles indissociável do insignificante. É o que dá relevo ao anódino. Algo muda no cotidiano. O discurso místico transforma o detalhe em mito; ele se agarra nisso, ele o exorbita, ele o multiplica, ele o diviniza⁴³.

O gosto pelo detalhe, pelo insignificante que é alçado pela escrita do místico em lugar central, a mito, é possível pelo caráter transformador da ação deste mesmo místico, capaz não só de agir no próprio dia a dia, mas também na sociedade, na fé, nos dogmas. E refletindo a respeito da trajetória de Catarina, transitando entre as diversas esferas da sociedade, estando presente e distante (destacada pelo modo de vida e pela busca constante da presença de Deus, de ouvir-lhe e cumprir sua vontade no mundo), faz-se necessário refletirmos sobre algumas categorias teóricas que, aliadas a figura do místico, permitem-nos uma melhor compreensão. Essas categorias embasam nossa discussão em torno da trajetória de Catarina e das estratégias por ela empregadas, inserida na Igreja e em meio à sociedade, tendo como ponta de lança desta atuação a comunicação pela carta.

Na famosa conferência, intitulada –Campo Político⁴⁴, Pierre Bourdieu buscou repensar a política do ponto de vista sociológico. Tal viés possibilita uma abrangência da noção de política, permitindo inclusive sua comparação com outros campos, especialmente o campo religioso. Todavia, são considerados, mas não sem algumas ponderações e adequações ao nosso objeto: a citada interação entre os campos pressupõe certa rigidez e, conseqüentemente, uma simplificação da dinâmica medieval, se meramente sobreposto a ela, haja vista que na Idade Média não havia uma noção de separação tão delimitada entre as

³⁹ SIENA, Catarina de. *Cartas completas*. Trad. João Alves Basílio. São Paulo: Paulus, 2005. p. 1165.

⁴⁰ Ibidem. p. 1166.

⁴¹ FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens. 1992. p. 149-150.

⁴² Ibidem. p. 152.

⁴³ CERTEAU, Michel. *A fábula mística séculos XVI e XVII: volume 1*. Rio de Janeiro: Forense, 2015. p. 13.

⁴⁴ BOURDIEU, Pierre. O campo político. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº 5. Brasília, janeiro-julho de 2011, pp. 193-216. p. 202-203.

esferas políticas e religiosas, não havia sequer, no século XIV, um aparato que possamos classificar de estatal, propriamente dito.

Ainda assim, a conceituação de Pierre Bourdieu em torno dos campos torna-se relevante para nós, a partir do momento em que nosso foco está no indivíduo como agente e protagonista desta interação, e não na defesa de instituições já estruturadas e consolidadas em um jogo, tendo como campo a sociedade. Pensar o papel do indivíduo neste conjunto complexo de relações entre as esferas (política e religiosa) nos remete a indagar a respeito dos caminhos percorridos, das atitudes tomadas, enfim, das estratégias concebidas e executadas. É neste sentido que as contribuições de Giovanni Levi (em seu livro *–Herança Imaterial*) apresentando a categoria de estratégia, permitem uma flexibilização das categorias de Bourdieu, digamos assim. Isso porque não consideramos o indivíduo restrito a este ou aquele campo, mas imerso em todos, compondo um amplo horizonte de possibilidades.

Vejam, então, os conceitos de campo político e campo religioso. A noção de Campo Político nos permite compreender a construção do jogo político e também comparar esta construção com outras (o que ele chama, por exemplo, de outras esferas, como campo religioso). Bourdieu classifica o campo político como um microcosmo autônomo, o qual se relaciona com os demais e com o campo mais amplo, qual seja a sociedade. Contudo, ele reforça a particularidade deste campo, relacionada diretamente a sua autonomia que, estritamente, neste contexto, quer significar o conjunto de leis e normas próprias da política: todo aquele que ingresse em seus limites precisa adequar-se.

Falar de campo político é dizer que o campo político (e por uma vez citarei Raymond Barre) é um microcosmo, isto é, um pequeno mundo social relativamente autônomo no interior do grande mundo social. Nele se encontrará um grande número de propriedades, relações, ações e processos que se encontram no mundo global, mas esses processos, esses fenômenos, se revestem aí de uma forma particular. É isso o que está contido na noção de autonomia: um campo é um microcosmo autônomo no interior do macrocosmo social [...] Quem quer que entre para a política, assim como alguém que ingresse em uma religião, deve operar uma transformação, uma conversão. Mesmo que esta não lhe apareça como tal, mesmo que não tenha consciência disso, ela lhe é tacitamente imposta, e a sanção em caso de transgressão é o fracasso ou a exclusão. Trata-se, portanto, de uma lei específica e que constitui um princípio de avaliação e eventualmente de exclusão. Um índice, o escândalo: quem entra para a política se compromete tacitamente a eximir-se de certos atos incompatíveis com sua dignidade, sob pena de escândalo⁴⁵.

Na política, há ainda uma distinção entre duas categorias (fazendo paralelo à dualidade de leigo e clérigo, quando apresenta o campo religioso, por exemplo) de profissionais e profanos, grosso modo, pode ser entendido como dominantes e dominados. No entanto, esta é uma visão simplista, relegada a segundo plano pelo próprio autor que, ao apresentar estas duas categorias para além de uma visão determinista, objetivou tratar das possibilidades de acesso ao campo político, a partir do que ele chama de aptidão, capacidade, que definirão as posições ocupadas (profissional ou profano). Tais capacidades têm suas origens nas condições sociais, historicamente desiguais: tempo livre e educação. O primeiro diz respeito à liberdade, a qual permite ao indivíduo dedicar-se a outras atividades, além da produção do trabalho, e a segunda, tem ligação com a formação intelectual.

Essa constatação da capacidade desigual de acesso ao campo político é extremamente importante para evitar naturalizar as desigualdades políticas (uma das grandes tarefas permanentes da sociologia é a de recolocar a história no princípio de diferenças que, espontaneamente, são tratadas como diferenças naturais). Há, portanto, condições sociais de possibilidade de acesso a esse microcosmo, como, por

⁴⁵ Ibidem. p. 194-195.

exemplo, o tempo livre: a primeira acumulação de capital político é característica de pessoas dotadas de um excedente econômico que lhes possibilita subtrair-se às atividades produtivas, o que lhes permite colocar-se na posição de portavoz. Além do tempo livre, há este outro fator que é a educação.⁴⁶

De fato, ao longo da história, o acesso a este universo político não foi garantido a todos. É bem certo afirmar que não só existem regras dentro do próprio campo, mas como também seus agentes se organizam em prol de seus próprios interesses e não daqueles a quem representam. Entretanto, as regras pertencentes a estas esferas são constantemente minadas, ignoradas ou reformuladas. O próprio autor aponta para esta possibilidade de reformulação ao chamar atenção para o poder dos profanos ou leigos, ou seja, daqueles excluídos: –estes têm de alguma forma a última palavra nas lutas entre os clérigos, entre os membros do campo⁴⁷.

Neste sentido, fica claro que alguns indivíduos não só podem operar transformações dentro do campo, como uma mediação entre estes diversos microcosmos e também transitar em meio a eles. Uma dinâmica muito interessante que nos permite questionar e relativizar a delimitação muito rígida e clara de Bourdieu com relação aos campos, afinal, parece-nos que as fronteiras entre eles – sobretudo na Idade Média – são muito tênues. Paul Ricoeur aborda a questão indivíduo em relação com a sua sociedade na construção de sua trajetória, seu destino e afirma que: “*nuestros destinos individuales fueron trazados por anticipación en el “ser con otros” y en nuestra resolución en relación a determinadas posibilidades*”⁴⁸.

Assim, Ricoeur enfatiza importância da relação do ser com o outro, mas não exclui um elemento de grande valia, qual seja, a resolução do indivíduo a respeito de algumas possibilidades que, segundo o autor, são herdadas do passado e influem nos destinos coletivos e individuais. É, portanto, uma ênfase no indivíduo e na força de sua ação em relação com a sociedade e suas possibilidades, indivíduo este que não pode se eximir da força da coletividade, e que, ao mesmo tempo, não abre mão de sua autonomia, por não se tratar de um mero reflexo aos estímulos, mas uma ação ativa.

Esta argumentação nos leva ao campo religioso e aos agentes que a ele se opõem e o transformam. O desenvolvimento deste campo se deu a partir das grandes religiões e ao crescimento das cidades. O meio urbano, segundo Bourdieu, teria contribuído para a racionalização e moralização da religião e esta incumbiu a alguns especialistas a função de gerir a salvação (e a estes, ou seja, ao corpo clerical da religião é que se deve, em última instância, a sua racionalização a despeito de qualquer conjuntura econômica que, para exemplificar, o autor cita o caso do judaísmo que surgiu em uma região sem um desenvolvimento urbano). Este campo também se encontra, de certo modo, muito próximo ao campo político, sobretudo em práticas comuns a ambos: a exclusão e a inclusão. A partir destas duas ferramentas, é possível estabelecer grupos opostos, reorganizando assim a sociedade, o que Bourdieu denomina de função social, que acaba tornando-se função política exatamente por este aspecto normativo e ordenador.

Em outras palavras, a religião contribui para a imposição (dissimulada) dos princípios de estruturação da percepção e do pensamento do mundo e, em particular, do mundo social, na medida em que impõe um sistema de práticas e de representações cuja estrutura objetivamente fundada em um princípio de divisão política apresenta-se como a estrutura natural-sobrenatural do cosmos⁴⁹.

Com a estruturação do campo religioso, –surtem, em oposição ao corpo clerical, os

⁴⁶ Ibidem. p. 196.

⁴⁷ Ibidem. p. 202-203.

⁴⁸ RICOEUR, Paul. La función narrativa y la experiencia humana del tiempo. In: *Historia y narrativa*. Barcelona: Ediciones Paidós, 1999, pp. 183-214. p. 204.

⁴⁹ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 33-34.

leigos, aqueles excluídos que não detêm autoridade sobre os meios de salvação. Todavia, a instituição religiosa e seus ensinamentos são muito influenciáveis por estes leigos, haja vista que essa mesma religião só consegue obter êxito em atingir e mobilizar um determinado grupo se apresenta fundamentos próximos, associados a sua realidade. Uma –reinterpretação seletiva, que –implica necessariamente em uma reinterpretação cujo princípio reside na posição ocupada na estrutura social, na medida em que os esquemas de percepção e de pensamento [...] são o produto das condições de existência associadas a esta posição⁵⁰.

Neste grupo de leigos se insere a figura do místico, ponto chave de nossa pesquisa, haja vista que a mulher por nós estudada foi considerada uma mística e toda sua ação, e autoridade que lhe foi atribuída, derivam em grande parte desse aspecto. Analisaremos a figura do místico inicialmente a partir de um escopo teológico, posteriormente considerando as reflexões de Michel de Certeau em torno do tema.

Os místicos:

M. O'Driscoll afirma que alguns elementos confirmam a união mística de Santa Catarina com Deus: a oração, na prática das três virtudes teologais, a abnegação e a entrega total a Deus (sendo estes elementos, de fato, marcantes em Catarina, se levarmos em conta a radicalidade de sua vida). O autor dá especial ênfase à questão do amor, com o qual podemos traçar um paralelo com Certeau, que também atribui como uma das principais características do místico o paradigma de amor desesperado em busca de Deus. Este amor, inclusive, surge primeiro da parte do próprio Deus e tem nos místicos uma resposta mais verdadeira. Igualmente, o amor é considerado o cerne de toda a experiência mística. Catarina entendia Deus com um pai extremamente amável, que requeria o amor de seus filhos e, quando o recebia, tornava-se um próximo amigo. A isto, faz-se uma comparação com a amizade humana:

Ela se referia também a Deus do mesmo modo como os amigos tratam-se uns aos outros. Adotando a analogia da amizade humana, ela explica a amizade com Deus como relação de ternura amorosa –porque o amor transforma-se na coisa amada. Observa deliciosamente: –As coisas secretas são manifestadas ao amigo que se tornou uma coisa só com seu amigo. A característica de todos os que são amigos de Deus é experimentarem –de modo particular o amor divino. Eles não se contentam com o amor puramente intelectual, –mas o degustam, conhecem, provam e percebem como sentimento em sua alma. Este amor, fruto da experiência, constitui o coração da experiência mística. O itinerário para Deus é também uma viagem dentro de si mesmo, no interior do que Catarina chama de –a cela do autoconhecimento de si mesmo onde a pessoa recebe o conhecimento prático da infinita bondade de Deus⁵¹.

Assim, o místico torna-se o ser totalmente tomado pelo amor e pelo desejo de Deus, de modo que, paradoxalmente, o amor se torna a própria –coisa amada. E a busca pelo amor deveria acontecer, de acordo com a própria Catarina, por meio de uma maneira particular: o refúgio na cela do autoconhecimento, sua cidade do coração. Essa busca que parecia beirar ao desespero a tornava ansiosa –porque procurava Alguém que ainda não podia ser possuído perfeitamente⁵². Logo, podemos dizer que, nesta busca sempre incansante pelo Alguém, pelo Outro, Catarina encarnou muito bem em si a vida nos moldes desta mística.

E o que exatamente podemos compreender como mística? M. R. Del Genio define basicamente como a experiência vivida por quem tenta apreender a existência de Deus, pois

⁵⁰ Ibidem. p. 51.

⁵¹ O'DRISCOLL, M. Catarina de Sena (santa) In: BORIELLO, L. et al. *Dicionário de mística*. Paulus: Edições Loyola, 2003. p. 215.

⁵² Ibidem.

os místicos seriam aqueles que conseguem vislumbrar fragmentos do Deus que só se revelará por completo na eternidade. E isso se torna possível porque o homem, feito à imagem e semelhança de Deus, pode também experimentar parte desse Deus, pois tem em si uma pequena fração da divindade. A experiência mística pode ser observada nas Escrituras de forma mais clara em diversos momentos do Antigo Testamento, tais como nas figuras de: Abraão, em seu contato com os três viajantes que representam a Santíssima Trindade; Moisés, que, no topo do monte Sinai, sentiu pela primeira vez a presença de Deus na sarça ardente que não se consumia (um símbolo ao mesmo tempo da natureza eterna de Deus, bem como de seu infinito amor); também de Elias, que encontrou Deus na brisa suave e na calmaria. Em relação ao Novo Testamento, cuja centralidade é dada à figura do Cristo, encontramos o exemplo perfeito de união mística, pois tendo dupla natureza – humana e divina – este mesmo Cristo estava integral e intimamente unido a Deus, ao mesmo tempo em que era o próprio rosto do Deus que quis se revelar à humanidade⁵³.

A mística está diretamente associada a duas práticas: ascese e espiritualidade. Tais práticas são distintas da mística, mas auxiliam em sua busca. A ascese, segundo L. Boriello, caracteriza-se como um conjunto de práticas que visam o aperfeiçoamento da religiosidade, a própria palavra pode ser entendida como um empenho. Pela ascese se consegue a realização pessoal na vida concreta, enquanto se prepara para receber a mística, em essência um dom de Deus. A ascese orienta todas as ações daqueles que estão abertos a Deus, como nos diz o autor: –é necessário principalmente ter presente o fato de que a ascese caracterizada pela caridade que o Espírito derrama na alma em estado de graça, imprime uma orientação caritativa a todo o agir moral, ainda que a pessoa não tenha consciência explícita disso⁵⁴. Isso se dá porque todo cristão, pelo Batismo, vivendo em estado de graça, ou seja, sem pecado mortal, é impulsionado pelos desígnios do Espírito Santo em todas as esferas de sua vida. A ascese auxilia no desenvolvimento da mística, a partir do momento em que leva o indivíduo a abraçar os sofrimentos de Cristo, reconhecendo sua humanidade, sua fragilidade pelas dores e, conseqüentemente, atestando sua extrema dependência de Deus. A partir deste momento, deixando o sofrimento do pecado e abraçando o sofrimento de Cristo, o indivíduo estaria mais aberto à união com Deus. A mística se pauta especialmente na abertura do homem para Deus, e é, de algum modo, fruto desta mesma passividade e da certeza de que Deus deseja o homem, sua criatura. A ascese ainda pode ser definida como uma vigilância, pois –é celebração do desapego de si e de todas as criaturas, celebração da vitória sobre as tentações, celebração da ascese que se traduz assim em ascensão para Deus⁵⁵.

Esta ascensão também se relaciona à espiritualidade, definida por E. Larkin como um processo de crescimento pessoal na fé. A relação que estabelece com a mística revela-se ao longo da experiência cotidiana, da solidão e da contemplação, nos pequenos atos diários. E em função destes esforços contínuos é que a vida espiritual aponta para a vida mística, pois é um gradual processo de direcionamento para Deus⁵⁶.

Em vista disso, mística, ascese e espiritualidade estão ligadas e são conceitos que colaboram mutuamente para seu melhor entendimento mútuo. Grosso modo, entendemos, a partir do escopo da Teologia, a mística como um dom que impulsiona o homem ao encontro de Deus. Tal encontro vai se concretizando pouco a pouco, no cotidiano, com a espiritualidade, ao mesmo tempo em que a ascese cria a pureza necessária para o acolhimento

⁵³ DEL GENIO, M.R. Mística (notas históricas) In: BORIELLO, L. et al. *Dicionário de mística*. Paulos: Edições Loyola, 2003. p. 707.

⁵⁴ BORIELLO, L. Ascese-ascética In: BORIELLO, L. et al. *Dicionário de mística*. Paulos: Edições Loyola, 2003. p. 112.

⁵⁵ *Ibidem*. p. 116.

⁵⁶ LARKIN, E. Espiritualidade In: BORIELLO, L. et al. *Dicionário de mística*. Paulos: Edições Loyola, 2003. p. 382.

deste mistério de Deus, a partir da negação de si e de tudo aquilo que possa levar a um caminho distinto ao do amor divino.

A mística se manifestou de diferentes formas ao longo da História, embora sua essência tenha permanecido a mesma. Del Genio apresenta puramente este aspecto histórico. Com o advento e difusão do cristianismo, o autor confere aos textos de Platão o papel de ter incentivado e popularizado a postura mística:

Nos séculos II e III o pensamento cristão encontrou a filosofia neoplatônica, a qual, ainda que sendo filosofia semi-religiosa bastante confusa, envolveu os que procuravam o misterioso e o oculto. Ela, ensinando a natureza ilusória de todas as coisas temporais e a existência de um Deus absoluto, o Um incondicionado, o qual pode ser conhecido no êxtase e na contemplação, estimulava os -instintos místicos do homem⁵⁷.

Mais adiante o autor prossegue.

Os místicos naturais encontravam um meio idôneo para exprimirem suas intuições do real, ao passo que os Padres encontraram nela o fundamento natural para a mística. Os Padres do deserto, com os Apoftegmas, reforçaram de modo determinante a ideia de a mística ser um fato natural, o acabamento normal da vida da graça⁵⁸.

Desse modo, as proposições neoplatônicas foram ao encontro dos anseios dos místicos. Os primeiros grupos que melhor refletiram a necessidade de se buscar a Deus a partir de uma experiência ascética e de contemplação foram os chamados padres do deserto. Eles, assim, designam que a mística seria a evolução normal da graça de Deus em todo homem. E como a mística parte do interior de cada um, ela é, por natureza, mais introspectiva, pautada em reflexões e experiências extáticas de aproximação com Deus. Essa é uma característica central da mística cristã, que é essencialmente extática. Tal definição foi reforçada por Dionísio, o Aeropagita, entre 425 e 525 d.C., o qual reafirmou a natureza particular da união com Deus, existente somente nos êxtases⁵⁹.

Durante a Idade Média, o autor aponta que a Escolástica tentou desmembrar da Teologia esta dimensão mais ligada a espiritualidade, a fim de prevenir erros na fé. Também verificou um momento de florescimento da mística com os mendicantes na pessoa de seus líderes: S. Domingos e S. Francisco. Os dois, sobretudo o segundo, já não se atinham à busca de Deus pela reflexão, mas também se dedicavam a uma imitação de Deus, inspirados na vida de Cristo. Trata-se de uma experiência mística mais radical, também revelada na exterioridade e que se tornou muito popular, tendo servido de base para a vida da própria Catarina de Siena, que buscou também, em seu corpo e em sua vida, estar cada vez mais próxima do Cristo⁶⁰.

Durante a Idade Moderna, os grandes expoentes do misticismo foram os santos João da Cruz e Teresa D'Ávila, reformadores da Ordem Carmelita que, vivendo o espírito do Concílio de Trento (1545-1563), uniram mística e atividade missionária. É evidente que, no período posterior, com o Iluminismo, a experiência mística foi um tanto quanto desacreditada, considerada fruto de uma histeria religiosa. Mas a postura se reergueu com o movimento ultramontano, com o reavivar da religiosidade e do devocionismo à figura de Maria, do Sagrado Coração de Jesus. Neste contexto, sobretudo na França, buscou-se reforçar a fidelidade à Igreja de Roma, integrada pela Teologia como peça chave na busca por Deus. Del

⁵⁷ DEL GENIO, M.R. Mística (notas históricas) In: BORIELLO, L. et al. *Dicionário de mística*. Paulus: Edições Loyola, 2003. p. 708.

⁵⁸ Ibidem.

⁵⁹ Ibidem. p. 709.

⁶⁰ Ibidem.

Genio menciona o teólogo Karl Rahner como um sistematizador da experiência mística dos novos tempos, na esteira do Concílio Vaticano II:

Entre os mais importantes devemos mencionar K. Rahner, para o qual todos os seres humanos, em todas as suas ações, são positivamente orientados para o mistério de Deus. Restabelecendo os ensinamentos dos Padres gregos, insistiu no conceito segundo o qual a graça não é só realidade para conseguir a felicidade futura, mas também, e mais ainda, a comunicação gratuita de si da parte de Deus, que diviniza o homem em todos os aspectos de seu ser. Toda a história humana e todas as dimensões da existência humana são circundadas dessa graça; por isso, todas as coisas potencialmente revelam o mistério de Deus, e todo esforço humano autêntico pode aproximar o homem de Deus e contribuir para a difusão de seu reino. A igreja, por meio da Escritura, da liturgia e do ensinamento, ajuda os cristãos a tomar consciência de sua experiência de graça⁶¹.

Rahner trouxe novamente as pressuposições dos antigos de que a mística faz parte integrante da vida do cristão. Movido pelos ideais do Vaticano II, o teólogo certamente quis reforçar maior acessibilidade a Deus, a qual poderia ocorrer a partir dos esforços humanos verdadeiramente empenhados em aproximar-se Dele. O posicionamento atual da Igreja encontra-se exatamente nos documentos de seu último Concílio, especificamente na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* e na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. Neste último, ao abordar a realidade sobrenatural da Igreja enquanto Corpo Místico de Cristo, aponta que o cristão, pelos sacramentos, tende a se conformar gradualmente com Cristo até chegar a plena união com Ele: -todos os membros se devem conformar com Ele, até que Cristo se forme neles. por isso somos assumidos nos mistérios da Sua vida, configurados com Ele, com Ele mortos e ressuscitados, até que reinemos com Ele!⁶². Já no outro documento, *Gaudium et Spes*, encontramos o principal pilar da mística, a união com Deus, atrelado a natureza humana. Para o Concílio, a união com Deus é uma vocação humana:

A razão mais sublime da dignidade do homem consiste na sua vocação à união com Deus. É desde o começo da sua existência que o homem é convidado a dialogar com Deus: pois se existe, é só porque, criado por Deus por amor, é por Ele por amor constantemente conservado; nem pode viver plenamente segundo a verdade, se não reconhecer livremente esse amor e se entregar ao seu Criador⁶³.

A essência mais profunda do homem seria o sentido natural de unir-se a Deus, apenas esse caminho confere sentido à sua vida, pois o homem só existe em função do amor de Deus, ao qual é convidado a se entregar. A mística não é tratada abertamente em nenhum documento do Concílio, nem existe apenas um documento especificamente dedicado a ela. No entanto, a partir dos dois documentos citados por nós, é possível vislumbrar que a Igreja entende a união com Deus como impulso natural do homem, que deve ser orientado pela sua autoridade e presença materna, nutrindo os fiéis com os sacramentos.

Para Michel Certeau, o místico é aquele indivíduo movido por uma constante melancolia, luto, um desejo de estar junto de Deus, de contemplar-lhe a face, o que, de acordo com o cristianismo, não está reservado à vida terrestre. O místico consegue encontrar este mesmo Deus em um espaço intermediário, acessível unicamente por ele, cuja localização não

⁶¹ Ibidem. p. 712.

⁶² *Constituição Dogmática Lumen Gentium*. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html>. Último acesso em: 28/02/2019.

⁶³ *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html>. Último acesso em: 28/02/2019.

é possível precisar. Os místicos externam sua fala a partir de diversos meios, como o corpo: que sofre pela distância de Deus, um corpo marcado externamente pelas práticas ascéticas, pelos jejuns e pelas dores. É classificado por Certeau como uma erótica, tal como os romances de cavalaria do século XIII, nos quais o contentamento está em busca constante pela amada que, ao mesmo tempo, é acessível e inacessível. Esta dualidade, presença e ausência, permeia todo o discurso místico pela busca de Deus. Apesar disso, este discurso é também voltado à linguagem religiosa oficial, ortodoxa, mas a transforma e se opõe a ela:

Assim também, ela visa ainda geralmente os membros e produtores desse universo (clérigo, fiéis) nos termos de sua tradição, mas ela desconstrói a partir de dentro os valores que eles têm como essenciais: desde a certeza em um Locutor divino cujo cosmo é a linguagem até a verificabilidade das proposições que compõem o conteúdo revelado, a partir da prioridade que o Livro detém sobre o corpo até a supremacia (ontológica) de uma ordem dos seres sobre uma lei do desejo, não há nenhum postulado desse mundo medieval que não seja alcançado ou minado pelo radicalismo desses místicos⁶⁴.

Segundo Certeau, foi a partir do século XIII que os místicos se tornaram conhecidos, pois se ergueram em oposição à Teologia profissional que se consolidava. Como vimos, o discurso do místico é aquele que ressignifica a ortodoxia, que, a partir dele, está além do livro e, muitas vezes, encontra-se apenas na esfera da oralidade. Vemos a natureza dos místicos e sua capacidade transformadora como o elemento que lhes confere a periculosidade (aos olhos da instituição Igreja), porém, ao mesmo tempo, o poder, que lhes destaca dos demais. Esta singularidade, digamos assim, também se revela no cotidiano, que se mistura com o fantástico: cada detalhe das tarefas diárias se torna mito. Assim, o místico é aquele que busca sempre ir ao encontro do outro, torna-se familiar a ele, ao mesmo tempo em que se distancia, seja por meio de suas pregações ou até mesmo por meio de sua vida, na qual os detalhes mais comuns são possíveis de se deparar com o fantástico, o divino. Por isso eles produzem o que Certeau chama de fábula, um conjunto de relatos simbólicos que está em constante oposição com a escrita, detentora da supremacia.

Análogo às atitudes um tanto paradoxais, Certeau exemplifica muito bem apresentando-nos a figura da salê, a idiota, a louca do deserto. Situada nas origens do cristianismo, ela se encontra no ambiente de um convento feminino: anônima, mas ao mesmo tempo, destacando-se em meio às demais pelas suas práticas ascéticas, seu jejum e trabalho incessantes. O ponto culminante da história desta louca se dá a partir de seu encontro com um sábio, o qual havia recebido a mensagem de um anjo sinalizando-lhe que havia uma mulher, cuja santidade era muito maior do que a dele, pois ela era autêntica e entregue totalmente a Deus. Ouvindo isso, o sábio vai até o convento em busca da mulher e logo que a encontra tem a imediata confirmação daquilo que o divino mensageiro proferira. Imediatamente ajoelha-se diante dela, mas ela também faz o mesmo, e não se deixa exaltar por um momento sequer. Após o episódio, que também contou com o reconhecimento das próprias irmãs, as quais outrora a agrediam e a incomodavam, a louca resolveu deixar o convento. Certeau entende que esta saída aponta para um elemento muito importante: a louca era uma extensão do nada, uma continuidade de todos aqueles restos em meio aos quais habitava. Entretanto, ainda assim, ela era um ponto importante de centralidade, em torno do qual seguia a vida e as relações do convento.

Ela assume para si as mais humildes funções do corpo, e se perde num insustentável, abaixo de toda linguagem. Mas esse rejeito –nojento|| permite às outras mulheres a repartição das refeições, a comunidade dos signos vestimentares e corporais da eleição, a comunicação das palavras; a excluída torna possível toda

⁶⁴ CERTEAU, Michel. *A fábula mística séculos XVI e XVII: volume 1*. Rio de Janeiro: Forense, 2015. p. 9.

uma circulação⁶⁵.

Neste mesmo sentido, o autor corrobora com a tensão sempre presente na possibilidade de uma inversão, qual seja a elevação da louca anônima à figura central de Mãe – destituindo o velho sábio de sua função de Pai. Tal processo se tornou possível devido à palavra do anjo, que rompeu as distâncias entre ambos, uma palavra que também abriu novos espaços àquela mulher. Quanto à palavra, de origem divina, Certeau identifica como a base mística que autoriza a mulher ocupar um patamar mais destacado. Todos estes acontecimentos são também marcados, de acordo com a narrativa apresentada pelo autor, de entradas e saídas, culminando com –saída definitiva da louca (ela foi embora, para sempre) [...]”⁶⁶. Saindo de si, em um verdadeiro ato de excesso, é que a louca encontrou a verdadeira sabedoria. E ela permaneceu nesta condição de saída, mesmo quando o sábio a chama de mãe e pede para que ela o abençoe. O sábio também queria, com essa situação, extrair a mulher de seu lugar particular, de seu infinito, de seu espaço indeterminado, mas ela, mais uma vez, escapa-lhe, pois em sua resposta acentua o lugar simbólico ocupado pelo sábio, lugar este que deveria ser de um homem. –Desse ponto de vista, ela ‘se recusa’ a tomar o lugar que ele ocupa na instituição simbólica. Assim, ele vai continuar seu ministério, censurar, falar, abençoar, retomar seu posto. Ela fica no outro, no infinito de uma abjeção sem linguagem”⁶⁷.

Recusando-se a assumir o posto daquela veneranda figura masculina nos limites da instituição da fé, a mística segue em sua trajetória voltada para Deus e com a linguagem orientada para este mesmo Deus, a quem Certeau chama de –Outroll. Isso porque em sua fala, ela sequer se dirige ao homem, pois está perdida na busca por Deus. O místico, portanto, é aquele em cuja origem encontramos vários traços destes restos, detritos, experiências que perpassam pelo repugnante, em um sentido distanciar-se do mundo. Porém, esta distância é paradoxal a partir do momento que em torno do místico organizam-se vastas redes de relações, e muitos observam na trajetória deste indivíduo uma figura capaz de lhes guiar e justificar os atos. São submissos a partir do momento em que não almejam ocupar o alto posto simbólico da instituição, mas ao mesmo tempo perigosos porque, a partir de sua sabedoria toda particular, tornam-se ferrenhos críticos de toda ação que se desvia de Deus. Por conta disso, o místico tem um forte poder de desconstrução, de criar brechas e de ressignificar. Como nos diz Certeau: –talvez enquanto o *sym-bolos* é ficção produtora de união, ela é então *dia-bolos*, dissuasão do simbólico pelo inominável dessa coisa”⁶⁸.

O místico é, portanto, aquele que se distancia e se opõe, é aquele cuja ação/transformação ressignifica. Pensar a trajetória de um indivíduo com estas características é questionar: que brecha encontrou na estrutura da sociedade para alcançar seus objetivos? Como conseguiu relacionar-se com a instituição religiosa oficial ao mesmo tempo em que manteve sua autonomia, sua paradoxal ausência, sua busca pessoal por Deus? Enfim, quais estratégias foram utilizadas? É, por isso, a categoria teórica da estratégia o cerne desta questão, vejamos.

No prefácio de –A Herança imaterial”, Jacques Revel identifica dois objetivos na obra de Giovanni Levi: o primeiro seria uma reconstrução de diversas trajetórias individuais no recorte espacial escolhido pelo autor para sua pesquisa; o segundo objetivo se revelaria de forma mais sutil ao longo da obra, a argumentação de que, naquela região do Piemonte, no século XVII, teria surgido uma nova racionalidade de resistência em meio à consolidação do absolutismo e seu aparato burocrático, uma resposta a um momento de transformações e incertezas. No mesmo sentido daquilo que Levi considera como estratégia (um meio de

⁶⁵ Ibidem. p. 53.

⁶⁶ Ibidem. p. 55.

⁶⁷ Ibidem. p; 57.

⁶⁸ Ibidem. p. 60.

resistência e transformação), ele menciona uma –racionalidade seletiva, a qual seria marcada por alguns elementos como: ambiguidade das regras, necessidade de tomar decisões em situações de incerteza, quantidade limitada de informações, tendência a simplificar os mecanismos causais, utilização inconsciente das incoerências entre os sistemas de normas e de sanções. Esta categoria explica o comportamento individual situada entre aquilo que é exigido pela sociedade e aquilo desejado subjetivamente.

Estas relações cotidianas passam por equilíbrios e rupturas, para as quais Levi chama atenção, ou seja, os processos e não os resultados finais, que, segundo ele, acabam se sobrepondo aos indivíduos. Mas nos intervalos, nas brechas entre os sistemas, atuam os indivíduos com sua própria estratégia que afetam e transformam diretamente o seu meio. Por exemplo, Levi atribui o sucesso da pregação do padre por ele estudado não ao seu discurso propriamente dito, mas sim porque ele abriu um espaço para os camponeses, permitiu que fossem ouvidos e simplificou seus problemas: as doenças, a fome, a miséria não precisariam estar ligadas ao complexo e caótico cenário interno e externo (em meio a conflitos entre a nobreza e guerra com outros estados), mas sim a ação demoníaca.

O que Chiesa propunha era uma simplificação dentro dessa atmosfera que aumentava a angústia diante de males que se desenvolviam pelos campos e cujas causas eram novas e desconhecidas, pelo menos em sua extensão. Passava-se, assim, de um modelo pluricausal a um nexo neocausal. A autoridade provinha de sua posição de pároco e acrescentava mais força a sua pobre pregação teórica⁶⁹.

Desta forma, a estratégia, como entendida por Levi, é uma valiosa categoria teórica para pensarmos trajetórias individuais, sobretudo daqueles que se encontram no cerne de uma grande rede de relações – são porta-vozes de um grupo e, por isso, munidos de autoridade.

Então, antes de passarmos a discussão em torno das características e trajetória das fontes, é válido ressaltar que, até aqui, foi nosso intuito apresentar a fonte e justificar sua escolha, entendendo-a como um mecanismo de representação, como uma forma de escrita de si da própria Catarina, a qual se reinventou enquanto autoridade e representante de Deus. Também buscamos clarificar a maneira pela qual articulamos os conceitos dos campos político e religioso e de estratégia em nossa pesquisa, tendo como ponto de articulação a figura do místico. Este nos possibilita observar como as fronteiras dos campos apresentados por Bourdieu são maleáveis, haja vista que estejam sempre sujeitos a transformações, especialmente por parte dos leigos ou profanos. Tal característica é ainda mais evidente no tratamento que o autor dá a religião, que apesar de se assentar na exclusão (a semelhança do campo político, pois sua função social é igualmente de ordenamento), na delimitação de um corpo sacerdotal detentor do conhecimento e dos dons de salvação em oposição a um vasto laicato, é altamente adaptável a cada grupo que a acolhe, transformando-a constantemente. Neste contexto insere-se a figura do místico que, vivendo um verdadeiro paradoxo existencial, exprime de forma muito privilegiada as funções sociais e políticas do campo religioso: mesmo distante em sua imersão no sagrado, torna-se porta-voz deste mesmo sagrado nos assuntos mundanos. Tratando-se de Catarina, pode-se afirmar que ela exerceu esta mediação a favor da Igreja por meio suas cartas, estabelecendo uma intensa rede de comunicação e sociabilidade.

Uma trajetória da arte epistolar:

E para compreendermos como Catarina pôde lançar mão de estratégias tão refinadas

⁶⁹ LEVI, Giovanni. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 78.

em seu epistolário, é necessário que entendamos o que é exatamente uma carta, e não apenas isso, mas também como esse gênero textual se tornou, na Idade Média, uma ferramenta sistemática da arte do conhecimento, da retórica – processo diretamente ligado a figura do secretário, do escriba, figura que foi parte integrante da vida política de Catarina.

A carta, segundo Eliane Vasconcellos⁷⁰, tem origens remotas, que se encontram desde a antiguidade⁷¹. Segundo a autora, gregos e romanos escreviam em tabletes de cera a fim de se comunicar. Essas mensagens eram carimbadas com o sinal do remetente, o mesmo procedia com a utilização do carimbo. Durante a Idade Média, tinha lugar o pergaminho – mais tarde substituído pelo papel. Ao longo do tempo, ressalta Vasconcellos que a carta esteve continuamente envolta em sigilo. Seus assuntos eram confidenciais, faziam parte do espaço privado, inviolável. Por muitos anos, como nos atesta a historiografia, as cartas foram esquecidas nos arquivos públicos ou privados, como vestígios sem valor. Porém, os historiadores foram, pouco a pouco, tomando consciência de sua importância: as cartas são testemunhos de sua época, permitem investigar trajetórias pessoais, ações, reflexões e estratégias cotidianas.

Sobre a Antiguidade, Martins Baños assinala um elemento de grande importância para a o desenvolvimento da arte epistolar: os estudos de Retórica, a qual, na antiguidade clássica, dedicava-se ao exame do discurso oral, enquanto os demais aspectos literários caíam para segundo plano. Mas, com a codificação dos estudos em Retórica, as outras áreas, mesmo que secundárias, foram afetadas. Dentre elas, a carta, definida por pseudo-Libanio como a –conversa entre os ausentes e a época abrangem uma série de temas, diferentemente da Idade Média, marcada por uma rigidez dos manuais. A carta é, então, entendida pelos antigos como o meio da relação espontânea, do estilo humilde, desenfreado, que reflete a alma do escritor, que não mede suas palavras⁷².

Cláudia Bovo define a carta enquanto texto de extraordinária vitalidade. De maneira precisa, associa sua origem como concomitante ao advento da escrita. Na Grécia, o meio de comunicação pelas cartas atingiu grande prestígio e foi dotado de regras, sendo elevada à condição de um gênero literário, qual seja, o gênero epistolar⁷³.

Ao longo da Idade Média, por sua vez, este gênero ganhou um grande fôlego entre os séculos XI-XII, em meio aos homens que detinham o domínio da escrita. Foi, de acordo com Bovo, uma era de ouro da epistolografia: primeiro, devido ao crescimento do número das cartas; e, segundo, por conta da diversidade de técnicas e modelos das mesmas⁷⁴. Este desenvolvimento também foi possibilitado devido às características do período, marcado pela formação das universidades e dos intelectuais.

Os antigos são especialistas, que encontram lugar mais adequado em um ensino especializado - o das artes liberais, das disciplinas escolares - do que os Padres ou a Escritura, que antes devem ser reservados à Teologia. O intelectual do século XII é

⁷⁰ VASCONCELLOS, Eliane. Carta missiva. *Remate de Males*, v. 18, 1998.

⁷¹ Para rede de sociabilidade ver IMIZCOZ, Jose Maria. «Actores, redes, procesos: reflexiones para una historia más global». *Revista da Faculdade de Letras, História*, Porto: Faculdade de Letras, v. 3, n. 5, p. 115-140, 2004. E também GONTIJO, Rebeca. «História, cultura, política e sociabilidade intelectual». In: SOIHET, Rachel; BICALHO, Maria Fernanda; GOUVÊA, Maria de Fátima (orgs.). *Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005. 467 p., cap. 11, p. 259-284.

⁷² MARTIN BAÑOS, Pedro. Retórica epistolar: de la carta a la autobiografía, el ensayo y la novela. *Actas de las III Jornadas de Humanidades Clásicas* Almendralejo. Febrero de 2001. p. 147-148. Para cartas, ver também GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella. *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

⁷³ BOVO, Claudia Regina. No âmago da epistolografia medieval: tipologia epistolar e política na correspondência de Pedro Damiano (1040-1072). *História* (São Paulo) v.34, n.2, p. 263-285, jul./dez. 2015. p. 263.

⁷⁴ Ibidem.

um profissional, com seus materiais básicos, os antigos, com suas técnicas, a principal das quais é a imitação dos antigos⁷⁵.

Gilles Constable, em artigo dedicado a traçar o nascimento da burocracia no século XII, abrange as causas do florescimento da carta. Segundo ele, não foi devido apenas aos avanços intelectuais e um desejo maior de se expressar, mas também por conta de necessidades políticas e administrativas, que tornavam imperativo um sistema mais dinâmico e eficiente. O interessante é que o que autor eleva a persuasão e a consulta a lugar de destaque, isso porque, em um mundo vasto, a importante ferramenta para influenciar ações era a carta. Assim, *–letters bridged the gap not only between individuals but also between people and institutions and between official documents and works of literature cast in epistolary form*⁷⁶.

Ao lado da *ars dictamini*, estavam também a *ars arengandi* (fala em público) e *ars praedicandi* (pregação), que compunham uma trindade norteadora da formação daqueles que almejavam seguir carreira pública ou eclesiástica. Era vital que houvesse profissionais capazes de redigir cartas de acordos com os padrões vigentes. Em alguns casos, as cartas tinham uma dupla intenção. De acordo com Constable, eram privadas e públicas; estruturadas em seu cerne por esta dualidade público/privada, eram vistas como reflexos dos corações dos remetentes, como documentos até de caráter autobiográficos, o que foi possível pelo olhar aos antigos e bem como ao processo de reavivamento da obra de Cícero.

A herança dos antigos trouxe à Idade Média a definição de carta como uma conversa entre os ausentes, substituta da solidão, sustentáculo da amizade. Constable ressalta que tais sentimentos não estavam ligados apenas a fatores íntimos, mas também a questões políticas: esperava-se que toda carta pudesse, eventualmente, ser lida mesmo por outro que não o seu destinatário original, por isso era comum que em alguns casos, cuidados especiais fossem recomendados no sentido de destruir esta ou aquela carta, acentuando o sigilo. Os remetentes eram dados, em alguns casos, a medidas diplomáticas: *–many letters were in effect either letters of introduction or diplomatic instructions, and the real message was delivered orally*⁷⁷. Catarina de Siena, em alguns momentos, confiava a parte mais importante de suas cartas não ao suporte da escrita, mas ao mensageiro, o que enterra nas brumas do tempo, a nós, a verdadeira mensagem deste tipo de cartas. Tal simbiose entre escrita e fala na pessoa daquele que era o mensageiro se dava porque a distinção entre fala e escrita era quase nula:

The distinction between writing and speaking was less sharp in the Middle Ages than it is today. Letters were called *sermones* and *orationes* because they were spoken in the course of preparation and were often delivered orally, as speeches, even to recipients who knew Latin and how to read. *Legere* and *audire* were used as synonyms, and "read and hear" was a commonplace in medieval works of both prose and poetry at least until the fourteenth century⁷⁸.

Fala e escrita, ouvir e ler eram, portanto, sinônimos e esta oralidade foi elemento constitutivo da maioria dos trabalhos até o século XIV. O êxito de uma carta dependia de sua elaboração, de sua apresentação, e isso dependia de quem as escrevia. A maior parte das cartas era escrita por secretários, os quais seguiam as instruções daquele que ditava. Assim, anotavam a base da fala do *dictator* e depois as reconstruíam da melhor maneira possível, em uma carta bem elaborada e consistente. A respeito de todas as funções que envolviam

⁷⁵ LE GOFF, J. *Os intelectuais na Idade Média*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017. p. 36.

⁷⁶ CONSTABLE, Gilles. Dictators and Diplomats in the Eleventh and Twelfth Centuries: Medieval Epistolography and the Birth of Modern Bureaucracy. *Dumbarton Oaks Papers*, Vol. 46, *Homo Byzantinus: Papers in Honor of Alexander Kazhdan* (1992), pp. 37-46. p. 37.

⁷⁷ *Ibidem*. p. 40.

⁷⁸ *Ibidem*.

elaboração, escrita e envio de uma carta, Constable cita S. Bernardo de Claraval, que apresentou uma clara distinção dos papéis neste processo.

Bernard of Clairicaux, in a letter written in 1124, distinguished the functions in writing a letter respectively of invention (*ingenium*) in composing (*dictando*), lips in dictating (*confabulando*), fingers in writin (*scribendo*), and messengers in carrying (*discurrendo*) a letter⁷⁹.

Ao proceder à análise de um epistolário, é preciso ter em mente todos os possíveis papéis desempenhados na confecção de determinada carta como um documento independente. Mesmo que não se encontre dentre nossos objetivos o estudo da trajetória individual de cada um dos secretários de Catarina, a grande relevância de suas funções é, em parte, revelada na contribuição que podem oferecer para a compreensão da trajetória de organização das fontes, como veremos mais adiante. No mais, quanto a estes profissionais, fica clara a exigência em sua formação que se consolidou a partir do século XII: tais homens precisavam possuir uma vasta visão de mundo, das conjecturas políticas, um conhecimento considerável da gramática e das formas retóricas que lhes permitissem ornar a carta e torná-la convincente. Consolidou-se, neste momento, a codificação, a *literalização* da retórica, pois havia uma cultural oral, como as pregações, as aulas nas universidades do século XIII, mas é inegável que a educação, constantemente, foi se baseando cada vez mais nas letras, na escrita. Assim, a retórica se transformou junto com a Gramática em uma ciência do texto.

Na Idade Média, a Retórica entrou em franca decadência enquanto área autônoma, mas subsistiu, a partir dos estudos de tratados antigos, meios para as regras retóricas: é a chamada *ars dictaminis*. Esta é parte integrante da formação de qualquer homem medieval, sobretudo para aqueles notários e universitários, isso porque seu principal objetivo era ensinar a redigir cartas e documentos. As cartas tornaram-se um gênero central e a epístola perdeu seu caráter íntimo e espontâneo da antiguidade para se transfigurar em um documento solene, regido por um modelo e convenções.

Neste sentido de uma formalização da escrita das cartas, Baños nos apresenta as várias partes destes documentos, quais sejam: *salutatio*, *exordium*, *narratio*, *petitio* e *conclusio*⁸⁰. A diferença com a antiguidade já é observada nesta primeira parte, principal foco dos pesquisadores e considerada de extrema importância: toda sensibilidade antiga dá lugar um texto rigoroso, que precisa conter os atributos e adjetivos do destinatário, visando já neste primeiro momento conquistar os objetivos almejados.

Si la carta se dirige a un hombre de rango superior, éste esperará ver su nombre en primer lugar, acompañado de los adjetivos o attributa más convenientes y halagadores; si por contra se trata de un hombre de dignidad inferior sabrá que su nombre deberá ir en segundo lugar, después del nombre del remitente, pero querrá

⁷⁹ Ibidem.

⁸⁰ Uma boa apresentação de cada uma destas partes nos apresenta Ricardo Shibata: —Alberico foi o primeiro a atrelar a escrita de cartas aos princípios da retórica, sobretudo às formulações da Rhetorica ad Herennium, então atribuída a Cícero. Em seu *Dictaminum Radii* (final do século XI), Alberico afirma que, na carta, a saudação (*salutatio*) deve vir sempre em primeiro lugar, em destaque e separada do exórdio (*exordium*), restando absolutamente claro aqui que a primeira tarefa é determinar a relação hierárquica entre —quem escreve e —para quem se escreve. Daí que a constituição e o elenco das dignidades do destinatário, exaltando sua fama e seu poderio, acabam por transformar-se numa forma especializada de encômio, mobilizando, portanto, as regras do gênero epidítico, o que evitaria, em termos do decoro retórico, o vício de não tratar devidamente a quem a carta se endereça. Ou, conforme reza a fórmula medieval, *tu non me tractas secundum ego mereor*. Depois, deve seguir-se a narração (*narratio*) — breve e clara, levando em conta o conjunto de referências pragmáticas de pessoa, assunto e intenção —, a petição (*petitio*) e a conclusão (*conclusio*) — esta, em forma de despedida (*valedictio*)||. SHIBATA, Ricardo Hiroyuki. A —arte do ditado|| - a emergência do dictame e da *ars dictaminis* na Idade Média. *Revista Philologus*, Ano 22, N° 65. Rio de Janeiro: CEFEL, maio/ago.2016. p. 10.

verse ensalzado, igualmente, en los adjetivos escogidos para referirse a él⁸¹.

Os tratados, de acordo com o autor, ocupavam muitas páginas para descrever diferentes possibilidades de relação entre remetente e destinatário, ou seja, maneiras de dirigir-se, oferecendo sugestões de saudações adequadas a posição social. A suposta simplicidade das cartas, atribuída ao período da Antiguidade, devia ser desconsiderada para que toda a sofisticação dos conhecimentos retóricos se sobressaíssem, a fim de persuadir o destinatário.

Aprimorando a reflexão de Martins Baños, Constable aponta o grande cuidado dedicado à ordem dos nomes em uma dada carta, pois um descuido poderia frustrar qualquer intento de êxito: “*A trained letter writer knew the suitable terms of salutation and the correct order of names, which reflected the respective social and political positions of the writer and addressed*”⁸².

Tomar consciência da atuação destes secretários enquanto peças-chaves na escrita das cartas permite um novo olhar para análise de qualquer epistolário, haja vista que é possível, a partir daí, dirigir-lhe um olhar mais inquisitivo do que inquieto, ciente de sua complexidade. No caso específico de nossas fontes, os secretários que também eram ligados à Catarina por laços afetivos e foram vitais para que ela pudesse se comunicar por este meio – uma vez que se tratava de uma mulher analfabeta, que só aprendeu a ler alguns anos antes de sua morte. Contribuíram também no sentido de enquadrar a forma das cartas dentro dos moldes previstos, e, em muitas cartas, é possível notar a grande argúcia como os adjetivos (atribuídos à própria Catarina) são postos e também como o tom de superioridade. Paralelamente a estes, observamos as veladas ameaças, que deixam facilmente lugar, se necessário, a subserviente postura de reconciliação e humildade. Lugar privilegiado, na carta, onde é possível observar estes cuidados retóricos é a *salutatio* ou saudação, o primeiro elemento das cartas.

Baños aponta a *salutatio* (saudação) como elemento decisivo em toda a estrutura da carta. A respeito de sua estruturação, o autor afirma que há algumas características que remetem à tradição da Antiguidade, mas diferem em um ponto central: os objetivos buscados. Seguindo no mesmo sentido que Constable, Baños aponta que os tratados de *ars dictaminis* medievais dedicavam muitas folhas a este respeito: “*los primeros elementos del saludo, los nomina de remitente y destinatario, son estudiados con considerable emplitud en las artes dictaminis [...]*”⁸³. Por trás da *salutatio*, estava um conjunto complexo de regras e normas que deveriam ser observadas por aqueles cujo ofício consistia em escrever as cartas. Uma dessas normas, segundo o autor, é o cuidado com a disposição dos nomes, já que os indivíduos não eram iguais e não deviam merecer o mesmo tratamento; conseqüentemente, no caso de cartas para diversos destinatários, era muito importante que os nomes externassem claramente tais diferenças. Privilégios especiais eram dados aos membros do clero (sempre deveriam antepor-se aos demais). Além da pura organização dos nomes, ainda havia um grande cuidado com os adjetivos que deveriam acompanhá-los.

Em suma, Baños estabelece duas características relevantes: uma forte preocupação com a retórica que objetiva-se a conquistar o destinatário, sua atenção, sua benevolência, isso a partir do contraste de dois princípios: a humildade e o elogio⁸⁴. O autor menciona, dentre os

⁸¹ MARTIN BAÑOS, Pedro. Retórica epistolar: de la carta a la autobiografía, el ensayo y la novela. *Actas de las III Jornadas de Humanidades Clásicas Almendralejo*. Febrero de 2001. p. 147-148. p. 149.

⁸² CONSTABLE, Gilles. Dictators and Diplomats in the Eleventh and Twelfth Centuries: Medieval Epistolography and the Birth of Modern Bureaucracy. *Dumbarton Oaks Papers*, Vol. 46, Homo Byzantinus: Papers in Honor of Alexander Kazhdan (1992), pp. 37-46. p. 42.

⁸³ MARTIN BAÑOS, Pedro. *El arte epistolar en el Renacimiento europeo. 1400-1600*. Bilbao: Publicaciones de la Universidad de Deusto, 2005. p. 149.

⁸⁴ *Ibidem*. p. 151.

adjetivos, aquele exclusivo ao Sumo Pontífice, qual seja, –servo dos servos de Deus⁸⁵; fato curioso é que Catarina também o empregava ao referir-se a si mesma, o que é um interessante reflexo deste jogo entre humildade e elogio. Contudo, é possível acrescentar à humildade outra característica: autoridade; afinal ao usar um título semelhante ao do papa, ela trazia a si uma forte autoridade.

No epistolário da Santa, a *salutatio* é um elemento muito interessante a ser analisado. A disposição dos nomes não encontra grande importância, já que poucas cartas são enviadas a mais de um destinatário. Em um delas, especificamente aquela enviada aos cardeais Pedro Orsini, Tiago Orsini e Simão de Borzano, cuja intenção era uma reprimenda a estes cardeais por terem participado do conclave responsável pela eleição do antipapa e uma inflamada súplica para que voltassem a comunhão com Urbano VI. Na saudação da citada carta, é feito primeiro a alusão aos cardeais e depois à própria Catarina, no entanto é notável a simplicidade das palavras dirigidas a eles:

Em nome de Jesus Cristo crucificado e da amável Maria, caríssimos irmãos e pais no doce Cristo Jesus, eu Catarina, serva e escrava dos servos de Jesus Cristo, vos escrevo no seu precioso sangue, desejosa de vos ver voltando à verdadeira e perfeitíssima iluminação, deixando as trevas e a cegueira na qual caístes⁸⁶.

–Irmãos e pais⁸⁷ é o único tratamento do qual Catarina lança mão, nenhum outro pronome seria adequado ao trato com autoridades da Igreja, certamente porque a estes cardeais, Catarina não dispensava nenhum afeto por serem partidários do antipapa, sem contar que o próprio uso do termo –irmão⁸⁸ já indica patente igualdade entre ela e os destinatários, e este termo só aparece em cartas dedicadas aos indivíduos mais íntimos e próximos de Catarina, mas não aos que ela considerava superiores, sobretudo membros da alta hierarquia eclesiástica. Tais características ficam ainda mais evidentes ao fim, quando os habituais sinais de humildade deixam lugar à dureza: –não vos pareça duro que vos condene com palavras [...] e usaria palavras ainda mais fortes, se Deus me permitisse falar-vos pessoalmente⁸⁷.

A diferença se confirma ao compararmos com cartas dirigidas a outros cardeais, desta vez em relações mais amistosas e favoráveis à Catarina, como por exemplo, o cardeal Pedro d'Estaing. Na primeira carta a este prelado, nomeado legado papal de Gregório XI nos Estados Pontifícios, Catarina o parabeniza pela nomeação, exortando-o a progredir no puro amor a Deus. Na saudação, o tom é completamente diferente daquele dispensado aos cardeais cismáticos: –caríssimo e reverendíssimo pai⁸⁸. Ao fim da carta, o tom de reverência se repete com um misto de admiração: –Ó meu pai, legado papal! Quero vos ver assim! Um legado preso ao amor verdadeiro e ardente⁸⁹. Mais duas cartas seriam enviadas ao cardeal e em ambas foi mantida a mesma escrita respeitosa, somente na última, de datação incerta (talvez por volta de 1375), Catarina mostrou-se um tanto exasperada pedindo que o cardeal se afastasse do amor interesseiro, do egoísmo e de qualquer corrupção. Catarina parece decepcionada com o cardeal, talvez esperasse que ele fosse mais influente junto a Gregório em seus interesses, sobretudo a Cruzada, mas ainda assim, ao fim da carta, encontramos: –pai, perdoai minha presunção.⁹⁰

De fato podemos perceber, a partir de dois exemplos, como a *salutatio* ou saudação, primeira parte de uma carta nos é reveladora. No caso específico de Catarina, o texto é elaborado de forma muito subjetiva, revelando seu modo de ordenação da sociedade. Assim,

⁸⁵ Ibidem. p. 150.

⁸⁶ SIENA, Catarina de. *Cartas completas*. Trad. João Alves Basílio. São Paulo: Paulus, 2005. p. 1008.

⁸⁷ Ibidem. p. 1014.

⁸⁸ Ibidem. p. 28.

⁸⁹ Ibidem. p. 30.

⁹⁰ Ibidem. p. 57.

aos cardeais hereges não é devida nenhuma honraria; por sua vez, ao legado, mesmo que suas intenções possam ter se pervertido, a típica retórica se manifesta novamente com o tom respeitoso e acompanhado do pedido de perdão pela audácia e dureza das palavras.

Analisando estas questões advindas dos tópicos retóricos presentes nos modelos de escrituração de cartas a partir da *ars dictaminis*, foi possível sublinhar uma estreita e privilegiada relação entre o místico e a carta, sobretudo porque acreditamos ser esta carta uma maneira de relevar, em sua plenitude, a figura do místico. Catarina, serva dos servos de Deus, que desejava ver determinado indivíduo empenhado em algum propósito; o imperativo do –eu desejo‖ se assentava não apenas em sua autoridade, mas na autoridade que Deus supostamente lhe concedeu enquanto sua porta-voz. Em Carta ao papa Gregório XI, datada aproximadamente entre julho a setembro do ano de 1376, Catarina responde ao papa que, um tanto angustiada, hipoteticamente havia lhe enviado uma carta. Tentando livrá-lo de qualquer temor que pudesse ser empecilho do retorno a Roma, respondeu-lhe: –a pedido de Cristo crucificado eu vos digo, doce e santo pai, que nada deveis temer. Vinde com segurança⁹¹. Catarina comunica ao papa a vontade de Deus e, certamente por isso, é que Gregório lhe conferiu um vasto espaço de atuação. O papa não foi nenhum homem inábil, mas, assim como seus sucessores, via-se às voltas com as conjunturas proporcionadas pela mudança à Avignon no início do século: perda de controle dos Estados Pontifícios e inúmeras revoltas – o que o impedia de retornar tão facilmente (conforme veremos mais adiante). Catarina não só lhe transmitia segurança, como também legitimidade, pois fica implícito que era desejo de Deus que Roma novamente abrigasse o Sumo Pontífice. Mais adiante, na mesma carta, fica ainda mais claro este papel de intermediador empenhado pelo místico: –Disse-me meu pai fr. Raimundo, a vosso pedido, que eu rezasse a Deus para saber se havia impedimentos à volta. Já rezei antes e depois da comunhão e não via morte, nem perigo algum, desses de que falam vossos conselheiros⁹². Aterrorizado por seu séquito, Gregório buscou a jovem Catarina, que lhe transmitiu a consolação vinda do próprio Deus. A linguagem mística era, portanto, muito arguta e convincente, e por ser uma retórica, um modo de fala, correspondia-se muito bem com a carta e com o ditador que transforma suas palavras em escrita.

Michel de Certeau associa a ciência mística, como ele se refere ao misticismo, diretamente à linguagem, como –uma prática da língua‖. Haja vista que o místico funciona como o representante ou o canal do próprio Deus, que deve transmitir uma fala sobre ou do próprio Deus. A mística na antiguidade (mais uma espiritualidade contemplativa) levava ao silêncio. A busca pelo Deus que estava distante e além da compreensão, entretanto, a partir da utilização do latim (uma língua técnica), fundamentava um novo modo de falar, mas ainda marcado, de certa forma, pelo silêncio, afinal não é o indivíduo, mas Deus quem deve se manifestar. Nesse complexo sistema, contrariando a teologia oficial de que as palavras são suficientes para dar conta dos sagrados mistérios, os místicos foram aqueles que constantemente se afastaram deste excesso de confiança e buscaram constantemente novas maneiras de falar, novos *modus loquendi*. É nesta busca pela reinvenção da linguagem que a mística se liga à dimensão da *ars dictaminis*, portanto, da epistolografia, enquanto uma ferramenta eficiente e ordenada.

Aproximadamente por volta do século XIII, houve o advento das línguas vernáculas, pois o latim à época era uma língua –trancafiada‖ nos muros das escolas e universidades, fato que corroborou para o desenvolvimento de novos falares. Por meio da literatura cortês, por exemplo, e também por relatos fantásticos elaborados por pregadores, monges e demais religiosos é que se deu este desenvolvimento – sustentado, em partes, também pelos místicos. Nascem, por exemplo, das comunidades de beguinhas flamengas, repúblicas femininas muito independentes e ricamente dotadas, ou conventos italianos de pregadores, frequentemente de

⁹¹ Ibidem. p. 765.

⁹² Ibidem. p. 766.

origem burguesa⁹³.

O berço de todas estas transformações foram as instituições laicas conjugadas às religiosas nos ambientes citadinos em constante florescimento. Ao desenvolvimento de uma nova língua, não se opuseram os tonsurados das universidades, antes eles incentivaram exatamente este bilinguismo. Tal fator gerou uma fragmentação da língua, da identidade: -a unidade perdida gera um trabalho para combinar e aproximar esses dialetos ainda percebidos como os fragmentos de uma simbólica⁹⁴. Em meio a este cenário de fragmentação, Certeau nos aponta para um forte desejo de um ajustamento, misturando línguas e palavras, reutilizando-as. É neste ponto que mais nos interessa a argumentação do autor: a mística foi também oriunda deste contexto, dessas misturas, quis ser a língua referencial em meio a tantas outras. O místico é um tradutor, constantemente empenhado em reinterpretar e reinventar as definições estabelecidas. No intento de estabelecer uma arte do falar em meio tanta heterogeneidade, buscou-se uma forma eficaz de se estabelecer uma nova unidade.

Ela deve poder recorrer a algumas teorias referenciais que, embora fora do campo das práticas a ordenar, não deixam de exercer o papel de conjuntos coerentes, onde buscar princípios, métodos e uma terminologia, e adaptá-las em seguida⁹⁵. Uma destas teorias enquanto uma ferramenta ordenadora advém exatamente da retórica medieval, qual seja, a *ars dictaminis* ou *ars dictandi*. Como vimos, foi uma arte que estabeleceu maneiras adequadas para o falar entre os correspondentes a partir do status social e dos assuntos. Certeau a define como -falar uma escrita⁹⁶. A arte epistolar proporcionou uma teoria da fala muito eficaz, dirigida, precisa, com normas a cada circunstância. O místico como Catarina, podia valer-se de secretários para ajudá-los em suas tarefas, mas por primeiro era Deus o seu *dictator* e tendo como secretário o próprio místico.

Essa estruturação jurídica e por assim dizer notarial da linguagem faz o objeto de uma ciência laica [...] mas ela fornece também um quadro técnico de —maneiras de falar à literatura que, desde as cartas de -direção, de -consolação ou de -confissão do século XV, -se dirige a Deus ou a clientelas espirituais e cujos próprios tratados, de Suso ou Santa Catarina de Sena a Francisco de Sales ou Surin, são majoritariamente fabricados a partir de cartas⁹⁷.

Por meio da arte epistolar, os místicos conseguiram estabelecer o acompanhamento a seus filhos espirituais e também assentar a base de suas principais obras (a doutrina de -O diálogo se revela fragmentariamente em diversas cartas e de maneira concisa em uma especialmente). E esta rede de discípulos, como bem sabemos, extrapola o fator meramente espiritual até se encarregar também de assuntos mundanos e se fortalece, solidifica devido à sedução exercida pelo místico. Oculto, não conhecido plenamente, sempre transitando entre as fronteiras ele encarna um segredo -que não é somente o estado de uma coisa que escapa ou se revela em um saber, mas também demonstra -um jogo entre atores e -circunscreve o terreno de relações estratégicas entre quem o procura e quem o esconde. Assim, -o oculto organiza uma rede social⁹⁸. E esta paradoxal relação entre ocultar e revelar tem seu reflexo no dizer e no não dizer, dualidade expressa por excelência na retórica presente na elaboração das cartas, que apesar de nos relevar tanto aspectos do destinatário quanto do remetente, também esconde muitas palavras, dedicadas exclusivamente a certos ouvidos.

⁹³ CERTEAU, Michel. *A fábula mística séculos XVI e XVII: volume 1*. Rio de Janeiro: Forense, 2015. p. 183.

⁹⁴ Ibidem. p. 185.

⁹⁵ Ibidem. p. 191.

⁹⁶ Ibidem. p. 192.

⁹⁷ Ibidem. p. 193

⁹⁸ Ibidem. p. 149-150.

Materialidade e trajetória das fontes:

Feita a reflexão em torno das principais categorias teóricas que sustentam nossa investigação, é importante voltarmos nossa atenção especificamente às cartas, a sua trajetória e materialidade. Em 15 de fevereiro de 1380, Catarina dirigiu uma carta a Fr. Raimundo de Cápua (seu confessor e futuro biógrafo), em que, além de descrever a iminência da morte, sentida nas diversas dores em seu corpo, ela externa suas últimas vontades em relação ao tratamento póstumo de seus escritos, vejamos: –Peço ainda a vós [...] que guardeis o livro e os demais escritos meus. Fazei deles o que vos parecer mais útil para a glória divina, junto com Tomás Buonconti. Ao lê-los, encontrei certo proveito⁹⁹.

É evidente que ela enfatiza certo livro, trata-se do –Diálogo, fruto de um suposto momento de êxtase, no qual havia feito quatro perguntas a Deus e teria obtido respostas com orientações precisas do mesmo. Dentro dos –demais escritos meus certamente estavam as orações e as cartas. O fato de não ter existido um desejo expresso por parte de Catarina de conservar as cartas e o fato de sua natural dispersão entre os destinatários, tornou o processo de sua compilação bastante fragmentária. A iniciativa de reunir as cartas que, se comparadas ao –Diálogo, não tinham para Catarina e nem para seus discípulos grande valor, partiu de seus mais íntimos escrivães, os quais a admiravam e, por isso, começaram a guardar algumas cartas que consideravam importantes e/ou serviam de inspiração. A efetiva compilação dos materiais manuscritos e sua impressão só se deram a partir do século XV, em meio a toda movimentação do processo de canonização. Assim, neste primeiro momento, nos dedicaremos a apresentar a trajetória das fontes, sua conservação e materialidade.

Os escribas (função muito comum e importante no medievo, como poderemos discutir adiante) lhe serviam na escrita das cartas, haja vista que a própria Catarina aprendeu a escrever muito tardiamente, precisamente entre os anos de 1377 e 1378, como nos atesta uma carta¹⁰⁰. Os secretários, a quem ditava as cartas, eram Raimundo de Cápua, Cristofano di Gano Guidini, Gerardo Buonconti de Pisa, Franceso Malavolti, mas os principais eram Neri di Landoccio Pagliaresi (poeta e nobre sienês), Stefano Maconi (a partir 1376, quando ele se juntou a ela no caminho de Florença até Avignon) e Barducio di Piero Canigiani (florentino, mencionado em 1378 e foi uma das companhias mais constantes de Catarina)¹⁰¹. Dos manuscritos originais, apenas oito cartas sobreviveram e, de acordo com Suzanne Noffke,

⁹⁹ SIENA, Catarina de. *Cartas completas*. Trad. João Alves Basílio. São Paulo: Paulus, 2005. p. 1274.

¹⁰⁰ Esta carta é a de número 272 é uma das mais famosas, pois nela está contido um resumo do Diálogo, obra-prima de Catarina, que posteriormente ganharia mais páginas. Entretanto, interessa-nos o fato de que, em suas últimas linhas, Catarina narra a seu confessor mais um, dentre muitos episódios sobrenaturais, que entrecruzam seu cotidiano: milagrosamente, com a ajuda de S. João e S. Tomás de Aquino ela havia aprendido a escrever, como prova desta ajuda divina estariam a própria carta 272 e uma outra, a qual não identificamos. Portanto, se com a ajuda dos santos ou de algum outro indivíduo, a nós interessa que de fato Catarina escreveu algumas cartas já no fim de sua vida, o que corrobora a autenticidade de seu epistolário (ao lado também de fatores como as saudações, o modo como organizava o corpo do texto e as conclusões das cartas). Segue o trecho da citada carta: –Esta carta e uma outra que vos mandei foram escritas de próprio punho em ilha de Rocca com muitos suspiros e abundância de lágrimas. Meu olho nem mais enxergava. Eu mesma fiquei cheia de admiração, meditando sobre a bondade e a misericórdia de Deus para comigo e para com todos na sua providência. Quanto a mim, deu-me paz, pois encontrava-me sem nenhuma consolação. Como não tivesse aprendido a escrever por ignorância minha, Deus providenciou, dando-me a capacidade de aprender. Assim, descendo das alturas, poderia desafogar um pouco o coração, evitando que explodisse. Por uma forma admirável, à maneira do mestre que ensina a criança com o exemplo, Deus imprimiu em meu espírito. Logo que partistes, adormecendo, comecei a aprender a escrever com o glorioso evangelista João e com Tomás de Aquino. Perdoai-me se escrevi demais. É que a mão e a língua concordam com o coração. Jesus doce, Jesus amor! SIENA, Catarina de. *Cartas completas*. Trad. João Alves Basílio. São Paulo: Paulus, 2005. p. 900.

¹⁰¹ NOFFKE, Suzanne. The writings of Catherine of Siena: the manuscript tradition. IN: MUESSIG, Carolyn; FERZOCO, George; KIENZLE, Beverly Mayne (org). *A companion to Catherine of Siena*. Brill: Boston, 2012. p. 296-297.

estão distribuídas por algumas instituições, são elas a *-Biblioteca comunale degli Intronati* em Siena (cinco cartas), na Igreja de Luzia na mesma localidade (duas cartas) e na Igreja de Santo Aluísio em Oxford (uma carta)¹⁰². Uma carta de Stefano Maconi a Neri Pagliaresi nos permite perscrutar o momento em que eles se empenhavam em organizar as cartas, já em 1379, um ano antes da morte de Catarina.

Non mi ricorda come io ti scrissi di non avere avuta da te se non quella lettera da Perogia; forse che per la fretta errai nello scrivere. Ma questa é la terza lettera, e la seconda fu di quelle lettere e novelle dello'imperadore, nella quale mi promettesti di mandarme la copia, e mai non l'ebbi. Anco le scrissi io allora a Riccardo a Fiorenza seconda che me discesti; ma questa altra lettera con quella copia di quella que andò al Re d'Inghilterra io non l'ò avuta. Dici ch'io' la procacci; ma io non so da cui. Scrivemi per cui la mandasti. Secondo ch'io è scritto costà a te, almeno in due lettere, che tu procacci da trentasei lettere ch'io vi mandai quando el Maestro me venne; ed a cui, e nondimeno no m'ài ripostos se l'avete avute, che non avete mandata mai alcuna riposta¹⁰³

Escrita em 1379, Maconi transmite a seu amigo Pagliaresi uma vasta carta com as mais recentes novidades, sobretudo em torno do papa Urbano VI e seus esforços para findar o cisma (como discípulos de Catarina, Pagliarsi e Maconi estavam obviamente contrários ao antipapa Clemente VII). Em um dado momento, em tom de resposta, Maconi começa a escrever sobre o assunto das cartas, uma conversa muito coloquial que se segue: afirmava não possuir a carta de Perugia nem a que foi enviada ao rei da Inglaterra. Observamos também que Maconi enviou a Pagliaresi, em um dado momento, trinta e seis cartas. Enfim, por este pequeno trecho de uma carta parte da Legenda Menor é possível observar que havia uma comunicação intensa entre os secretários, e também os esforços que eles empenharam na organização do epistolário.

Entretanto, como se deu esta organização? É notório que tiveram dificuldade para reunir as cartas originais, que naturalmente estavam dispersas nas mãos dos diversos destinatários. Estima-se que tenham organizado o epistolário a partir dos originais com excertos ditados por Catarina para a composição das cartas, o que já pressupõe algumas alterações desde a transcrição do original até as traduções e transcrições de uma coleção a outra. Esta primeira tentativa de agrupamento e organização das cartas, após a morte de Catarina, parte, segundo Noffke, de algumas *-famílias de códices*, quais sejam, as coleções pessoais de dois secretários (Pagliaresi e Maconi) e também a de fr. Tommaso Naci Caffarini.

Umberto Meattini é muito enfático ao afirmar que as cartas que possuímos hoje não são aquelas que poderiam ter vindo diretamente da pena da santa, mas sim aquelas recolhidas pelos secretários, cartas que visavam, em primeiro lugar, à edificação espiritual dos seus leitores, mais do que qualquer interesse histórico¹⁰⁴ – sobre as cartas passivas, o autor confirma uma trágica realidade para os pesquisadores: restam poucas¹⁰⁵. Diferentemente de Noffke, o autor atribui o feito de ser o pioneiro na organização das cartas, após 1380 (ano da morte de Catarina), não ao Fr. Caffarini, mas sim Cristofano di Gano. Nestes aspectos, não nos importa qual dos dois, de fato, deu o primeiro o passo, mas o interessante é que se confirma o fato de que ambos trabalharam juntos, e é bem provável que os dois volumes que Caffarini levou a difusão no início do século XV tenham partido do trabalho conjunto destes

¹⁰² Ibidem. p. 297.

¹⁰³ GROTTANELLI, Francesco. *Leggenda Minore di S. Catarina da Siena e Lettere dei suoi discepoli, scritture inedite pubblicate da F. Grottanelli*. Bologna: Romagnoli, 1868. p. 280-281.

¹⁰⁴ SIENA, Santa Caterina da. *Le lettere a cura di D. Umberto Meattini premessa di Oscar Luigi Scalfaro*. Milano: Paoline Editoriale Libri, 1993. p. 35.

¹⁰⁵ Ibidem. p. 38.

dois discípulos de Catarina¹⁰⁶.

Quando da disseminação das cartas para o grande público, estas foram reorganizadas sem as partes finais de caráter mais pessoal¹⁰⁷. Estas exclusões se justificam, ao menos em parte, pelo objetivo da publicação das cartas que eram espirituais, ou seja, no sentido de exortar os leitores à fé e auxiliá-los em seu crescimento. E ainda, há a possibilidade de certos trechos terem sido apagados, porque podiam tratar de algumas pessoas ainda vivas no momento (por volta do início do século XIV)¹⁰⁸.

De todo modo, foi Caffarini quem se empenhou em reunir as cartas, com a ajuda de Cristofano di Gano, um dos secretários de Catarina. Foram produzidos dois volumes, totalizando 294 cartas. Além destas, aponta Noffke, mais de 74 foram acrescentadas pela pesquisa de Aldo Manuzio que, em 1500, produziu uma grande edição impressa em Veneza. Girolamo Gigli, no século XVIII, descobriu mais 21 cartas em alguns manuscritos de Siena e os publicou em sua famosa *–Opere di s. Caterina da Siena–* em 1721. Logo, o número de cartas se elevou para 373. Em 1907, Edmund Gardner publicou oito cartas que encontrou ao longo de sua pesquisa. Bachisio Motzo descobriu três fragmentos adicionais de cartas. Robert Fawtier, em 1914, publicou novas versões de 14 cartas. O presente número de cartas é devido a Eugenio Dupré Theseider consolidado em 1931.

Sem dúvidas, a maior contribuição de Noffke, em seu artigo a respeito da obra manuscrita de Catarina, foi exatamente o fato de ter reunido as informações das coleções pessoais pertencentes aos três secretários mais importantes. Esta sistematização da tradição manuscrita, um trabalho de grande fôlego, possibilita compreender as bases necessárias para que as demais edições, a partir da versão de impressa de Aldo Manuzio até as atuais, fossem estruturadas. O primeiro grupo de manuscritos analisado e o mais importante pertence a Pagliaresi, homem culto, e de nobre família em Siena, possuía 219 cartas. A autora identifica ao longo dos escritos, a presença de três caligrafias distintas, pressupondo assim a existência de três indivíduos que se alternaram na transcrição das cartas. E ressalta que o acervo pertencente a Pagliaresi tem sua relevância devido ao fato de que sua formação foi fruto da união de diversas coleções menores, reunidas enquanto Catarina ainda vivia.

Quanto ao segundo grupo, é o de Stefano Maconi, datado do início do século XV e também escrito por três mãos diferentes. Além de 215 cartas, contém também uma versão simplificada da Legenda de Catarina. As cartas foram divididas em dois volumes: o primeiro

¹⁰⁶ Ibidem. p 41.

¹⁰⁷ Com relação a intervenção direta dos copistas nas cartas suprimindo determinados trechos, podemos encontrar no epistolário alguns exemplos destes atos. Existem muitas cartas cujas frases são interrompidas bruscamente, apresentando trechos inacabados, enquanto que algumas são bem exemplares, vejamos. A carta de número 195 a Estêvão Maconi (um de seus principais secretários, se recordamos bem) que, passando por dificuldades as quais desconhecemos, recebe o conselho de Catarina para fortalecer-se no Cristo, e assim superar as dificuldades. Na conclusão desta carta, exortando-o a perseverar, diz: –quero que não o aches difícil. Vence toda a dificuldade com a lembrança do sangue. Suporta, suporta. Tem paciência! Por enquanto digo-te [...]|| SIENA, Catarina de. *Cartas completas*. Trad. João Alves Basílio. São Paulo: Paulus, 2005. p. 632. E exatamente neste trecho, a escrita é interrompida. Em nota, Frei João Alves Basílio hipotetiza que Maconi interrompeu a frase porque possivelmente trataria de uma inimizade entre ele e algumas famílias. A carta 361, por sua vez, é sem dúvidas a mais emblemática em se tratando de intervenção de secretários. Enviada a uma senhora residente em Nápoles, que suspostamente era próxima da rainha Joana, Catarina tinha por objetivo exortá-la a convencer a rainha a abandonar Clemente VII e unir-se a Urbano VI e para tanto dá diversos conselhos. Porém a carta é bruscamente interrompida: –Em seguida escreve muitas coisas para provar que a eleição do papa Urbano VI foi feita segundo a verdade e justiça, a fim de repreender o erro da rainha com argumentos muito fortes. Mas tudo isso eu deixo de lado. No fim ela acrescenta Ibidem. p. 1225. Seguindo a nota está a tradicional saudação de despedida de Catarina. Tais intervenções não se encontram apenas nestas duas cartas, mas em muitas outras (maior parte do epistolário). Nossa intenção foi apresentar estas duas cartas como bons exemplos.

¹⁰⁸ NOFFKE, Suzanne. The writings of Catherine of Siena: the manuscript tradition. IN: MUESSIG, Carolyn; FERZOCO, George; KIENZLE, Beverly Mayne (org). *A companion to Catherine of Siena*. Brill: Boston, 2012.p. 299.

contendo as cartas para os nobres, cardeais e papas, as quais Caffarini recebeu de Maconi por volta de 1398, quando este se tornou prior em um monastério austríaco; o segundo continha a continuação das cartas apresentadas no primeiro, certamente ainda aquelas enviadas aos grandes nomes.

E por fim, Noffke apresenta o grupo de manuscritos pertencentes a Caffarini, cuja periodização também remete ao século XV. De Veneza, epicentro da campanha de canonização de Catarina, Caffarini organizou a sua coleção das cartas, 294 em total. Um fato paradoxalmente interessante fez com que este acervo – o mais completo desta tradição manuscrita – esteja incompleto: séculos depois, em 1658, o papa Alexandre VII pediu para examinar as cartas de Catarina. Foram enviadas a Roma as cartas de número 82 a 155, porém ficaram retidas nas mãos do sucessor de Pedro, que nunca mais as devolveu¹⁰⁹. Quanto à organização, Caffarini a estruturou de forma hierárquica, nos dois volumes, partindo primeiro das cartas para os papas seguindo até aquelas enviadas aos leigos mais simples.

Noffke compendiou as informações em torno dos manuscritos, rastreando-os desde 1379, porém careciam de informações a respeito das edições impressas. Por isso, para apresentarmos um adequado fechamento destas discussões, iremos recorrer, mais uma vez, a Meattini que, no prefácio para sua edição das cartas, listou cronologicamente as edições impressas. A primeira é datada de 1492, com o título *–Epistole utili e divote de la beata e seraphica vergine sancta Caterina* (também impressa por Aldo Manuzio em Veneza com o título *–Epistole devotissime de sancta Catharina da Siena, raccolte da Bartolomeo da Alzano da Bergamo*”).

Convém um pequeno parênteses para tratarmos desta obra em especial, devido a sua relevância enquanto primeira edição impressa, facilitando a difusão do epistolário. O aspecto importante é que contém uma carta do próprio Aldo Manuzio, enviada ao cardeal de Siena, D. Francesco Piccolomini, sobrinho do papa Pio II que, em 1461, havia enfim elevado Catarina Benicasa à glória dos altares. As palavras de Manutio, repletas de comoção e veneração à Santa de Siena revelam muito do teor desta edição: marcadamente espiritual. A edição, contendo 368 cartas, não possui nenhum tipo de notas, a organização do sumário apresenta as cartas em grupos, por exemplo, relacionando o destinatário ao número de cartas que lhes fora enviada. Ao longo desta carta anexada nas primeiras páginas do livro, Manuzio se preocupa com a impiedade do mundo, que cada vez mais anda distante do amado e doce Jesus de Catarina, deseja que *–che chi liegera con devotione queste sancte epistole nō potra fare che non se resorme e tuto, e non li entre nel core il nome di Iesu Christo crocifixo, e nō si infiamme del amore di dio [...]”*¹¹⁰. Também se preocupa com os muçulmanos e ressalta o empenho da Santa, em vida, para desfaldar a bandeira da cruzada contra os –infiéis (algo reforçado, talvez, pelo fato da tomada de Constantinopla em 1453 e da presença renovada dos muçulmanos, no caso específico os Turcos, na vida do Ocidente). Manutio também menciona o empenho pela reforma da Igreja e chega a pedir ao cardeal que mostre as cartas aos seus irmãos do Colégio e também ao Santo Padre, para que, vendo os cardeais antigos, possam eles também ser inspirados pelas palavras da Virgem de Siena e assim operarem a reforma da Igreja e cruzada contra os —infiéis.

Praetera che quelle che sunno mandate allhora alli Cardinali le faccia vedere ali Cardinali deli tempi nri acio chefe se faccia quanto p la dicta sacra vergine inspirata dal spirito santo e stato scripto per la reformatione dela sposa de Crhisto e fare la cruciata contra deli pagani, per che vaendolo p messo alei il Salvatore nanro dimandandolo ella con ardentissime orationi, e no essendo stato de essere a ogni

¹⁰⁹ Ibidem. p. 318.

¹¹⁰ *Epistole devotissime de Sancta Catharina da Siena, raccolte da Bartolomeo da Alzano da Bergamo*. Venezia: Aldo Manuzio, 1500.

modo, per che Dio non po mentire¹¹¹.

É de fato como uma inflamada apologia à Catarina, como na época de seu processo de canonização, que se desenvolve a primeira edição impressa, dando continuidade a todo ardor de Catarina, fazendo ressoar sua voz pela reforma e pela cruzada.

Ainda em Veneza, cidade de grande devoção à Catarina, houve mais duas edições no decorrer do século XVI: *-Epistole et orationi della seraphica vergine sancta Caterina da Siena* por Federico Toresano, datada de 1548; e outra de 1584, sob o mesmo título, mas de autoria diferente, Domenico Farri. Sobre as edições do século XVII, Meattini não dedica quase nenhum aprofundamento, apenas afirma que foram edições derivadas das pioneiras do século XVI e cuja qualidade foi um tanto inferior.

Prima di arrivare alla pubblicazione del Burlamacchi, bisogna notare che queste prime stampe, e le conseguenti traduzioni (Francia, 1643; Spagna, Alcalá, 1512; Barcelona, 1652) erano -mal curate per maldornali errori di trasposizione nel tempo, repliche ed errori di vocaboli; sensi cambiati senza parlare di come era stato bistrattato il dolce idioma senese¹¹².

Somente no século XIX estes déficits seriam superados com a versão de Federico Burlamacchi, em 1843, intitulado *-Epistole della serafica vergine santa Caterina da Siena*. Aproximadamente, vinte anos depois, em 1860, foi publicada a edição de Niccolò Tommaseo, *-Lettere di santa Caterina da Siena*: a novidade foi uma tentativa de organização cronológica das cartas. Em sequência, vieram as edições sobre a responsabilidade de Misciatteli, apresentando uma diversidade de documentos como as cartas dos discípulos e a narração da morte de Catarina. Por fim, o autor menciona a edição de Lodovico Ferreti, de 1918, e a de Dupré-Theseider, de 1940, dividida em quatro volumes e de caráter marcadamente crítico e histórico. Uma obra de grande valia certamente, mas que atualmente pode ser substituída pelos esforços do prof. Antonio Volpato em apresentar uma nova edição crítica, tendo como base as clássicas, de Tommaseo e Theseider. Volpato iniciou tal empreitada no ano de 2017 e vem sendo gradualmente disponibilizada a todos no site do *-Centro internazionale di studi cateriniani*¹¹³. Muito falamos das edições antigas e até mesmo de como as cartas se encontram na atualidade, com o auxílio dos novos meios da comunicação, mas torna-se necessário elucidarmos qual edição nós utilizamos, e o porquê de tal escolha.

A edição das cartas em língua portuguesa veio à luz muito recentemente, em 2005, pelas mãos de Fr. João Alves Basílio, dominicano da Província de Fr. Bartolomeu de Las Casas, o qual já havia se empenhado em difundir outras obras de Catarina, como por exemplo: o *-Diálogo* em 1985, uma breve biografia da santa em 1993; *-As orações*, em 1996 e em 1998, uma edição com apenas 33 cartas, prelúdio do epistolário completo que seria publicado em 2005 – este, e todos os citados, pela Editora Paulus. Fr. Basílio quase não se manifesta ao longo do livro. Apenas no início escreve uma brevíssima introdução (de três páginas), onde apresenta a divisão que ele mesmo adotou para as cartas, identificando sempre um primeiro momento que deu o nome de saudação e objetivo, seguido pelo corpo do texto e a conclusão. Ainda na introdução, ele afirma: *-nosso trabalho não é obra de estudioso especialista no assunto, mas de simples vulgarizador*¹¹⁴. Mesmo assim, é uma tradução de grande valia e

¹¹¹ Ibidem.

¹¹² SIENA, Santa Caterina da. *Le lettere a cura di D. Umberto Meattini premessa di Oscar Luigi Scalfaro*. Milano: Paoline Editoriale Libri, 1993. p. 42.

¹¹³ Cf. *Centro internazionale di studi cateriniani*. Disponível em: <http://www.centrostudicateriniani.it/it/santa-caterina-da-siena/scritti>.

¹¹⁴ SIENA, Catarina de. *Cartas completas*. Trad. João Alves Basílio. São Paulo: Paulus, 2005. p. 6.

aparentemente a única em língua portuguesa. A partir da ficha catalográfica é possível saber a edição das cartas que Fr. Basílio traduziu para o português, trata-se de uma edição de 1913, sob a responsabilidade de Piero Misciateli. Entretanto, ele não se fiou apenas em uma versão, mas confrontou-a com outras duas: a de 1918, de Lodovico Ferreti e de D. Umberto Meattini, de 1966, cujo prefácio (contendo valiosas informações sobre a trajetória das cartas) nós utilizamos diversas vezes neste presente capítulo. Assim, mesmo que o tradutor não se considere um especialista no assunto, é inegável a sua grande erudição e a substancial contribuição que ele ofereceu a todos aqueles interessados na vida de Catarina. Gostaríamos também de ressaltar que a edição em língua portuguesa não se assemelha nem um pouco a nenhuma edição crítica italiana, com robustas notas de rodapé; esta, por sua vez, apresenta notas esparsas, mas ainda sim bem oportunas, como por exemplo, toda e qualquer alteração realizada pelos secretários de Catarina ao longo da redação das cartas nos é apontada pelo Fr. Basílio. Para nosso trabalho de investigação em torno da atuação política de Catarina, a edição portuguesa tem lugar central, contudo não deixamos de lançar mão também das edições italianas precedentes (de outras fontes auxiliares pertencentes ao universo catariniano, como a Legenda Menor de Fr. Grottanelli, que apresenta uma rica correspondência entre os discípulos da santa) e que permitem uma complementação das informações a partir de suas notas, ou seja, a partir de seus prefácios.

CAPÍTULO 2 –“FICAI SABENDO, MINHA QUERIDA MÃE, QUE EU, VOSSA MÍSERIA FILHA, NÃO FUI POSTA NO MUNDO POR OUTRA RAZÃO” – O ITINERÁRIO DE SANTA CATARINA DE SIENA: ENTRE A ESCRITA E A RESSIGNIFICAÇÃO DO ESPAÇO.

Michel de Certeau, ao apresentar a vida de Labadie, místico e jesuíta, destaca uma importante característica desse homem: o nomadismo. Porém, não se trata de um simples andariço, mas de uma postura que envolve uma questão mais complexa, um reflexo do interior impresso no espaço. Nas palavras do autor:

O —nomadismo incansável desse herói barroco torna pertinente uma problemática do espaço. A viagem interior se altera em itinerância geográfica. A história de Labadie é o espaço indefinido criado na impossibilidade de um lugar. As etapas são aí marcadas pelas —religiões que ele atravessa uma por vez: jesuíta, jansenista, calvinista, pietista, quiliasta ou milenarista, enfim —labadista — etapa mortal. Ele passa. Ele não pode parar¹¹⁵.

Cada lugar lhe fornece um embasamento, no entanto ele está sempre de passagem, e logo se apressa a sair de onde não encontra resposta, de onde não pode se manter.

Cada um desses lugares fornece, no último momento, —um outro solol, diz ele, onde normalmente ele podia presumir o vazio, e, quando, no fim de sua vida, depois de uma nova partida, ele constata a ausência de um novo —suportel (como se, por acaso, ele tivesse chegado ao fim das terras possíveis), ele o substitui por um delírio¹¹⁶

Os —lugares de Labadie são, além de espaços físicos, instituições, pois este mesmo Labadie equivocou-se de todas, inclusive da própria Igreja, pois transitou entre várias concepções ditas heréticas em torno da fé. A partir desta constatação de Certeau, nós questionamos se esta —impossibilidade de um lugar se aplicaria também à Catarina. Ela não experimentou o —estar de passagem em sua radicalidade que, a exemplo do personagem de Certeau, implicaria em uma —traição, um abandono a qualquer instituição, e um abandono a Igreja Católica. Contudo, esta —impossibilidade do lugar pode ser pensada a partir de seu vasto epistolário, admoestando, julgando, ponderando, aconselhando, mas também criando e recriando novos lugares. Trata-se da Roma soberana, que se eleva acima de todos os reinos na pessoa do Vigário de Cristo.

—Voltai, voltai! Não resistais à vontade divina, que vos chama. Ovelhas esfamadas esperam vosso retorno, para ocupardes e tomardes posse da sede do vosso antecessor, São Pedro. Como representante de Cristo, deveis estar no lugar que vos pertence¹¹⁷.

À época, Roma estava repleta de intrigas e disputas familiares, na quais a permanência do papa em Avignon era vista com otimismo pela elite local. Poderíamos dizer que, no lugar de ovelhas ansiosas por seu pastor, existiam lobos ansiosos por devorá-lo. A Roma descrita na carta ao papa é a Roma de Catarina, um lugar que é fruto de sua escrita e de suas próprias convicções.

Refletindo sobre esta intensa movimentação e também sobre as cartas destinadas a membros proeminentes dos governos das cidades da Península Itálica, que transparecem os anseios e visão ideal que Catarina nutria sobre cada uma daquelas cidades, é que buscaremos analisar a jovem de Siena também a partir desta problemática do espaço — utilizando as palavras de Certeau. Desse modo, podemos dizer que este segundo capítulo tem como

¹¹⁵ CERTEAU, Michel. *A fábula mística séculos XVI e XVII: volume 1*. Rio de Janeiro: Forense, 2015. pp. 437-438.

¹¹⁶ Ibidem.

¹¹⁷ SIENA, Catarina de. *Cartas completas*. Trad. João Alves Basílio. São Paulo: Paulus, 2005. p. 638

principal objetivo analisar os lugares da trajetória de Santa Catarina, o que significa não simplesmente apresentar uma narrativa cronológica sobre Roma e Siena, por exemplo, mas sim observar essas cidades paralelamente aos seus correspondentes presentes no epistolário e também nos munir do aparato teórico-metodológico da Geografia, que permite a compreensão da categoria de lugar (não utilizada por nós ao acaso). Para tanto, este capítulo divide-se em algumas partes, a saber: apresentaremos inicialmente os conceitos de lugar e topofilia, inseridos na corrente da Geografia Humanística; e, posteriormente, apresentaremos uma discussão em torno da cidade medieval e então voltaremos nossa atenção às cidades de Roma e Siena à época de Catarina, inseridas, evidentemente, nas discussões teóricas previamente realizadas.

Lugar e topofilia:

Para compreendermos a relação entre Catarina e as cidades de Siena e Roma, faz-se necessário introduzir o conceito de lugar, tão caro a este capítulo. Grosso modo, podemos associá-lo exatamente à ação de ressignificação do espaço, que se torna um espaço vivido, que foi filtrado pelas vivências, pela singularidade de cada um. Este debate teórico não será conduzido apenas pelo instrumental da História, como também em interdisciplinaridade com a Geografia, que tem o lugar como um de seus conceitos basilares para a maior parte de suas abordagens.

O conceito de Lugar teve uma trajetória irregular até que sua relevância fosse reafirmada. De mero recorte do espaço de uma determinada área, passou a adquirir uma significação mais complexa, ligada às vivências individuais.

O geógrafo Carl Sauer contribuiu indiretamente para a promoção deste conceito. Ao discutir questões metodológicas da Geografia, tentando estabelecer um ponto de vista comum entre os geógrafos que levasse a uma percepção mais real do que seria o objeto da Geografia (uma área que se debruça sobre muitas outras), volta-se exatamente para a categoria da experiência daquilo que é vivido. O autor aponta três campos que comumente são designados como Geografia: aqueles estudos que se dedicam à superfície da Terra e seus processos físicos; o estudo das diversas formas de vida no espaço; o estudo da diferenciação das áreas¹¹⁸. Os três campos comportam muitas diferenças entre si, sendo inclusive difíceis de serem englobados em uma única disciplina. Porém, o autor encontra uma forma de não só justificar esta subdivisão do campo geográfico, como também de atribuir-lhe sentido e um ponto central.

Os grandes campos do conhecimento existem porque eles são universalmente reconhecidos como estando vinculados às grandes categorias de fenômenos. A experiência do homem, não a pesquisa do especialista, estabeleceu as subdivisões primárias do conhecimento [...] No mesmo sentido, a área ou a paisagem é o campo da geografia, porque é uma importante seção da realidade ingenuamente perceptível e não uma ideia sofisticada¹¹⁹.

Portanto, o ponto comum que permeia estas áreas aparentemente tão contrastantes da Geografia é exatamente a percepção humana do espaço, do lugar. Com isso, Sauer conferiu a esta categoria grande centralidade e importância, rompendo com qualquer ideia rígida de cientificismo. Afinal, segundo ele, a estruturação do conhecimento não parte de sistemas sofisticados, mas de um mecanismo mais ingênuo, isto é, a percepção humana. Suas reflexões caminharam a uma centralidade do homem. Além de Carl Sauer, podemos apontar Eric

¹¹⁸ SAUER, Carl Ortwin. A morfologia da paisagem. in: Corrêa, R.L. e Rosendahl, Z. (Orgs.). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro, EdUERJ. p. 14.

¹¹⁹ Ibidem. p. 15.

Dardel e Edward Relph, os quais igualmente se esforçaram para encaminhar uma renovação da ciência geográfica, redirecionando seu enfoque para a relação do homem com o espaço e para uma valorização da intersubjetividade. Sobre os autores citados, Werther Holzer afirma que:

A fenomenologia e o existencialismo, como base filosófica, e a escolha do -lugar|| como conceito espacial que atendia aos seus propósitos, seriam apropriados por alguns expoentes do coletivo - Tuan, Buttimer e Relph - empenhados na renovação da geografia cultural, ou melhor, da própria geografia, além de pretender o reconhecimento da geografia humanística como campo autônomo de estudos¹²⁰.

Assim, nossa reflexão teórica para este capítulo encontra-se na esteira da Geografia Humanística¹²¹, fruto de um processo de renovação epistemológica. Os estudiosos que se inserem nesta corrente traçam duras críticas ao modo como a Geografia foi pensada, enquanto ciência, até aproximadamente a década de 1970, surgindo assim, uma reação à chamada Geografia Quantitativa, a qual observou uma retomada do positivismo e utilização muito comum de dados estatísticos, gráficos e tabelas. Surgida nos Estados Unidos e na França, colocava-se como uma nova possibilidade em relação ao pensamento essencialmente positivista lógico que vigente. Seu principal objetivo era orientar a ciência geográfica para a pessoalidade, conjugando emoção e pensamento, dando centralidade ao homem e assim buscando uma compreensão mais ampla da realidade estudada. Enfim, -procurou contemplar a percepção e a imaginação geográfica, valorizando os sentidos, a afetividade, a imaginação, a experiência e a relação existencial dos homens com a paisagem e os lugares||¹²².

Paulo César da Costa Gomes, entretanto, não observa esta mesma coesão e unidade na Geografia Humanística. Considera ainda difícil dar-lhe uma definição precisa, isso em função de sua ambiguidade e complexidade. Porém, mesmo com estas críticas, o autor ainda consegue encontrar um ponto que pode ser entendido como comum, o qual é exatamente a questão da subjetividade frente à exagerada racionalidade vigente no momento de seu desenvolvimento.

A subjetividade do saber é um dos traços mais marcantes do humanismo e deriva diretamente desta concepção antropocêntrica. Na geografia, isto significa que a definição de uma espacialidade não pode ser estabelecida através da objetivação de uma ciência racionalista. O espaço e suas propriedades, distância, fluxo, hierarquia,

¹²⁰ HOLZER, Werther. O conceito de lugar na Geografia Cultural-Humanista: uma contribuição para a Geografia contemporânea. *GEOgraphia*, Ano V, No 10, 2003. p. 115.

¹²¹ Sobre a Geografia Humanística, seus elementos, mais amiúde, são: -visão antropocêntrica do saber: o conhecimento é objetivo e subjetivo, e a subjetividade do saber é um traço fundamental para o humanismo. Assim, a espacialidade deve compreender a dimensão subjetiva do homem: o espaço é visto sempre como um lugar com uma dimensão consagrada de significações variadas além de ser constantemente substituído pela palavra lugar, indicando uma visão mais integrada entre espaço e valores; busca uma visão holística: refuta o posicionamento analítico, que se limita à análise das partes e perde a riqueza do todo; enfatiza a interpretação do homem como produtor de cultura, atribuindo valores às coisas que o cercam. Como a cultura é interpretada a partir do código dos grupos que a criam, a generalização dificultada, pois negligenciaria os contextos particulares, que são importantíssimos para o entendimento do homem e de sua dimensão subjetiva espelhada na cultura; busca fortalecer a relação entre ciência e arte: a interpretação das culturas é um caminho para essa aproximação, pois a arte é um meio livre de manifestação de valores e significações dos grupos sociais, é a mediação entre a vida e o universo de representação; grande influência da Psicologia no estabelecimento metodológico de estudo do espaço vivido: entretanto, não se trata da Psicologia Behaviorista, que reduz o comportamento humano a estímulos e respostas como qualquer organismo vivo, mas a Psicologia Genética (Piaget) e a Psicanálise (Freud), que se interrogam sobre a personalidade e o comportamento do homeml. MACHADO, Mônica Sampaio. *Metodologia da Geografia: volume único*. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2015. pp. 302-303.

¹²² Ibidem. p. 302.

possuem um sentido que não se reduz a medidas numéricas. Desta maneira, o espaço é sempre um lugar, isto é, uma extensão carregada de significações variadas¹²³

Desse modo, entre os geógrafos humanistas há uma concordância em relação à concepção de espaço, observado não apenas tendo em vista suas relações históricas, mas também toda sua dimensão simbólica. É nestes termos que o conceito de lugar adquire grande preponderância, pois ele consegue dar conta, demasiadamente melhor do que a definição de espaço, de toda a dimensão simbólica que se quer considerar na ação humana. Segundo Yi Fu Tuan: –o lugar é segurança, e espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outrol¹²⁴, e ainda –os espaços são demarcados e defendidos contra os invasores. Os lugares são centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades [...]¹²⁵. Logo, o lugar parte do espaço, a partir de um processo cujo elemento principal de transformação é o homem, que o dota de um sentido.

Concentrar-nos-emos na figura de um autor em especial, o qual se dedica exatamente à discussão destas noções de vivência do homem e suas percepções do espaço, trata-se de Yi-Fu Tuan, a partir de sua obra: –Topofilia¹ (1980). As categorias teóricas desenvolvidas por Tuan nos fornecem caros subsídios para entendermos melhor as visões de Catarina em torno daquelas cidades que lhes eram mais caras, como por exemplo, Siena e Roma, que são as duas consideradas por nós como de maior destaque em seu epistolário. Bem sabemos que a ação de Catarina não se restringiu a estas duas cidades, e muitos menos apenas a Península Itálica, mas foram exatamente nestas duas cidades que os episódios centrais de seu apostolado junto ao mundo – narrados em sua Legenda Maior ou por ela mesma em seu epistolário – se deram. E, exatamente por conta desta intrínseca relação entre Catarina e estas cidades, que ela naturalmente lhes conferiu uma significação, fruto de sua trajetória, de suas percepções, relações e, portanto, de sua subjetividade. Noções estas que discutiremos a partir das obras de Tuan e que nos servirão de degrau para nos voltarmos especificamente às duas cidades (Roma e Florença) e sua relação com Catarina.

Em –Topofilia¹, o autor inicia seu estudo com os questionamentos que permeiam toda a obra: –quais são nossas visões do meio ambiente físico, natural e humanizado? Como o percebemos estruturamos e avaliamos? [...]¹²⁶. Estas perguntas também fizemos Catarina e sua época, e nos levam ao conceito de topofilia, que nas palavras do autor —é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal [...]¹²⁷. Topofilia é um conceito que articula o indivíduo ao lugar tal como as relações que podem se estabelecer entre eles. Esta noção é mais útil para nós do que o conceito de lugar isoladamente, que certamente desdobraria em outras discussões mais particulares à própria Geografia. O autor afirma que –duas pessoas não veem a mesma realidade. Nem dois grupos sociais fazem exatamente a mesma avaliação do meio ambientel¹²⁸.

A palavra –topofilia¹ é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. [...] A topofilia não é a emoção humana mais forte. Quando é irresistível, podemos estar certas de que o lugar ou meio ambiente é o veículo de acontecimentos

¹²³ GOMES, Paulo César da Costa. *Geografia e modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. p. 310.

¹²⁴ TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983. p. 3

¹²⁵ Ibidem. p. 4

¹²⁶ TUAN, Yi-Fu. *Topofilia, um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980. p.1

¹²⁷ Ibidem. p. 5.

¹²⁸ Ibidem. p. 6. Vale ressaltar que –meio ambientel¹ aqui que significa exatamente o meio em que estamos inseridos e não necessariamente faz alusão ao termo clássico dos debates em torno da ecologia, como assinala o próprio autor. Cf. p. 1.

fortes ou é percebido como um símbolo¹²⁹.

Não se trata apenas de uma simples e, a princípio, evidente constatação de que existe uma grande pluralidade de percepções em torno dos mais diversos fatores, mas é uma reflexão que se orienta para a grande capacidade humana de desenvolver uma linguagem simbólica em torno da realidade. Talvez esta proposição seja a essência do conceito de topofilia, que se trata da relação do homem com o lugar, resultando em um aparato simbólico de percepção de mundo. Todo este instrumental desenvolvido pelo homem é fruto de sua sociedade, das grandes questões que a permeiam e também do grupo em que se está inserido. Sobre isso, Tuan afirma que:

[...] Os seres humanos ostentam uma capacidade altamente desenvolvida para o comportamento simbólico. Uma linguagem abstrata de sinais e símbolos é privativa da espécie humana. Com ela, os seres humanos construíram mundos mentais para se relacionarem entre si e com a realidade externa. O meio ambiente artificial que construíram é um resultado dos processos mentais – de modo semelhante, mitos, fábulas, taxonomias e ciência. Todas estas realizações podem ser vistas como casulos que os seres humanos teceram para se sentirem confortáveis na natureza¹³⁰.

E onde se encontra Catarina neste emaranhado teórico? Ora, ela se revestiu de diversos casulos, que tiveram como função embasar sua atuação na sociedade, permitindo que uma jovem mulher analfabeta da pequena burguesia fosse ouvida pelo soberano da Igreja Católica, o papa. Estes casulos foram revestidos em momentos fundamentais de seu caminho rumo à consolidação da fama de santidade, como a visão do Cristo sobrea a Basílica de S. Domingos aos sete anos, o corte dos cabelos aos doze, a entrada no grupo das Mantelatas etc., distanciando-se de Catarina Benicasa e se aproximando cada vez mais da influente Santa Catarina de Siena. No entanto, estas construções extrapolaram a própria Catarina e acabaram respingando na realidade ao redor e se tornaram visíveis em diversas de suas cartas.

Um exemplo muito oportuno destas reflexões em torno das reinvenções de si e do meio, fruto de percepções pessoais, pode ser encontrado na campanha empreendida por Catarina em prol de uma Cruzada em pleno século XIV – sendo que, neste momento, como afirma Jacques Le Goff na biografia de São Luís, desde o fim do século XIII, já eram movimentos praticamente fora do horizonte da maioria dos reis e nobres¹³¹ – que emergiram na maioria das cartas, por nós selecionadas, direcionadas a pessoas dos mais variados estratos sociais, cartas estas de um forte caráter persuasivo. Vejamos a carta dirigida ao legado papal, cardeal Pedro d'Estaing, por volta do ano de 1375:

No que se refere à guerra, todos os cristãos deveriam unir-se para ir lutar contra os infiéis e os hereges; mas eles preferem lutar uns contras os outros. Por tudo isso, os servidores de Deus explodem de dor e amargura, vendo a grande ofensa feita a Deus e a condenação de pessoas que morrem nas batalhas. Quem se alegra são os

¹²⁹ Ibidem. p. 107.

¹³⁰ Ibidem. p. 15.

¹³¹ Ao abordar a segunda Cruzada empreendida por Luís IX, que acabou culminando com sua morte, Jacques Le Goff relata que: —A campanha de pregação da cruzada foi igualmente muito ativa. Essa encenação sem dúvida foi tanto mais necessária porque crescia o sentimento de hostilidade contra a cruzada. O próprio Joinville recusou-se a participar dela. Alegou que, durante a cruzada no Egito, os agentes do rei e França e do rei de Navarra, conde de Champagne, tinham —destruído e empobrecido seus homens e que, se ele cruzasse de novo, iria contra a vontade de Deus que lhe tinha dado por ofício proteger e —salvar seu povo. Assim, a Cristandade dobrava-se sobre si mesma. O serviço de Deus não estava mais no além-mar, mas dentro da Europa cristã. A Terra Santa extrapolava os limites da Cristandade, e eram raros então aqueles que, como São Luís, viam no Mediterrâneo um mar interno em relação à Cristandade. LE GOFF, Jacques. *São Luís*. Rio de Janeiro: Record, 2014. p. 261.

demônios, contentes por ver o que desejam¹³².

Ou ainda na carta enviada ao papa Gregório XI no ano de 1376:

E levantai o estandarte da santa Cruzada. Como disse Paulo, pela cruz fomos libertados; assim, erguendo o estandarte da cruz, que parece ser um consolo para os cristãos, nós seremos libertados da guerra, da divisão e de muitos males, e os infiéis ficarão livres de sua infidelidade¹³³.

Sabemos que a Cruzada defendida por Catarina, e igualmente pensada pelo papa Gregório XI, nunca se concretizou, porém gera muito estranhamento o fato de que houve uma mobilização – ou ao menos – uma tentativa de – pela Península Itálica. A Cruzada em sua visão se constitui como uma alternativa para trazer a paz, pois se unindo em torno deste ideal, as grandes cidades-estados não teriam interesse algum que as levassem a guerrear contra si e nem contra o papa. Além disso, esta descarga de violência, que seria, evidentemente, conduzida pela Cruzada traria paz para os muçulmanos. –Paz é a palavra-chave. Para Catarina não se tratava de conquistar territórios ou apenas de libertar a Terra Santa, mas, sobretudo, de conquistar e levar a paz a todos. Verifica-se uma verdadeira ressignificação da violência. André Vauchez, em seu livro sobre Catarina, aborda a temática da Cruzada e ressalta dois pontos: a busca pela paz e certa ancestralidade deste anseio pela Cruzada, vejamos.

Attraverso la Crociata Caterina persegue un obiettivo duplice: ristabilire la pace in un Occidente dilaniato da conflitti fratricidi e permettere agli infedeli di accedere alla salvezza. [...] Con delle ricadute benefiche anche per i cristiane, però, visto che il ristabilimento della pace tra di loro costitutiva una premessa indispensabile per qualsiasi spedizione oltremare¹³⁴.

Assim, a Cruzada, além de promotora da paz, assumiria, segundo a visão de Catarina, um importante papel também na conversão dos muçulmanos, dito infiéis, que poderiam ter acesso à salvação, mesmo que isso implicasse em romper sua resistência ao cristianismo com a violência. Catarina ainda estava inserida, de acordo com Vauchez, em um contexto mais amplo, onde, de fato, uma Cruzada já não era um movimento tão –popular, mas ainda era constitutivo da coletividade, enquanto um anseio por união da cristandade em busca da paz.

Negli ultimi secoli del Medioevo questo legame ideale fra Crociata e riforma, passò in secondo piano nei discorsi del clero; rimase però ancorato nel fondo dei cuori e degli spiriti, e lo si ritrova alla base di tutti quei movimenti religiosi che aspirarono a una rigenerazione individuale e collettiva della Cristianità¹³⁵.

Tomar a Cruzada, tão citada por Catarina, permite-nos observar a presença da dimensão simbólica de sua percepção, capaz de conferir particularidade a este movimento, dando-lhe nova característica. Não há nenhum detalhamento de movimentos militares, planos de invasões, rotas etc., mas o foco é pura e simplesmente a pacificação da Península Itálica criando um terreno seguro para o papa. Estas conclusões podem parecer derivar de uma confiança demasiada nas fontes, tomando o epistolário ditado por Catarina como uma absoluta verdade, porém não se trata disso. Ao considerar que o indivíduo tem o condão e a capacidade para carregar seu meio de simbolismo, nós estamos tomando as cartas de outra

¹³² SIENA, Catarina de. *Cartas completas*. Trad. João Alves Basílio. São Paulo: Paulus, 2005. p. 40.

¹³³ Ibidem. p. 669.

¹³⁴ VAUCHEZ, André. *Caterina da Siena*. Economica Laterza: Roma, 2015. p. 49.

¹³⁵ Ibidem. p. 51.

forma, buscando exatamente sua dimensão simbólica, especificamente a dimensão simbólica das cidades.

E aqui chegamos a um ponto importante. Antes de nos dedicarmos ao debate em torno das cidades medievais e especificamente daquelas duas cidades por nós selecionadas da vida de Catarina, gostaríamos de encerrar esta unidade com uma reflexão de Tuan em torno da afeição pela cidade de origem. Essa discussão tem como cerne a relação simbiótica entre lugar e religião. Já falamos largamente sobre topofilia, relações afetivas com o lugar, mas cabe mencionar que, em alguns casos, estas relações afetivas podem estar imbuídas de crenças. A religião pode, de acordo com o autor, fixar o indivíduo no espaço/cidade ou servir de um motor para sua movimentação, desprendimento. E, ao explicar esta questão, cita como exemplo o caminhar das crenças pagãs para o cristianismo: as primeiras teriam um forte caráter de imobilidade, associando indivíduos e povos inteiros a um determinado território; já o segundo, trazendo a figura de um Deus criador da totalidade das coisas, tem o efeito oposto, qual seja, a mobilidade, vejamos.

A religião tanto pode vincular uma pessoa ao lugar como libertá-la dele. O culto aos deuses locais vincula um povo ao lugar, enquanto as religiões universais dão liberdade. Em uma religião universal, visto que tudo é criado e tudo é conhecido por um deus onipotente e onisciente, nenhuma localidade é necessariamente mais sagrada do que outra¹³⁶.

A afirmação do geógrafo, nitidamente preocupado com largos recortes espaciais, confirma a inquietude e a movimentação do místico. Ora, estando em íntima ligação com este mesmo deus universal e onisciente, não é permitido ao místico assumir uma postura estática, mesmo aqueles que viveram mais reclusos em algum mosteiro ou lugar afastado fizeram respingar sua imagem na sociedade. No caso da Catarina especificamente, esta itinerância foi muito marcante em seu curto período de vida e ainda no mais curto período em que atuou diretamente junto ao seu tempo. Um episódio que marcou a movimentação de Catarina rumo ao mundo e à Legenda Maior, de Raimundo de Cápua, faz questão de imbuir esta saída de uma ordem vinda do próprio Deus a quem Catarina estaria tão intimamente ligada, vejamos.

[...] -Porque has renunciado al mundo, te has vedado el placer y me tienes a mí como el único deseo de tu corazón, tengo la intención de que mientras tu familia se está regocijando en fiestas profanas, se celebren los esponsales que te han de unir más y más a mi corazón. Voy, de acuerdo con mi promesa, a desposarme contigo en la fe! [...] -Hija, ahora condúctete valerosamente; cumple sin temor las obras que mi Providencia ha de confiarte; tú estás armada con la fe y triunfarás de todos tus enemigos! [...]¹³⁷.

Logo depois do suposto casamento com Cristo, ele, em outra aparição, faz-se incisivo: “[...] *En cuanto a ti, no tardes en obedecerme; quiero que aparezcas en público. Yo te acompañaré en todas las ocasiones; continuaré visitándote y te diré lo que tienes que hacer* [...]”¹³⁸.

Assim, as esponsais na fé de Catarina com Cristo constituíram, em seu caminho de santidade, um verdadeiro marco: determinando o momento em que deveria deixar a segurança de sua cela, de sua casa, de Siena, e partir para realizar então as expectativas divinas depositadas em Catarina. A partir da ordem de seu divino esposo, ela não hesitou em se misturar ao mundo e cuidar de seus assuntos, mas não deixou de se refugiar naquilo que chamava de cela do autoconhecimento ou cidade da alma. Essa liberdade de ir e vir foi,

¹³⁶ TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983. p. 168.

¹³⁷ CAPUA, Raimundo de. *Vida de Santa Catalina de Siena*. p. 27.

¹³⁸ *Ibidem*. p. 30.

inclusive, incentivada pelos próprios dominicanos que a assessoravam.

Pode surgir, diante de nós, uma indagação muito natural: por que Catarina não ficou reclusa em um convento ou em um mosteiro? Sua postura rígida de penitência a ascese nos parecem compatíveis com a vida de reclusão das monjas das mais diversas ordens religiosas. Porém, as vantagens eram maiores se ela estivesse fora, no mundo, pois assim poderia gozar de maior influência e operar as reformas intentadas pelos dominicanos e defender os interesses do papa. Segundo Vauchez:

Paradossalmente, era in effetti più facile operare con l'intermediazione di una donna laica capace di agire da fuori, piuttosto che spingerla ad entrare in un convento dove il suo desiderio di perfezione rischiava di provocare reazioni di rigetto da parte delle religiose meno zelanti. Inoltre lo status delle Mantellate, che non prevedeva molti vincoli, dava a Caterina la possibilità di muoversi e d'intervenire nella vita pubblica facendo valere a beneficio della Chiesa quelle relazioni che non tardò ad allacciare nell'ambito dell'aristocrazia toscana¹³⁹.

Desse modo, a saída de Catarina em direção ao mundo é um ponto nodal em nossa discussão, pois traz consigo a constante busca interior do místico por Deus, ao mesmo tempo em que esta busca é refletida no espaço, pois se traduz em sua itinerância. A trajetória de Catarina e os objetivos por ela perseguidos foram os subsídios para que toda a recriação do espaço, toda topofilia se desenvolvesse em torno da Siena, que rejeitava a ela e aos seus, sobretudo no plano político; e em Roma, a qual era repleta de conflitos e se mostrava hostil ao papa. A estas duas realidades, Catarina lança suas próprias criações, a Siena e a Roma ideais: a primeira, que deveria compreender seu apostolado e apoiá-la; e a segunda, que deveria aceitar a vocação inevitável e inerente à cidade de sediar a residência do papa, aquele que era, segundo Catarina, o –Doce Cristo na Terrall.

“Em favor do mundo inteiro e, sobretudo de minha cidade” – Catarina e Siena:

Catarina nasceu em uma grande família, com diversos irmãos. Benicasa, Bartolomeu e Estêvão viviam em Florença desde o ano de 1368 e tiveram que deixar Siena após a queda do Governo dos Doze, que se deu em 1355, isso porque Bartolomeu e Estêvão faziam parte ativamente daquele governo, que deu muito espaço aos artesãos, especialmente àqueles que trabalhavam com a lã – como a família Benicasa de Catarina. Perseguidos, ameaçados de morte, eles fugiram para Florença e passaram a viver lá definitivamente. Catarina enviou quatro cartas aos irmãos, sendo uma destinada aos três e as restantes somente ao irmão Benicasa (que vivia em péssimas condições financeiras, pelo que podemos deduzir dos escritos da irmã). Na única carta destinada aos três, datada aproximadamente de dezembro de 1373, Catarina aparentemente ficou sabendo de um desentendimento entre eles e intervém a fim de amenizar a situação:

Quero-vos unidos pelos laços de amor, de modo que demônio ou criatura alguma consiga separar-vos. Recordai a palavra de Jesus: –Quem se humilha será exaltado. Tu, Benicasa, que és o mais velho, procura ser o menor de todos. Tu, Bartolomeu, sê menor do menor. E tu, Estêvão, sujeita-te a Deus e aos dois. Dessa forma, felizes permaneceréis na maior cidade caridade fraterna. Que Deus vos conceda esta graça¹⁴⁰.

Talvez a –graça da fraternidadell realmente fosse oportuna em um momento de

¹³⁹ VAUCHEZ, André. *Caterina da Siena*. Economica Laterza: Roma, 2015. p. 22.

¹⁴⁰ SIENA, Catarina de. *Cartas completas*. Trad. João Alves Basílio. São Paulo: Paulus, 2005. p. 51.

tamanha penúria para os irmãos. As outras cartas foram dirigidas apenas ao irmão Benicasa em particular – talvez os outros dois irmãos ainda estivessem vivendo juntos dele, mas não temos como confirmar esta informação; temos apenas a confirmação da morte de Bartolomeu em 1374, em decorrência de um surto de peste na cidade Florença¹⁴¹. Em uma carta enviada em 1370, alguns anos antes da destinada aos três, destacamos um conflito entre Benicasa e a mãe, Lapa:

Quanta ingratidão! Vós não considerais as dores do parto, as muitas canseiras suportadas por vós, como por todos os demais filhos. Se disserdes que ela não teve compaixão de vós, respondo que não é verdade. Ela teve compaixão de vós e do outro, coisa que agora lhe está custando caro. Mas ainda que fosse verdade, sois vós que lhe deveis obrigações, não ela a vós¹⁴².

Catarina se dirige ao irmão com dureza, condenando sua ingratidão com a mãe, a qual, como ela ressalta, –teve compaixão de dele e dos irmãos. Este episódio refere-se à morte do pai, em 1368, que resultou a venda da tinturaria e posterior divisão da herança¹⁴³. Benicasa poderia não estar satisfeito com a parte da herança que fora destinada a ele e aos dois irmãos.

De todo modo, a família de Catarina passou por uma série de crises a partir da queda do Governo dos Nove, o que espelha a situação conturbada de Siena. A própria Catarina, inclusive, também sentiu este impacto, pois no mesmo ano da morte de seu pai, decidiu renunciar a sua parte da herança e a viver com a mãe¹⁴⁴. Catarina não ficou por muito tempo em Siena, e a partir de 1375, comparecia apenas algumas vezes (ausência que era sentida e cobrada pela mãe, com quem tivera ao longo de toda a vida uma relação conturbada). Em uma carta destinada à mãe, Catarina respondia: –se vos parecer que me ausento mais do que vos agrada, não posso agir de outro modo. Penso que, se conhecêsseis a situação, vós mesmas me ordenaríeis que demorasse¹⁴⁵||.

Ainda assim, em meio às demoras, ausências a conflitos com a mãe, sua relação com Siena subsistiu. Nota-se uma intensa preocupação de Catarina com sua cidade e, evidentemente, uma estima. Seu misto de topofilia e preocupação com a salvação das almas a direcionou no sentido de aconselhar os governantes e os habitantes – especialmente quando do Cisma e do conturbado pontificado de Urbano VI – aconselhando prudência e justiça. Mas seus conterrâneos não corresponderam à altura. Em uma carta a Aléssia Saracini, considerada uma –confidentell de Catarina, ela escreve:

[...] quanto a mim, parece que meu esposo eterno quis realizar uma doce e autêntica provação na alma e no corpo. Foram provações visíveis e invisíveis. Estas últimas bem mais numerosas que as primeiras. Mas ele cuidou com tanta doçura, que a linguagem não pode descrever. Assim quero que a dor seja meu alimento e a lágrima seja minha bebida, que o suor seja meu unigênito¹⁴⁶.

Parte integrante do discurso e da vivência dos místicos, o sofrimento é visto como forma de enriquecimento, e Catarina afirma tomar as lágrimas como bebida e ter o suor como seu unigênito. As lágrimas são consideradas frutos do coração que está cheio do divino e, em um dado momento, transborda em lágrimas. Assim, no contexto da linguagem mística, estas lágrimas não podem passar despercebidas, pois significam a união entre o místico e Deus. No caso específico de Catarina, reforçam sua autoridade temporal e espiritual, enquanto

¹⁴¹ VAUCHEZ, André. *Caterina da Siena*. Economica Laterza: Roma, 2015. p. 9

¹⁴² SIENA, Catarina de. *Cartas completas*. Trad. João Alves Basílio. São Paulo: Paulus, 2005. p. 62.

¹⁴³ VAUCHEZ, André. *Caterina da Siena*. Economica Laterza: Roma, 2015. p. 21.

¹⁴⁴ Ibidem.

¹⁴⁵ SIENA, Catarina de. *Op.cit.*, p. 394.

¹⁴⁶ Ibidem. p. 388.

mediadora de Deus e condutora da salvação¹⁴⁷. Filho este derramado nas muitas empreitadas que por ele iniciadas e, certamente, uma parcela foi dirigida a Siena. Vejamos alguns trechos de outra carta, esta em resposta a Pedro Salvi, um ourives amigo de Catarina residente em Siena, que havia entrado em contato a fim comunicar sobre o que falavam dela pela cidade:

É vontade de Deus que eu permaneça aqui. Eu estava em grande ardor, temendo que fosse ofensa a Deus minha estada neste lugar, por causa dos numerosos comentários e suspeitas a respeito de minha pessoa e a respeito da pessoa do meu pai, Frei Raimundo de Cápua [...] Quanto posso, vou esforçar-me por fazer o bem para a glória de Deus e a salvação das almas, para o bem de nossa cidade [...] Pelo bem praticado recebo o mal; por procurar a honra divina, procuram envergonhar-me; por dar-lhes, a vida dão-me a morte [...] Queira ou não o demônio, empenhar-me-ei em dedicar minha vida para a glória divina e a salvação das almas, em favor do mundo inteiro e sobretudo da minha cidade. Grande tolice a dos cidadãos de Sena ao pensar ou imaginar que estamos assinando tratados nas terras dos Salimbeni ou em qualquer outro lugar do mundo¹⁴⁸.

A carta provavelmente foi escrita posteriormente a 1375, pois Catarina já deixava transparecer sua intimidade com Raimundo de Cápua, a quem chamava de pai. É interessante mencionar que o governo e o povo suspeitaram de que a demora de Catarina, junto à família Salimbeni, pudesse resultar em alguma conspiração contra a República, afinal, a família exerceu papel de destaque na trajetória política da cidade. Ora, se o povo já tomava consciência da influência de Catarina, é bem certo que ela já estivesse totalmente inserida nos assuntos de seu tempo. De todo modo, acreditamos que esta é a carta que melhor transparece a relação entre Catarina e sua cidade: suas próprias palavras mostram as dificuldades deste relacionamento, marcado por diversas calúnias. Porém julga-se interessante o fato de que Catarina se mostra insistente, afirmando que continuará empenhada em buscar o bem de todos e de Siena: –sobretudo da minha cidadell, em suas palavras. A respeito disso, Vauchez afirma:

In effetti Caterina, che è spesso entrata in conflitto con le autorità comunali di Siena e ha incessantemente subissato di rimproveri i governanti e gli abitanti della città, non aveva la vocazione di una santa locale o cittadina. Molto più grande era la sua ambizione, e il suo destino sarebbe stato ben diverso¹⁴⁹.

De fato Siena, à época da juventude e vida adulta de Catarina, passava por uma grave crise, a qual estava fora do alcance de Catarina. Talvez esta fosse a –grande ambição assinalada por Vauchez. Mesmo assim as tentativas foram diversas, Catarina também se correspondeu duas vezes diretamente com os governantes de Siena, que à época eram os Quinze.

Sabemos que Catarina vivenciou processos importantes que não só conduziram os rumos de sua cidade, como também atingiram diretamente sua família, mais especificamente dois de seus membros. Os sucessivos grupos que se digladiaram em torno do poder também

¹⁴⁷ When bound up with speech, tears can indicate, quite literally, that someone is speaking from the heart. Furthermore, tearful speech is often traced by the speaker to sources outside the individual. The heart, after all, is the single physical place in the body where the Holy Spirit can dwell. Liquid imagery of describing the presence of the divine within the body often refers to blood, but can also focus on tears. Tears and speech, when they do come together, offer a kind of proof, a sort of discernment strategy. Tears authorize words and can point to a divine source [...] Catherine's typology of tears focuses on moving in several stages from self-referential tears to tears that share in just such a confluence of human and divine [...] Catherine's typology of tears both reveals her authority as vessel and purveyor of divine knowledge and her mediatory openness to other in need of salvation. WEBB, Heather. *Lacrimae cordiali: Catherine of Siena on the value of tears*. In: MUESSIG, Carolyn; FERZOCO, George; KIENZLE, Beverly (orgs.) *A Companion to Catherine of Siena*. Leiden: Brill, 2012. pp. 103-112.

¹⁴⁸ SIENA, Catarina de. *Cartas completas*. Trad. João Alves Basílio. São Paulo: Paulus, 2005 p. 411-412.

¹⁴⁹ VAUCHEZ, André. *Caterina da Siena*. Economica Laterza: Roma, 2015. p. 38.

interferiram na posterior relação entre Catarina, já afamada por seu odor de santidade, e Siena. Em partes porque o governo que com ela mais dialogou foi o governo chamado dos Reformadores ou dos Quinze, um governo que, conforme veremos adiante, restringiu consideravelmente o espaço para cidadãos do estrato social de Catarina e sua família, aqueles burgueses que lidavam com a lã. Além disso, é provável que a migração de Catarina entre os vários grupos possa ter sido motivo de certo espanto, e é até desagradado nos membros da *Signoria* de Siena. Transitavam entre o povo mais simples, porém, não era ali que se encontravam os membros mais próximos e importantes de sua rede, mas sim na nobreza, nos altos quadros políticos em pessoas abastadas. Como nos mostra a carta de seu amigo ourives relatando o burburinho que estava se formando em torno de sua estadia prolongada no castelo dos Salimbeni, no Vale de Orcia. Esta nobre família de Siena, que nutria estreitos laços com o Imperador do Sacro Império Romano, desempenhou papel central em todas as transições políticas da cidade, desde os Nove até os Reformadores, e eram amigos próximos de Catarina. Manter laços com a nobreza, em Siena, não era algo bem visto pela cúpula de governo, pois esta nobreza, em nenhum momento, fora bem assimilada no governo, em função de uma frágil ideia de governo do povo. Os nobres orbitavam em torno do governo realizando intervenções quase que cirúrgicas, todavia de grande impacto e, é claro, causavam grandes confusões com suas disputas particulares (*vendettas*) com nobres de outras famílias. No epistolário, há seis cartas de Catarina endereçadas aos Salimbeni, os assuntos são todos voltados à religiosidade, preferencialmente, aconselhamentos espirituais. Vejamos.

Sei que vossos familiares e outras pessoas falam muito mal da condessa, pelo fato de que ela deseja tornar-se serva e esposa de Jesus Cristo. Essas maldosas pessoas para impedir os dois, vos apresentarão muitas dúvidas e temores. Descreverão como vergonha e baixeza o que é a maior honra que poderíeis receber. Uma honra não somente para hoje, mas boa fama diante de Deus e da sociedade, muito maior que a dos vossos antepassados¹⁵⁰.

O contexto desta carta é bastante trágico: a condessa Benedita Salimbeni, recentemente viúva, quando estava para se casar pela segunda vez, também perdeu o noivo. A partir de então, Catarina passou a sugerir a ela que buscasse se casar apenas com Cristo, retirando-se a um mosteiro. Certamente, este tipo de aconselhamento se encontra destinado a pessoas com sangue não tão nobre, pois tal apostolado fazia parte da mentalidade de Catarina, que como sabemos, para além de qualquer objetivo político, visava arrebanhar indivíduos para a Igreja – para que assim fossem salvos. Porém, quando lemos as cartas destinadas aos Salimbeni, vemos Catarina inteiramente a par da vida íntima destes nobres, isso certamente sugere uma proximidade entre ambos.

Enfim, além dos Salimbeni, outras famílias também marcaram presença na conturbada política de Siena. E, para melhor compreendermos as cartas de Catarina ao governo dos Quinze, é preciso que nos detenhamos mais detalhadamente neste curto período que se estendeu entre 1355 e 1368 (ano da ascensão dos Quinze, os quais estenderam seu governo até 1385, quando Catarina já havia falecido há cinco anos).

Dois governos distintos precederam os Quinze na *Signoria* de Siena: os Nove e os Doze. Os grupos que disputaram o poder correspondiam à nobreza, aos comerciantes, aos artesãos e ao estrato mais baixo da população comum¹⁵¹. Porém, outra questão atravessava

¹⁵⁰ SIENA, Catarina de. *Cartas completas*. Trad. João Alves Basílio. São Paulo: Paulus, 2005. p. 386.

¹⁵¹ As cidades medievais não apresentavam uma composição homogênea em sua população. É interessante ressaltar que o termo mais recorrente para referir-se a elas é comuna. Sobre isso o historiador italiano Mario Ascheri escreve: –Il Comune compare nelle fonti documentarie a partire dalla fine dell’XI secolo come commune (Le Mans, 1070) ma anche communitas (Cremona, 1078) e più tardi universitas – termine del diritto romano per indicare un «tutto», un complesso unitariamente considerato. Come ancora oggi, Comune ha indicato

estes grupos, trata-se de algo que se verificou em toda a Península Itálica, a clássica disputa entre Gibelinos e Guelfos (sendo, grosso modo, os primeiros partidários do imperador e os segundos partidários do papa). Porém, a definição destes dois partidos (como são comumente chamados) aponta para uma ideologia de governo e para certa complexidade, haja vista que, paulatinamente, os dois partidos foram se subdividindo, ficando, assim, ainda mais difícil apresentar uma definição exata. De todo modo, Oscar Browning consegue nos proporcionar um bom entendimento deste cenário:

Speaking generally, the Ghibellines were the party of the emperor, and the Guelphs the party of the Pope; the Ghibellines were on the side of authority, or sometimes of oppression, the Guelphs were on the side of liberty and self-government. Again, the Ghibellines were the supporters of an universal empire of which Italy was to be the head, the Guelphs were on the side of national life and national individuality¹⁵².

Os Gibelinos acreditavam que apenas o Imperador poderia proporcionar a paz em um governo estável e unificado e que não daria margens para os conflitos internos, os quais, por séculos, verificaram-se na Península Itálica. Por sua vez, os Guelfos defendiam a autonomia e a individualidade das cidades em seus assuntos particulares. Siena originalmente tinha aspirações Gibelinas, mas, a partir do final do século XIII, foi obrigada a abraçar as proposições Guelfas, a fim de se inserir melhor junto às cidades da Toscana. À supremacia Guelfa que se estabelecia paulatinamente se opôs uma forte resistência em Siena, todavia, pouco a pouco, grupos como os mercadores, perceberam que para retomar a normalidade no âmbito político, mas, sobretudo em seus próprios negócios, seria inevitável abraçar o partido Guelfo.

Assim foi feito. No remoto ano de 1277, distante do recorte de nossa pesquisa, os mercadores se organizaram em um golpe, assumindo o governo. Neste momento, iniciou-se então o Governo dos Nove, que fizeram dos cargos públicos seus domínios particulares. A maior parte da população ficou excluída do governo, especialmente a nobreza – lançada à periferia do âmbito público logo nos primeiros momentos. Na maior parte dos casos, podemos dizer que os Nove concentraram todas as atribuições em suas próprias mãos, sendo um governo firme e restrito aos mercadores.

Sobre a mecânica dos aparatos administrativos, Ferdinand Schevill diz:

The Nine named their own successors; they appointed all the leading officials of the

in passato, in Italia e altrove in Europa, ogni istituzione di governo locale, quale che fosse la dimensione della comunità amministrata e quale che fosse l'ampiezza delle sue competenze e dei suoi poteri; si trattasse di città o anche di centri minori, di castelli e di insediamenti montani e rurali pur di scarso spessore demografico. Cf. ASCHERI, Mario. *Le città-Stato*. Bolgna: Il Mulino, 2006. p. 7. Jacques Le Goff também contribuiu para o entendimento desta unidade urbana típica do medievo apresentando o termo burgo/burgueses, partindo, evidentemente, da realidade francesa, dizendo: –Observou-se com humor, mas não sem exatidão, que os habitantes das novas cidades — e não todas, porque, cabe repeti-lo, a cidade medieval já não é a cidade da Antiguidade e da Alta Idade Média — não pensavam, ao obter os forais, as franquias, em criar uma cidade. Pensavam em formar uma comunidade capaz de fazer frente aos senhores, mas ainda sem nome próprio (*cives*, *hospites*, *oppidani*, isto é, cidadãos, hóspedes, habitantes de uma praça forte, ou ainda, simplesmente, habitantes, ou mesmo *incolae* ou *homines*, termo ao mesmo tempo muito geral e que evoca um vínculo de dependência em face de um senhor), num lugar igualmente sem personalidade própria (*civitas*, ainda cidade, ou *burgus*, burgo, *suburbium*, subúrbio, *oppidum*, praça forte, ou mais vagamente *locus*, lugar, ou *villa*, que designa indistintamente cidade ou aldeia). O nome que esses beneficiários dos privilégios urbanos vão usar de preferência, *burgenses*, apenas continuará designando uma parte da população das cidades, mas a palavra francesa que o traduz, *bourgeois*, batizará uma classe social, a burguesia, que triunfará no século XIX com o capitalismo e uma nova revolução urbana, a da cidade, nascida da revolução industrial. Cf. LE GOFF, Jacques. *O apogeu da cidade medieval*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. pp. 3-4.

¹⁵² BROWNING, Oscar. *Guelphs & Ghibellines a short history of Medieval Italy 1250-1409*. London: Methuen & Co., 1894.p. 23.

state; their resolutions were law; the potestà and captain were obliged to carry out their orders; they elected the members of the General Council, suffering naturally only partisans; and, finally, they appointed the officers (sworn Guelphs and clients!) of the military companies [...] the Nine constituted we may call a distributed tyranny¹⁵³.

Somada a sua –tirania compartilhada, os Nove também adotaram a estratégia de uma relação diplomática com Florença, que beirava a submissão, especialmente na esfera dos assuntos exteriores. Integrando a Liga Guelfa, Siena se colocava diretamente sob a influência de Florença, que exercia papel de controle sobre todas as cidades da Liga pertencentes à região da Toscana. Entretanto, mesmo considerados tiranos, os Nove também foram responsáveis por um florescimento urbano na cidade, que se estendeu até a chegada da Peste Negra em 1348.

Until the advent of that terrible pestilence of 1348, the epoch of the supremacy of the Nine is the brightest in the history of Siena. –In that time, wrote Fra Filippo Agazzari, a few years later, –the city of Siena was in such great peace, and in such great abundance of every earthly good, that almost every feast day innumerable weddings of young women were celebrated in the city. It is the epoch in which most of Siena’s three supreme painters - Duccio di Buoninsegna, Simone Martini, Ambrogio Lorenzetti - for a brief while raised the school of their native city to an equality with that of Florence. Trade flourished, the university prospered [...]¹⁵⁴.

Todo este progresso logo começou a ser abalado pelas conspirações e pela peste, posteriormente. Em 1318, a família nobre dos Tolomei fomentou, junto aos notários, açougueiros e trabalhadores das guildas, uma revolta contra os Nove, mas quando ocorreu o enfrentamento das tropas do governo, na *Piazza del Campo*, o povo pequeno foi abandonado à própria sorte. Alguns anos depois, em 1346, houve uma –tentativa de revolta (pelo menos foi assim considerada pelos donos do poder). Dois nobres adeptos dos Nove foram assassinados. O governo, que já estava paranoico com possíveis conspirações, encheu as ruas da cidade com soldados provenientes dos aliados da Liga Guelfa¹⁵⁵. Mas a queda definitiva dos Nove só se deu no ano de 1354.

Com a –descida do Imperador Carlos IV à Península Itálica, os nobres mais uma vez movimentaram o povo em uma conspiração contra os Nove, organizaram uma expedição rumo ao palácio do governo e, naquele dia, não encontraram nenhuma resistência. O próprio imperador estava no palácio no momento da insurreição e negociou com a turba de revoltosos a rendição dos Nove. À queda do governo, seguiram-se clássicas medidas: intensa violência descarregada contra os derrotados e os seus próximos; e também a exclusão da nobreza de qualquer cargo, juntamente com os mercadores. A exclusão, comumente realizada no estabelecimento de novos dirigentes, aprofundava as diferenças entre os grupos e acirrava a rivalidade entre eles. No governo dos Doze, surgiram partidos chamados de Montes, como por exemplo: *il monte dei Gentiluomini* (nobreza); *il monte dei noveschi* (mercadores); e *il monte dei dodicini* (apoiadores do governo). Era forte o sentimento de pertença a qualquer um destes partidos, de modo que a violência, já usual, tornou-se ainda mais comum:

A monte was a thing like an oriental caste, into which a man found himself born and from which there was no escape except by death. With attachment to the monte superseding every other loyalty, the party in power felt no scruples about securing by open violence or by the most disingenuous sleight of hand the possession of the

¹⁵³ SCHEVILL, Ferdinand. *Siena the History of a Medieval Commune*. Betti: Siena, 2016. p. 165.

¹⁵⁴ GARDNER, Edmund G. *The Story of Siena and San Gimignano*. Toronto: University of Toronto Library, 1980. p. 23.

¹⁵⁵ SCHEVILL, Ferdinand. *Op.cit.*, pp. 170-171.

honors and emoluments¹⁵⁶.

É válido retomar o fato de que a família de Catarina – os Benicasa – teve sua participação junto aos Doze, a qual não temos a intenção de superestimar, mas que se concretizou na pessoa de seus dois irmãos, Estêvão e Bartolomeu. A família pôde gozar de tranquilidade e até certo prestígio enquanto durou o governo dos Doze, mas, logo após sua queda, a violência que se seguiu não nos parece mais estranha, se considerarmos o clima tenso entre os integrantes dos diferentes partidos, somado a euforia da vitória. Langton Douglas faz um balanço muito relevante em torno do plano político dos Doze. Vejamos:

I Dodici, pari in questo ai loro predecessori, non ebbero di mira altro che il vantaggio di uno solo dei Monti e bem presto divennero unicamente i rappresentanti e i portavoce dela classe media inferiore, né ebbero altro intento da quello di promuovere la maggior prosperità do questa classe, e di recar torto ed offesa a quella dai grassi borghesi. Il sistema dell'esclusione iniziato dal Monte dei Nove fu adotado anche dal loro sucessori. Perciò il conflitto fra gli Ordini rivali se fece sempre più accanito. Parve morto fra i Senesi il sentimento patriottico; tutti forono per la loro parte; nessuno per lo Stato¹⁵⁷.

Os sucessivos governos adotaram medidas personalistas, voltadas apenas aos grupos de que eram representantes, como no caso da média da burguesia. A devoção aos partidos que se sobrepujam ao próprio Estado, somada a recorrente segregação da nobreza, geravam uma série de conflitos que logo precipitaram o fim daquele governo. A queda dos Doze se deu em 1368, mesmo que sua imagem fosse popular junto ao povo, uma vez que deu reconhecimento a todas as guildas, a exceção daquela dos mercadores, e tinha um plano de inseri-las no governo – que conquistou a partir da imagem de um plano de governo mais –democrático. O cenário da queda dos Doze é bastante confuso e marcado por sucessivos movimentos e rápidos governos. Tentaremos apresentar esta passagem de forma sintética e clara. No espaço de tempo de um único dia, dois de setembro, dois governos se ergueram e caíram rapidamente: um estritamente mantido nas mãos da nobreza; e outro envolvendo todos os partidos rivais, estruturado a partir da traição dos Salimbeni contra o seus confrades da nobreza.

Os Reformadores só se estabeleceram no mês de dezembro, no dia onze, formados pelo chamado –*popolo minuto*, povo miúdo. A junta de governo era formada por quinze integrantes, sendo oito dos Reformadores, quatro dos Dodicini e três dos Noveschi¹⁵⁸. Após o estabelecimento dos Quinze, o imperador Carlos IV retornou à Itália, e o que se seguiu posteriormente à sua vinda é um tanto quanto confuso. Sendo próximo dos Salimbeni, foi levado por estes a apoiar uma revolta contra o governo que há apenas poucos dias havia se instalado. Mas no decorrer do movimento, os Salimbeni traíram o imperador e apoiaram o governo contra as tropas imperiais. Derrotado e humilhado, Carlos IV não só confirmou a legitimidade do novo governo, como também concedeu-lhe o título de Vigários do Império.

Sua permanência à frente de Siena foi duradoura, pois se estendeu até o ano de 1385. Foi esforço recorrente de o governo tentar atenuar a rivalidade entre os partidos, porém estes não hesitaram em lançar mão de métodos, a fim de assegurar sua permanência do poder. Além disso, a ação das companhias de mercenários que assolavam o território sob domínio de Siena permaneciam sem solução. A permanência de tais homens em terras sienenses causava um rastro de destruição, sobretudo nos campos e, conseqüentemente, a fome.

Em meio a este contexto de crise, trabalhadores que lidavam com lã se revoltaram

¹⁵⁶ Ibidem. p. 178.

¹⁵⁷ DOUGLAS, Langton. *Storia politica e sociale dela Repubblica di Siena*. Siena: Betti Editrice, 2012. p. 140

¹⁵⁸ Ibidem. p. 180-181.

contra o governo, mas foram massacrados pelos Salimbeni e os *Dodicini*:

In 1371 the starving wollen workers of the quarter of Oville rose and partially overthrew the government; thereupon the Salimbeni and the Dodicini, falling on them at an unexpected moment, took revenge by a terrible massacre of these poor wretches!¹⁵⁹.

A situação parece um tanto quanto contraditória, se considerarmos que os *Dodicini* se voltaram contra aqueles que anos antes foram partidários de seu governo. Contudo, os tempos eram outros, e sob os bons augúrios dos Quinze, não hesitaram em massacrar os revoltosos. Schevill os enquadrou em um grupo extremamente pobre. Mas Vauchez narra este mesmo massacre de outra forma, ampliando sua área:

Nel 1371 gli strati inferiori del mondo del lavoro si sollevarono di nuovo contro la coalizione al potere, e i rappresentanti superstiti del precedente regime, assieme ai loro partigiani ancora presenti in città, furono esiliati. In seguito a ciò i due fratelli di Caterina, da lei nascosti nel sottosuolo dell'ospedale della Scala per salvarli dal massacro, partirono definitivamente per Firenze, dove il maggiore, Bartolo, morì di peste nel 1374¹⁶⁰.

Retornamos ao ponto que nos introduziu as discussões sobre Siena, isto é, os vestígios da ação do governo em Catarina e em seus familiares. Pelo trecho acima, depreende-se que o que ocorreu naquele ano de 1371 não esteve restrito a um bairro ou a um grupo apenas, mas foi algo bem maior. O governo, além de sufocar o movimento dos rebeldes que se associaram aos mercenários da *Compagnia dal Bruco*, também alterou a composição dos acentos do governo, cedendo os quatro que eram destinados aos membros dos *Dodici* ao chamado *popolo minuto*¹⁶¹. Para salvar seus irmãos, Catarina teve que abrigá-los em *Santa Maria Della Scala*, hospital onde atuava, e logo eles tiveram que deixar a cidade, partindo para Florença e tornando-se seus cidadãos. É certo que Catarina só obteve contato com a dimensão mais dura do governo de sua cidade. E as duas cartas destinadas aos Quinze são repletas de direcionamentos para um governo mais justo e também em defesa de sua própria imagem, continuamente ferida por críticas e acusações.

Sua primeira carta aos governantes, enviada antes de 1377 – data que é nosso marco entre antes da hospedagem no castelo dos Salimbeni e depois. O tema principal é nitidamente perceptível e, em longas linhas, Catarina apresenta uma defesa para aqueles servos de Deus que são injustamente perseguidos (é claro que ela se encontra no meio deste grupo). Acusando os Quinze de serem incapazes de governar Siena porque não conseguem governar a si mesmos, vivendo submersos pelo pecado mortal, Catarina lhes atribuí:

A falta de conhecimento impede a pessoa de discernir a verdade e, por isso, calunias-se a quem é inocente, levantam-se suspeitas de pessoas nas quais se deve confiar. É o que acontece com os servidores de Deus [...] Não vos ergais contra os servidores de Deus. Deus tolera tudo, menos as injúrias, as oposições e as calúnias contra os seus servidores. Ao ofendê-los, ofendeis a Cristo. E que péssima coisa seria isso para vós¹⁶².

Mais adiante, Catarina deixa seu usual discurso com sua típica espiritualidade para ser mais direta. É então que ficamos sabendo dos motivos que a levaram escrever para os Quinze.

¹⁵⁹ Ibidem. p. 183.

¹⁶⁰ VAUCHEZ, André. *Caterina da Siena*. Economica Laterza: Roma, 2015. p. 9.

¹⁶¹ Cf. DOUGLAS, Langton. *Storia politica e sociale della Repubblica di Siena*. Siena: Betti Editrice, 2012. p. 148.

¹⁶² SIENA, Catarina de. *Cartas completas*. Trad. João Alves Basílio. São Paulo: Paulus, 2005. pp. 403-404.

A questão toda gira em torno da Abadia de Santo Antimo. Seu abade, certamente amigo de Catarina, teve seus aconselhamentos ao governo rejeitados, e diversos boatos, inclusive, parecem ter surgido para desonrar a sua imagem. O que era conselho para o abade, talvez fosse crítica para o governo. Mas Catarina considerou esta atitude intolerável e acusou os chefes por darem ouvidos a pecadores e rejeitarem os santos.

Além da querela com o abade, a própria Catarina estava em Santo Antimo resolvendo uma questão que permanece em mistério, pois as fontes se silenciam a respeito disso, e sua ausência, mais uma vez, tornou-se motivo de murmúrios. Em resposta, podemos notar um misto de ira com persistência: –não será devido à ingratidão e ignorância dos meus concidadãos que pararemos de trabalhar até a morte para vossa salvação [...] Eu vos amo bem mais do que vós me amais. Amo a pátria pacificada, amo o vosso modo de viver!¹⁶³.

O tom dessas frases aponta a um laço estreito com Siena e ainda para o desejo de Catarina de trabalhar em prol de sua cidade natal. É mais uma vez o desejo pela paz que guia suas ações, as quais deveriam ser tomadas pelos correspondentes sempre como irrepreensíveis. Porém, o tom brando logo é abandonado, dando lugar à dureza:

Nada mais acrescento. Banhai-vos no sangue de Cristo crucificado, se é que desejais ter a vida. Do contrário caireis na morte eterna. Não vos seja pesado ler esta carta e ouvir as explicações de Pedro com paciência. Porque a dor e amor e o amor que tenho me fazem dizer muitas palavras¹⁶⁴.

Não há sinal de seu cordial pedido de desculpas pela presunção ou pela ousadia, apenas uma dureza enorme frente à ingratidão dos concidadãos. Contudo, ainda assim, ela persistiria fazendo tudo pelo bem de sua pátria, dizendo que sempre seria motivo de alegria vê-la –pacificada, em suas próprias palavras. A outra carta ao governo segue com conselhos semelhantes a anterior, no sentido de um governo justo e guiado pela virtude da graça de Deus. Trata-se de uma carta que não segue um único padrão, encontramos a dureza típica de Catarina ao ler –o amor que tenho por vós e pelos demais cidadãos, a tristeza que sinto pelos vossos modos de viver e pelos costumes pouco orientados para Deus, me justificarão diante do Senhor e diante de vós!¹⁶⁵. Mas, ao mesmo tempo, há trechos de docilidade e gratidão, especificamente na parte destinada a resposta ao governo:

Eu vos agradeço o amor demonstrado pelos súditos, procurando-lhes a paz e tranquilidade, e também por mim, que sou tão pequena. Nem mereço que desejais minha presença em Siena, pois sou incapaz de resolver tal questão e qualquer outra por menor que seja. Mas deixarei que Deus aja e aceitarei o que o Espírito Santo me enviar. Obedecerei ao vosso pedido de regressar e permanecer em Siena, mas sempre pondo a vontade divina acima da vontade dos homens¹⁶⁶.

O motivo que levou Catarina a buscar mais proximidade com os Salimbeni é surpreendente, pois, tendo recebido de Nanni Savini um castelo em Belcaro, localizado nas proximidades da Siena, Catarina tinha como objetivo transformar esta fortificação em um mosteiro, intitulado por ela de –Santa Maria dos Anjos. Ela mesma faz menção ao lugar em uma carta à Condessa Salimbeni, Benedita: –já se iniciou o trabalho e com vigor. Falo do mosteiro de santa Maria dos Anjos, em Belcaro [...]¹⁶⁷. Porém, as reformas custariam muito caro, nem Catarina nem seus seguidores teriam condições de arcar sozinhos com todo custo, por isso ela resolveu buscar ajuda dos Salimbeni: resolvendo a discórdia entre os irmãos,

¹⁶³ Ibidem. p. 406.

¹⁶⁴ Ibidem.

¹⁶⁵ Ibidem. p. 417.

¹⁶⁶ SIENA, Catarina de. *Cartas completas*. Trad. João Alves Basílio. São Paulo: Paulus, 2005. p. 417.

¹⁶⁷ Ibidem. p. 377.

Catarina esperava conseguir o patrocínio dos nobres¹⁶⁸. Além disso, evidentemente, ela se dedicou a evangelização daquela região junto aos padres que a assessoravam. Em suas cartas aos Quinze, sempre encontramos menção a este trabalho em prol da salvação das almas. Como já dissemos em outro momento, é importante não descaracterizar Catarina de sua intensa religiosidade em prol de um ativismo político isolado. Podemos dizer que nela conviviam estas duas dimensões, quase que misturadas.

Assim sendo, o governo de Siena entrou em contato com Catarina e fez um pedido, talvez até em tom de convocação, para que ela retornasse à cidade, pois, aos olhos do governo, tudo isso era muito suspeito. A esta situação, Catarina apresentou uma inflamada defesa, como tivemos a oportunidade de observar a partir de alguns trechos. Defesa que, em alguns momentos, soa cômica, como no trecho –até parece que não têm outra coisa a fazer além de rachar lenha sobre minha cabeça!¹⁶⁹. Mas, além de se defender, Catarina tecia diversos elogios a Siena, ao seu povo e até mesmo ao governo, e insistia em relatar com ênfase todo o esforço empreendido por ela e pelos seus em prol daquela cidade. É a topofilia expressa em sua plenitude, mostrando o quão estreitos eram os laços entre Catarina e sua cidade natal, topofilia que incentivava a uma visão da Siena ideal, bem distante da realidade.

“Não retardeis vossa vinda a Roma” – a Roma de Catarina:

Na segunda carta enviada ao papa Gregório XI, Catarina expressou pela primeira vez o seu convite para que o pontífice retornasse a Roma. Neste primeiro momento, o nome da cidade não é mencionado. Em seu lugar, Catarina utilizou outro termo, reforçando o seu ponto de vista de que Roma é, por excelência, o lugar de moradia do pontífice:

Voltai, voltai! Não resistais à vontade divina, que vos chama. Ovelhas esfaimadas esperam vosso retorno, para ocupardes e tomardes posse da sede do vosso antecessor, são Pedro. Como representante de Cristo, deveis estar no lugar que vos pertence. Vinde, pois, vinde sem demora! Criai coragem, sem medo de que algo vos aconteça, pois Deus estará convosco¹⁷⁰.

É marcante a presença contínua de Catarina junto ao papa, por meio de suas cartas, reforçando a importância de seu retorno. Catarina enfatiza a imagem de Roma enquanto a verdadeira sede daquele que era sucessor de S. Pedro. Nenhuma ameaça deveria se antepor a este desígnio já consolidado pela tradição da Igreja e, mesmo que surgisse algum problema, Catarina confortava o papa dizendo que Cristo não deixaria que mal algum se abatesse sobre seu Vigário. Obstáculos não faltavam ao retorno do papa, pois Roma vivia um momento de decadência e violência, em função dos conflitos entre a nobreza cidadina. E, em um cenário maior, pensando a Península Itálica, a política dos legados papais não estava agradando Florença, que movimentou uma aliança das cidades da Toscana contra os Estados Papais. Percebe-se certa distância entre a Roma de Catarina e aquela da realidade. Mas esta estava empenhando-se em auxiliar o papa, no intuito de solucionar o conflito com Florença e, assim, estabelecer um cenário mais propício a sua vinda.

Em carta também datada do ano de 1375, como a anterior, Catarina transmitiu ao papa um relato dos recentes esforços por ela empreendidos em prol da paz entre ele e Florença:

Rogo que vos dirijais como pai, na maneira que Deus vos sugerir, aos habitantes de Luca e Pisa, apoiando-os no que for possível e convidando-os a se manterem firmes e perseverantes. Estive em Luca e Pisa até agora, convidando-os quanto me foi

¹⁶⁸ VAUCHEZ, André. *Caterina da Siena*. Economica Laterza: Roma, 2015. p. 64.

¹⁶⁹ Ibidem. p. 418.

¹⁷⁰ SIENA, Catarina de. *Cartas completas*. Trad. João Alves Basílio. São Paulo: Paulus, 2005. p. 636.

possível, a não entrar na aliança com os membros apodrecidos, rebeldes a vós. Mas eles estão muito preocupados, porque não receberam o apoio de vossa parte e, do outro lado, estão sendo estimulados e ameaçados para aderirem. Mas até agora não concordaram. Também peço que mandeis carta a Pedro, sem demora e com solicitude. Nada mais acrescento¹⁷¹.

Catarina se moveu estrategicamente entre Luca e Pisa, a fim de dissuadi-los do propósito de se aliarem à Florença contra o papa. Sua ação foi eficaz por muito pouco, pois, no mesmo ano, as ditas cidades cederam à pressão de Florença. Ainda assim, Catarina continuou insistindo para que a paz se estabelecesse entre Florença e o papado, muitas vezes agindo como intermediadora direta entre ambos. Paralelamente a esta ação, os convites para o retorno a Roma, dirigidos ao papa, tornaram-se muito frequentes e insistentes ao longo das cartas seguintes.

Somando um total de doze as cartas ao papa, podemos notar que o discurso de Catarina é bastante direto, concentrando-se sempre em seu programa de três frentes: reforma da Igreja, Cruzada e retorno a Roma. Mas até o retorno do papa Gregório XI efetivamente, a questão de Roma foi prioridade e todas as outras giravam em torno dela.

Porém, vale ressaltar que, de modo semelhante ao que se dava na Península Itálica, a situação de Roma e sua relação com o papa era delicada. A raiz desta situação se encontra no início do próprio século XIV, e deixou fortes marcas. O fator que levou o papa Bento XI a deixar Roma foi o conflito com a nobreza, herdado do pontificado de Bonifácio VIII. Acreditamos que este fator tenha sido também responsável por alongar a permanência dos papas em solo francês. O papa Bonifácio, Benedetto Caetani, pertencia a uma família que objetivava sistematicamente expandir sua influência e seus territórios, fato que esbarrou com os interesses das outras famílias. Quando foi eleito ao trono de Pedro, após a renúncia de Celestino V, em 1294, dirigiu-se a Roma em grande pompa, onde foi coroado e logo tomou a causa de sua família.

Se iniziano allora, per ricerca di supremazia dei Caetani in Roma e nel Lazio, le ostilità con it Colonna, per smussare le quali, senza risultato alcuno, il senatore Pandolfo Savelli offre i suoi buoni uffici di conciliazione. La rivalità fra i contendenti è aspra, raggiunge toni anche violenti senza risparmio di feroci, reciproche accuse fatte di sotterfugi e di riferimenti a eventi passati. I contendenti si rivolgono spesso anche ai cittadini affinché venga da questi riconosciuto, di volta in volta, il buon diritto di ciascuno. Bonifacio, ad esempio, nella bolla Il excelso throno, dichiara che i Colonna –sono avversari dello Stato dei Romani, perturbatore dell'Urbe e della patria, desiderosi di colpire la città e il mondo intero. Acuse queste, certo esagerate, un po sopra le righe, ma che non sconvolgono più di tanto i Romani i quali vedono forse di buon occhio il ridimensionamento della potenza dei Colonna, causa di continui disordini. Essi sarebbero però certamente meno tranquilli se avessero la capacità di riflettere sul fatto che i Caetani non sono e non saranno mai troppo diversi dai Colonna¹⁷².

O confronto entre o papa e os Colonna foi latente e não encontrou resolução na tentativa de conciliação do senador. E é interessante mencionar que não só a violência se constituía como um recurso válido no embate entre os nobres, mas o próprio povo servia aos seus propósitos. Bonifácio tentou movimentar a opinião pública contra os seus rivais, atribuindo aos Colonna toda a desordem vivida na cidade. Mas, como bem afirmou o autor, não havia muita diferença entre os Colonna e os Caetani. O pontificado de Bonifácio ainda foi marcado pelo choque com o rei da França, Felipe IV, o Belo. Este tinha o intuito de taxar os bens eclesiásticos na França, medida a qual o papa se empenhou em combater rigidamente,

¹⁷¹ Ibidem. p. 604

¹⁷² GATTO, Ludovico. *Storia di Roma nel medioevo*. Roma: Newton Compton Editore, 2017. p. 423-424

pois não estava disposto a negociar e exigia a pura e simples submissão do rei. O posicionamento do papa levou o rei Felipe a mandar, em setembro de 1303, um destacamento de soldados até Anagni, onde Bonifácio estava naquele momento. Lá o papa foi humilhado e ferido pelos emissários do rei, vindo a falecer no mês seguinte. Existe uma forte tradição que insere neste episódio, conhecido como o atentado de Anagni, um fato muito emblemático: um Colonna teria esbofetado o papa¹⁷³.

Fato ou não, este episódio da bofetada ganhou notoriedade, o sucessor de Bonifácio, Bento XI, em seu breve pontificado, teve que tentar solucionar a delicada situação. Eleito em 22 de outubro de 1303, os cardeais esperavam que, não sendo de Roma (nasceu em Treviso, na região do Veneto), Niccolò Boccasini pudesse resolver a complexa situação envolvendo os Colonna e também aquela envolvendo Felipe IV. Mas *–il pontificato di Benedetto è pieno di buoni propositi ma scarso di realizzazioni sia per la situazione delicata che richiede cautela negli interventi di ogni tipo, sia per la sua breve durata: non più di otto mesi!*¹⁷⁴.

Desse modo, em seu curto papado, Bento XI não pode fazer quase nada de concreto. Pressionado pelos partidários de Bonifácio de VIII a punir os responsáveis pelo atentado de Anagni, Bento XI se mostrou nitidamente hesitante, não sabendo exatamente como agir neste emaranhado de acusações e interesses particulares. A hesitação do pontífice se reflete nas medidas tomadas com relação aos Colonna, aqueles a quem o papa dirige sua excomunhão em 16 de novembro, para retirá-las no mês seguinte, em 23 de dezembro¹⁷⁵.

A tensão atingiu seu auge, somada a ineficácia das medidas papais, em um claro protesto dirigido a Bento XI, que teve seu cortejo, rumo ao Vaticano, apedrejado por aqueles que assistiam, tendo uma pedra atingido um dos cardeais que acompanhavam. A fim de escapar da violência e da agitação de Roma, o papa a abandonou em 1304. Passou por algumas cidades (como Assis e Viterbo) até se estabelecer em Perugia, de onde tentou continuar a investigação sobre os culpados do atentado de Anagni, porém faleceu antes de concluir suas intenções.

Na mesma cidade de Perugia, foi realizado o conclave que elegeu o arcebispo de Bordeaux como sucessor de Bento XI, assumindo para si o nome de Clemente V. Este, em junho de 1305, mudou-se com o Colégio de Cardeais para a cidade de Avignon. O longo período de ausência do papado em Roma lançou a cidade a uma decadência política, sobretudo, econômica e cultural, pois as peregrinações não mais se dirigiam à cidade eterna com tanta frequência. Além disso, depois de alguns anos, o povo percebeu que a estadia em Avignon não teria o caráter temporário das saídas dos papas anteriores.

Entretanto, é interessante refletirmos sobre as vantagens de que usufruíam os papas estando em Avignon que, além de oferecer maior conforto do que Roma, possuía também localização privilegiada e, o mais importante, oferecia estabilidade. Sobre a estadia em

¹⁷³ Apresentando uma descrição mais detalhada do episódio, o autor afirma: *–diante das ameaças de excomunhão e tentativas de enfraquecer a França, Filipe, o Belo, reage com dureza e envia um grupo armado, liderado por Nogaret, para prender o Papa, que se encontrava em Agnani. No dia 7 de setembro, Nogaret, com um exército que contava com o reforço de tropas dos Cardeais Colonna, atacou de surpresa a cidade. Alguns Cardeais, por traição, se encarregaram de abrir as portas do palácio papal. Os sobrinhos do Papa, porém, organizaram rapidamente a resistência. Bonifácio quer negociar, mas Nogaret radicalmente pede a renúncia do Papa ao pontificado e ataca o palácio pontifício. Nesse momento trágico, Bonifácio mostra sua grandeza e paramentado aguarda no trono os seus agressores onde diz: *–Quero morrer mártir pela Igreja de Deus!*. Há uma lenda narrando que o Papa foi esbofetado pelo ex-cardeal Colonna, no momento em que o intimaram a renunciar. Bonifácio responde intrépido com a negativa, oferecendo antes a cabeça para ser cortada. Os invasores roubaram os bens do palácio pontifício e depois de três dias foram expulsos pelos cidadãos de Agnani. O Papa voltou para Roma e um mês depois veio a falecer!.* STREFLING, Sérgio Ricardo. A disputa entre o Papa Bonifácio VIII e o Rei Felipe IV no final do século XIII. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 37, n. 1157, p. 409-419, set. 2007. p. 417.

¹⁷⁴ GATTO, Ludovico. *Storia di Roma nel medioevo*. Roma: Newton Compton Editore, 2017. p. 441.

¹⁷⁵ *Ibidem*. p. 442.

Avignon, Paul Johnson afirma:

A estadia deveria ser temporária, mas aquela seria a sede da corte papal durante a maior parte do século XIV. O –cativeiro babilônico‖ do pontificado havia começado [...] Avignon tinha vantagens logísticas sobre Roma – era de localização mais central, com comunicações mais fáceis, menos insalubres e situava-se numa região de relativa paz; seria muito melhor como capital europeia que a cidade italiana. Embora vários papas proclamassem sua intenção de retornar a Roma, surgiam obstáculos que os impediam; ademais, a estabilidade tinha seus atrativos¹⁷⁶.

Logo, mesmo gozando da tranquilidade além dos Alpes, os papas tentaram manter sua relação com Roma de alguma forma. A intenção de retornar certamente existia, mas durante um bom tempo a ligação com Roma se deu por meio da intermediação dos legados papais, cardeais que eram nomeados a fim de representar os papas em meio aos assuntos romanos. E foi com Clemente V que se iniciou a política desastrosa dos legados em função do incêndio da Basílica de S. João Latrão em 1308¹⁷⁷. Com o passar dos anos, estas intervenções dos legados causaram muita instabilidade não só em Roma, mas também em toda a Península Itálica.

Os sucessores de Clemente oscilaram entre medidas agressivas e outras mais diplomáticas em relação a Roma. O momento de maior tensão se deu com a ação do legado Gil Álvarez Carrillo de Albornoz (1350-1367). O cardeal, enviado por Inocêncio VI (1352-1362), tornou possível, a custo de muita impopularidade, o retorno de Urbano V a Roma em 1367. Todavia, o desfecho desta vinda, que não apresentava um caráter permanente, mostrou o quão instável era o –equilíbrio‖ criado por Albornoz. Logo após sua morte, em 1367, a situação tornou-se muito caótica e o papa precisou retornar a Avignon (vale ressaltar que a política de Albornoz, proibindo os florentinos de importarem grãos de Roma, foi diretamente responsável pela guerra contra Florença)¹⁷⁸. A permanência em caráter definitivo na cidade de Roma estaria próxima, pois o sucessor de Urbano V foi o papa Gregório XI, que encontrou em Catarina uma campeã que defenderia seus interesses. Catarina acompanhou parte destes processos e certamente tiveram sobre ela grande influência, o que nos ajuda a entender o lugar de destaque ocupado por Roma em seu pensamento: a partir do pontificado de Urbano V, Catarina pode perceber que Roma possuía grande importância e realmente deveria ser ocupada pelo papa em definitivo¹⁷⁹. A respeito disso, Ludovico Gatto afirma:

Altrettanto distanti erano poi le sue motivazioni da quelle Romani, che spesso vedevano nel ritorno del Papa una fonte di proventi economici per molti. Le ragioni che militavano in favore della santa battaglia cateriniana erano ben altre: in lei non vi fu alcuna idea di Roma come città papale e imperiale a un tempo e non fu per nulla interessata alle ragioni politiche sostenute settant'anni prima da Dante, che forse ella conobbe solo di nome, mentre non dovette avere conoscenza diretta della sua opera. Il Papa per lei doveva risiedere nell'Urbe, per favorire l'unità del popolo di Dio e per realizzare - come si è accennato - una crociata che allontanasse da cristianità il pericolo dell'invasione turca sempre più minacciosa e pendente come una spada di Damocle sul Mediterraneo e sulla città degli apostoli in particolare. E coloro che non riconoscevano l'evidenza di tali argomentazioni e non

¹⁷⁶ JOHNSON, Paul. *Livro de ouro dos Papas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. p. 149.

¹⁷⁷ –Nell'occasione del grave incêndio di San Giovanni Clemente V prenderà un'importante decisione, anch'essa però rivelatrice del suo proposito di non rientrare a Roma, cioè invia in città un suo regolare rappresentante e sostituto, ovvero un vicário in spiritualibus, incaricato di vigilare sul buon andamento della vita religiosa di Roma e, in prosieguo di tempo, di affrontare una serie di problemi di carattere amministrativo e politico cittadino‖ GATTO, Ludovico. *Storia di Roma nel medioevo*. Roma: Newton Compton Editore, 2017. p. 446.

¹⁷⁸ BEATTI, Blake. Catherine of Siena and the Papacy. In: MUESSIG, Carolyn; FERZOCO, George; KIENZLE, Beverly (orgs.). *A Companion to Catherine of Siena*. Leiden: Brill, 2012. pp. 76-77.

¹⁷⁹ Ibidem. p. 77.

compredevano la vera dimensione della sua Roma, non si dovevano –chiamare né uomini né clerici ma demoni incarnati privati del lume della verità, ricoperti della bugia, dell'amor proprio di loro medesimi¹⁸⁰.

Os interesses políticos de Catarina situavam-se distantes dos apurados debates envolvendo a defesa da supremacia do Imperador do Sacro Império sobre a Itália (como aponta o autor ao mencionar Dante, referindo-se a Sua obra *Monarquia*). Assim, enquanto para alguns a permanência do papa em Roma seria importante para o bom andamento do comércio, da economia; para Catarina a saída de Avignon asseguraria a estabilidade da Igreja e ainda abriria o caminho para outros objetivos defendidos por ela: a Cruzada, a reforma da Igreja, e, especialmente, a paz. Dirigindo-se ao papa Gregório XI, Catarina disse:

Paz, paz, paz, meu bondoso pai. Que cesse a guerra. Vamos aos adversários, sm, as com a arma da cruz, tendo na mão a espada da suave Palavra de Deus. Ai de mim! Alimentai os carentes servos de Deus que, com ardente desejo esperam vossa ação e o futuro. Coragem, coragem, pai, não com amargura que aflige, mas sim que incentiva, porque sentida porque sentida por causa das ofensas cometidas contra o nome de Deus. Animai-vos na esperança! Deus providenciará para as vossas necessidades¹⁸¹.

A paz constituiu-se como aquele objetivo último, que será resultado do retorno a Roma e da futura cruzada. A Roma de Catarina é a Roma que emana a paz à Península Itálica e a toda Cristandade. Porém, a tão almejada paz não se estabeleceu com a entrada do papa Gregório XI em Roma no de 1377, o qual veio falecer rapidamente logo no ano seguinte. O que seguiu a morte de Gregório foi cenário ainda mais desastroso, qual seja, o do conhecido Cisma do Ocidente.

Os cardeais franceses elegeram outro papa, Clemente VII, para ser oposição a Urbano VI. Catarina ficou até a sua morte, dois anos depois, ao lado de Urbano e inclusive incentivou o combate ao antipapa e a todos os seus seguidores, considerados por ela como hereges inveterados. A Roma de Urbano e de Catarina é ainda mais caótica, pois nela se materializa concretamente o conflito entre os papas na figura do *Castelo de Sant'Angelo*, que estava ocupado por tropas de Clemente, impedindo o acesso ao Vaticano, de modo que Urbano estabeleceu moradia em outro lugar até a retomada daquele ponto estratégico. Além disso, ainda pesava o fato de que companhias de mercenários estavam prestes a entrar na cidade, ocorrência que seria sinônimo de grande destruição.

La Roma che ha accolto Caterina è tutt'altro che in pace: vive nell'incubo dei soldati dell'antipapa che occupano Castel Sant'Angelo e ostacolano l'accesso al Vaticano, tanto che Urbano ha dovuto rifugiarsi in S. Maria in Trastevere. Nei primi mesi del 79 il pericolo si aggrava: truppe bretoni si preparano a invadere la città. Lo scontro avviene presso Marino e si conlude con la sconfitta delle truppe assoldate da Clemente e la conseguente resa di Castel Sant'Angelo¹⁸².

A fortificação só foi retomada no dia 30 de abril de 1379, seguida de um episódio simbólico: Urbano VI adentrou o Vaticano em uma procissão a pé, descalço, sinal de extrema humildade. Catarina manifestou sua grande alegria em relação ao episódio da solene entrada no Vaticano, elogiando a humildade do papa. Em sua única carta destinada aos governantes de Roma, disse –nosso pai Urbano VI nos deu o exemplo. Como sinal de que reconhecia a

¹⁸⁰ GATTO, Ludovico. La Roma di Caterina In: BIANCO, Maria Grazia. *La Roma di Santa Caterina da Siena*. Roma: Edizioni Studium, 2001. p. 41.

¹⁸¹ SIENA, Catarina de. *Cartas completas*. Trad. João Alves Basílio. São Paulo: Paulus, 2005. p. 718.

¹⁸² CAVALLINI, Giuliana. L'idea di Roma In: Caterina da Siena. BIANCO, Maria Grazia. *La Roma di Santa Caterina da Siena*. Roma: Edizioni Studium, 2001. p. 21.

ação divina, com humildade fez um gesto que desde muitíssimo tempo não se via: participou de uma procissão com os pés descalços¹⁸³.

Porém, sua relação com ele não fora nada frutífera, pois seu temperamento muito exaltado não permitia que dialogasse com os cardeais, membros do governo, embaixadores etc., e mais importante, não permitia que ele se empenhasse em prol da tão importante reforma da Igreja. Catarina o aconselhava em relação a seu modo de agir: –convém, que tenhais mais paciência no escutar, e ainda –reprimi um pouco aquelas relações repentinas, que a natureza vos dá. Através da virtude, dominai o temperamento pessoal.¹⁸⁴ De modo geral, a estadia de Catarina em Roma teve um caráter muito breve, e já no fim de sua vida, não conseguiu alcançar praticamente nenhum de seus novos objetivos.

Pouco tempo antes de se recolher a Roma e iniciar uma campanha mais intensa em prol de Urbano VI, Catarina enviou-lhe um carta a fim de confortar o papa em meio a rejeição dos cardeais. Nesta carta ela apresenta uma figura preciosa:

Eu dizia que para todo lado que me volte não encontro onde repousar-me. E é verdade. Como acontece aqui, assim acontece por toda parte. Mas, sobretudo na nossa cidade. O templo de Deus, que é lugar de oração, foi usado como covil de ladrões. Causa espanto que a terra não os tenha engolido. Tudo isso por defeito dos pastores, que não corrigiram os vícios mediante a palavra e o exemplo de vida¹⁸⁵.

Quando escreveu a carta, Catarina ainda se encontrava em Siena, e confidenciou ao papa que a situação também não era das melhores. Certamente esta afirmativa fazia alusão a toda a sorte de críticas que os Quinze e seus concidadãos dirigiram-lhe. Porém, o que chama a atenção é o momento em que se refere a Roma, chamando-a de –nossa cidade, ou seja, a Roma que não era apenas parte dos Estados Pontifícios ou dos italianos, mas era a Roma de toda a Cristandade, o pilar da fé. Em seguida, compara a cidade de Roma, atualmente a situação do templo de Jerusalém, ao citar o episódio de zelo extremo manifestado por Jesus que o levou a expulsar os comerciantes e cambistas de seu átrio. Ora, Roma é comparada também ao Templo de Deus como aquele de Jerusalém, mas que precisa ser purificado. Portanto, é muito interessante como a Roma ideal sempre transparece mesmo em meio às situações caóticas, no entanto sabemos que este paradigma só existia nas palavras de Catarina.

As cidades fizeram parte integrante da trajetória e lhe conferiram significado, porém outro elemento permeia esta cidade, entrecortando-as por meio das cartas, trata-se da rede de contatos que Catarina estabeleceu. A partir da análise daqueles considerados por nós como sendo os pontos nodais desta rede, será possível compreender melhor a atuação política de Catarina, impulsionada por estes dois âmbitos: as cidades e a sociabilidade.

¹⁸³ SIENA, Catarina de. *Cartas completas*. Trad. João Alves Basílio. São Paulo: Paulus, 2005. p. 1171.

¹⁸⁴ *Ibidem*. p. 1237.

¹⁸⁵ *Ibidem*. p. 994.

CAPÍTULO 3 – “EU CATARINA, SERVA E ESCRAVA DOS SERVOS DE JESUS CRISTO, VOS ESCREVO” – A REDE DE SOCIABILIDADE EM TORNO DE CATARINA DE SIENA:

No primeiro capítulo desta dissertação, nós fizemos uma minuciosa análise da trajetória e da materialidade de nossas fontes: as cartas. Pudemos observar que a elas foram reunidos, no contexto de difusão da santidade de Catarina, subsídios para o projeto maior de sua canonização. O epistolário é vasto e foi dirigido às mais diversas personalidades dos vários grupos. Neste terceiro e último capítulo, retornaremos às cartas, de maneira mais amíuade, a fim de, a partir delas, traçar a rede de sociabilidade de Catarina. Segundo Gilberto Velho, em entrevista, –a sociabilidade é esse território em que você está lidando com as interações, com as redes de interações, com as situações interacionais dos mais diferentes tipos¹⁸⁶.

Se procurarmos por um lugar onde essa sociabilidade se deu, podemos até pensar na cidade de Siena, na Basílica de São Domingos, no Hospital de Santa Maria Della Scala. Porém cairemos em um engodo, pois, em sua curta trajetória, Catarina não permaneceu apenas em Siena. Tal cidade apresenta um papel essencial em sua vida, mas sua ação não ficou restrita a seus muros. Mesmo em Roma, onde permaneceu os últimos dois anos de vida, não encontramos este âmbito de sociabilidade, seja porque foi recebida com pouco entusiasmo naquele lugar ou porque, nestes dois anos turbulentos, já lhe faltando forças, não conseguiu realizar seus grandes objetivos.

Mas onde então se dava esta sociabilidade? Acreditamos que não tenha sido em nenhum lugar físico especificamente, não de maneira substancial, devido à própria itinerância de Catarina (elemento que não podemos deixar de levar em conta). Logo, somos levados a sua prática epistolar, muito intensa. Vimos também que a carta era entendida como um sinal real de presença do remetente e que poderia ser entendida como uma forma de reinvenção de si

Desse modo particular - fragmentado, frequentemente desordenado e inconcluso - a escrita de cartas contribui tanto para a objetivação quanto para a introspecção, sendo que esta não ocorre no sentido da decifração de si pelo indivíduo que escreve, mas na abertura de si para o outro. A correspondência pode ser vista, portanto, como um lugar de subjetividade e da sociabilidade, pois ela permite a construção e transmissão de uma espécie de clima emocional, que possibilita aproximações e afastamentos entre os missivistas. Por meio dela, eles podem estabelecer relações sociais, revelando a multiplicidade de interesses e de negociações postas em prática em momentos e situações específicas. Na relação epistolar os missivistas se afetam mutuamente¹⁸⁷.

Assim, o epistolário pode ser compreendido como este lugar que buscamos, onde houve a estruturação e manutenção da rede de sociabilidade, marcada por uma intensa correspondência de interesses e pedidos, em torno de questões espirituais, como também mundanas.

Mapeando os elementos que compunham esta rede de relações de Catarina, nós subdividimos as cartas novamente, desta vez, tendo como critério a formação de grupos de destinatários: 1) dominicanos; 2) figuras relevantes na política, incluindo aqui os membros da nobreza que, apesar de excluídos, eram imprescindíveis na dinâmica da época; 3) alta

¹⁸⁶ VELHO, Gilberto. Entrevista com Gilberto Velho. [3 de julho de 2001]. Rio de Janeiro: *Estudos Históricos*. Entrevista concedida em 3 de julho de 2001 a Celso Castro, Lucia Lippi Oliveira e Marieta de Moraes Ferreira. p. 205

¹⁸⁷ GONTIJO, Rebeca. História, cultura, política e sociabilidade intelectual. In: SOIHET, Rachel; BICALHO, Maria Fernanda Baptista; GOUVÊA, Maria de Fátima Silva (Orgs.). *Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005. p. 266.

hierarquia eclesiástica e os papas. Nossa organização, que também servirá de estrutura para o presente capítulo, obteve outro critério além do agrupamento em destinatários, isto é, um critério cronológico da ascensão de Catarina ao cenário político. Essa escolha ficará mais clara ao longo do texto, mas, desde já, podemos lançar um pouco de luz sobre a metodologia, pois, ao organizarmos desta forma, defendemos a ideia de que, por exemplo, os dominicanos, marcados como primeiros destinatários, foram responsáveis por conferir à Catarina o apoio necessário para sua fama crescente, extrapolando Siena, a partir de 1374. A partir daí, Catarina se viu envolvida em questões bem maiores, o que a levou para junto dos nobres e magistrados das comunas italianas, em busca de apoio, chegando por fim, a ser reconhecida também pelos altos escalões da Igreja e pelo próprio papa, como uma autêntica mística, dotada de grande influência e útil às políticas papais mais urgentes no momento. Portanto, seguiremos exatamente esta ordem e vamos avaliar as cartas ativas de Catarina de maneira progressiva, acompanhando sua imersão no mundo, paralelamente, ao local de centralidade que ocupou no cerne desta rede que apresentaremos.

Os cães do Senhor:

A relação de Catarina com frei Raimundo de Cápua se iniciou no ano de 1374. À época, em Siena, ela já gozava de fama entre seus conterrâneos, em função de suas obras de caridade junto às *Mantellatas* e seu modo de vida ascético. Mulheres como ela, que escolhiam uma vida de reclusão e oração, eram comuns na cidade Siena, porém despertavam na Igreja grande temor, pois viviam por conta própria, podiam ser tomadas como profetizas e exemplos e, enfim, estavam distantes do controle da Igreja. Desse modo, pouco a pouco, estas reclusas no meio urbano foram ficando menos comuns, pois foram sendo absorvidas pela Igreja, que ou reconhecia seu modo de vida específica ou as lançava sob a tutela de alguma ordem religiosa. O grupo do qual Catarina fazia parte era supervisionado, digamos assim, pelos dominicanos, porém não fazia parte da Ordem em si (ainda não existia a Ordem Terceira de S. Domingos)¹⁸⁸.

Desse modo, sendo uma *Mantellata*, Catarina devia estar sempre junto aos doentes e aos encarcerados, praticando a caridade. E logo chamou a atenção dos dominicanos, com quem já mantinha contato, a partir de frei Tomas della Fonte, o qual foi seu primeiro confessor e a encorajou a se juntar às *Mantellatas*, e também frei Bartolomeo Dominici, a quem se atribui a incumbência de ter ensinado a Catarina as bases teológicas da fé cristã e até mesmo a leitura em vernáculo. Em 1374, Catarina foi convocada a Florença para o Capítulo Geral dos Dominicanos, onde foi arguida, a fim ter comprovada sua ortodoxia, e onde recebeu como diretor espiritual o frade Raimundo de Cápua, dominicano responsável por escrever a vida de Inês, reformadora do convento de Montepulciano, a qual também era mística. Assim, deveria, igualmente, acompanhar Catarina não só para orientá-la, mas também reforçar a veracidade de seu modo de vida. No mês seguinte ao Capítulo em Florença, Catarina relatou a frei Raimundo a conversão que ela havia realizado em um prisioneiro que estava prestes a ser

¹⁸⁸ This new rule clearly distinguishes the penitents from recluses who did not adopt a permanent habit or take regular vows. Also, in this same section, another new rule requires the vestitae to gather for worship in the Dominican churches, signaling a greater degree of supervision and control by the Dominicans over the penitential women. This greater divide or distinction between the penitential women and recluses that occurred mid-century seems to have affected the ongoing practice of urban reclusion in Siena. With the end of communal support for recluses, one can only assume that these hermitages were forced to either close down—as many had done over the preceding two decades—or transform themselves into something new. Clearly, fewer and fewer women adopted this religious vocation, turning to other groups or institutions instead when seeking religious alternatives to reclusion. THURBER, Allison Clark. Female Urban Reclusion in Siena at the Time of Catherine. In: MUESSIG, Carolyn; FERZOCO, George; KIENZLE, Beverly (orgs.). *A Companion to Catherine of Siena*. Leiden: Brill, 2012. p. 72.

executado. Certamente o episódio serviu para confirmar ainda mais a imagem de Catarina ao modelo de mulher caridosa, acentuando sua autenticidade.

Eu o esperei no lugar do suplício [...] Finalmente ele chegou qual manso Cordeiro. Ao ver-me, começou a sorrir. Quis que lhe fizesse o sinal da cruz. Então eu lhe disse: -Inclina-te, meu doce irmão, e encaminha-te para as núpcias. Logo estarás na vida perdurável. Inclinou-se com grande mansidão. Estendi o seu pescoço, aproximei-me e recordei-lhe o sangue de Jesus. Ele somente dizia: -Jesus... Catarina...!! Recebi a cabeça nas mãos, firmei o olhar em Deus e disse: -Eu quero!! [...] Após a decapitação, minha alma repousou na paz e na quietude, sentindo forte cheiro de sangue em mim, o qual eu não conseguia enxugar¹⁸⁹.

O fato explicitado deve ter causado um choque nos habitantes que acompanhavam a execução, do mesmo modo causa em nós. A figura da Catarina entrando em êxtase, coberta com sangue do condenado, enquanto ainda segurava sua cabeça junto a si, certamente foi impactante. Catarina possuía uma verdadeira obsessão pela figura do sangue, sinal do sacrifício redentor de Cristo, mencionado em praticamente todas as suas cartas. O modo de agir de Catarina e sua capacidade de convencimento fizeram com que, em pouco tempo, de diretor espiritual, Raimundo passasse a discípulo de Catarina, tendo recebido conselhos e também duras repreensões.

Raimundo de Cápua foi figura essencial para a inserção de Catarina nas intrincadas situações daquele momento. Haja vista que, a partir do ano de 1376, o frade passou ser um emissário do próprio papa Gregório XI para assuntos da Igreja, na Península Itálica¹⁹⁰. Unindo-se a figura de Catarina, pode-se apontar que ela passou a exercer maior protagonismo nestas questões, porém sempre acompanhada de Raimundo e com o respaldo da Ordem Dominicana. Catarina enviou, ao todo, 16 cartas a seu discípulo e diretor espiritual. Das cartas destinadas aos dominicanos, a maior parte é destinada a frei Raimundo, com quem era muito ligada.

Nas cartas, Catarina dirige a frei Raimundo conselhos e o exorta continuamente a permanecer forte em meio às dificuldades, pois ele fora diversas vezes enviado como mensageiro ao papa Gregório XI, correndo, em alguns momentos, até risco de vida nas viagens. Catarina ligava estreitamente as missões de Raimundo ao seu ministério enquanto sacerdote e religioso, logo ela entendia estes dois elementos como um só, por isso exigia que o frade se empenhasse com todas as forças na realização daqueles objetivos. Catarina dizia

Vos escrevo [...] desejosa de vos ver carregando o peso das pessoas no amor e no desejo santo da glória divina e da salvação das almas e ainda como verdadeiro pastor a governar com solicitude as ovelhas postas ou a serem postas nas vossas mãos, a fim de que o lobo infernal não as arrebathe. Porque tudo isso vos será cobrado se fordes negligente¹⁹¹.

O tom de repreensão se torna muito intenso em algumas cartas. Em uma, com data imprecisa, Catarina inicia sua saudação da seguinte forma: -em nome de Jesus Cristo crucificado e da amável Maria pai caríssimo e boníssimo, e filho negligente no doce Cristo Jesus¹⁹². Nesta carta, especificamente, não temos como saber a qual negligência Catarina se refere, mas certamente deveria ter ligação com alguma tarefa que não fora realizada adequadamente. Essa conclusão pode ser embasada, porque, em carta posterior, Catarina deixa muito clara a relação entre ela e frei Raimundo, o qual também agia como seu enviado

¹⁸⁹ SIENA, Catarina de. *Cartas completas*. Trad. João Alves Basílio. São Paulo: Paulus, 2005. pp. 903-904.

¹⁹⁰ VAUCHEZ, André. *Caterina da Siena*. Economica Laterza: Roma, 2015. p. 53.

¹⁹¹ SIENA, Catarina de. *Cartas completas*. Trad. João Alves Basílio. São Paulo: Paulus, 2005. p. 336.

¹⁹² *Ibidem*. p. 350.

em certas circunstâncias. Em 1376, já inteiramente envolvida na atuação em prol do papa, visando solucionar o conflito com Florença, na Guerra dos Oito Santos, Catarina enviou frei Raimundo a Avignon, a fim de falar pessoalmente com o papa e preparar sua própria ida, que, de fato, deu-se pouco tempo depois. Antes da partida de frei Raimundo, Catarina o conforta dizendo que em visão Jesus havia lhe anunciado que: —a situação presente é permitida para dar à Santa Igreja sua perfeição inicial¹⁹³

Em outra carta, após recomendar Raimundo uma firmeza inabalável na fé, a qual o deixaria imune a qualquer problema, ela escreve: —perdoai-me, porque sou a causa e a ocasião de vosso sofrimento e imperfeição¹⁹⁴. Aqui vemos não uma acusação à ineficácia ou covardia do frade, mas sim uma conclusão muito sensata, afinal fora Catarina quem o enviara até Avignon e o colocara na situação em que ele demonstrava fraqueza. O contexto era a chamada Guerra dos Oito Santos, que se constituiu um verdadeiro obstáculo para o retorno do papa a Roma. Em suma, tratou-se de uma guerra entre Florença e o papa, em função do descontentamento da primeira em relação à política do legado papal francês, que mesmo tendo em vista o momento de carestia de alimentos em função da ação de companhias de mercenários, proibiu que Florença comprasse qualquer gênero dos Estados Pontifícios. A reivindicação de Florença exigia que o papa não interferisse nas questões temporais, mas se dedicasse apenas às questões espirituais¹⁹⁵. Catarina esteve em Florença uma segunda vez ao longo de sua vida, em 1376, e depois uma terceira, em 1377, quando foi rechaçada da cidade, correndo até mesmo risco de vida. Relatou este episódio a frei Raimundo, em uma carta de 1378:

Mas não se realizou o meu desejo de dar a vida pela verdade da fé e pela esposa de Cristo. Mas o eterno esposo me fez uma brincadeira, como Cristóvão vos contará verbalmente [...] Até pareciam amarradas as mãos daquele que ameaçava matar-me. Quando eu disse: —Catarina sou eu. Mata-me e deixa em paz esta familiar, minhas palavras eram espadas que lhes atravessaram o coração¹⁹⁶.

Catarina afirma que Deus brincou com ela, pois não levou sua vida em prol da fé. Essa situação tensa vivida por ela em Florença se deu em função de uma revolta contra os Guelfos, grupo com o qual Catarina se identificava. Os Guelfos apoiavam o estabelecimento da paz com o papa, mas que só ocorreu com Urbano VI, um papa italiano, logo, mais bem visto pelos florentinos. Durante a estadia de Raimundo em Avignon, Catarina também lhe enviou uma carta muito interessante, na qual, após sua habitual digressão sobre questões de espiritualidade, ela transmitiu diversos comunicados, dentre eles o envio de um reforço para Raimundo: “Creio que Neri vos visitará, pois me parece bom enviá-lo à corte. Dai-lhe informações sobre o que ocorre fazer em prol da paz com estes membros apodrecidos e rebeldes da santa Igreja”¹⁹⁷.

Catarina via os florentinos como —membros apodrecidos e rebeldes, fato que só reforça sua total adesão a Gregório. Porém o elemento central deste pequeno trecho em especial é orientação de Catarina para que Raimundo transmitisse a Neri todas as informações necessárias em torno da situação com Florença. Nota-se uma grande articulação entre Catarina e seus seguidores, articulação que os mantinha sempre informados e em harmonia

¹⁹³ Ibidem. p. 721.

¹⁹⁴ Ibidem. p. 686.

¹⁹⁵ Sobre a Guerra dos Oito Santos, Cf. THESEIDER, Eugenio Dupré di. *Guerra degli Otto Santi*. In: Enciclopedia italiana. 1935. Disponível em: <http://www.treccani.it/enciclopedia/otto-santi-guerra-degli_%28Enciclopedia-Italiana%29/> Último acesso: 18/01/2019; LUNGO, F. Thomas. *The Sainly Politics of Catherine of Siena*. New York: Cornell University Press, 2006.

¹⁹⁶ SIENA, Catarina de. *Cartas completas*. Trad. João Alves Basílio. São Paulo: Paulus, 2005. p. 960.

¹⁹⁷ Ibidem. p. 749.

em prol de um dado objetivo (neste caso, a paz entre o papa e Florença). Podemos perceber como as cartas foram realmente instrumentos eficazes no fortalecimento de sua rede de sociabilidade e no direcionamento da rede aos diversos propósitos. Por meio das cartas, Catarina também comunicava constantemente sua união íntima com o Cristo, que supostamente a visitava, confortando-a em meio a tantos problemas e confirmando sua ação, que traria inúmeros benefícios no futuro: –mas no dia seguinte à vossa viagem, o divino esposo quis fazer comigo como pai faz com a filha e o esposo com a esposa, quando querem que elas não sofram, e inventam novos modos de dar-lhes grande alegria!¹⁹⁸.

Tal circunstância nos mostra que ação política de Catarina caminhava paralelamente ao nível de sua religiosidade, pois podemos notar o quanto ela estava empenhada nestas duas esferas. Essa complexa dinâmica é reafirmada por Vauchez, que afirma: –*Ai suoi occhi non c'era contraddizione fra azione e contemplazione: l'intensità del suo rapporto con Cristo va di pari passo con la profondità del suo impegno temporale*”¹⁹⁹. Para Catarina não havia oposição entre sua vida ascética, matrimonial com Cristo e a ação no mundo, a ação política. Ela vivia imersa em ambas, e certamente sua intimidade com o divino também poderia servir como um dos pilares de seu reconhecimento e de sua autoridade.

Os relatos de experiências místicas foram novamente transmitidos a Raimundo, juntamente com outras informações, mas em contexto diferente, não tão otimista, pois a Igreja passava por tribulações e a própria Catarina já começava a se sentir gradualmente debilitada. À época, frei Raimundo fez outra viagem em prol do papa, não mais Gregório XI, mas sim Urbano VI. No contexto do Cisma, após a eleição do antipapa Clemente VII, Raimundo fora enviado por Urbano até o rei Carlos V da França, no ano de 1378. O objetivo da missão diplomática era dissuadir o rei de obedecer a Clemente VII e convidá-lo à fidelidade a Urbano, entendido como o verdadeiro papa. No entanto, no percurso da viagem até a França, feito pelo mar, o navio em que estava Raimundo fora atacado por piratas. Embora tenha conseguido fugir para Gênova, os problemas não desapareceram no Tirreno juntamente com os piratas. Raimundo foi praticamente obrigado a permanecer em Gênova, pois chegou até ele, não sabemos como, uma informação de que o papa Clemente VII havia ordenado que o matassem a caminho da França²⁰⁰. Sabendo da imobilidade de seu diretor espiritual, Catarina não poupou palavras e até mesmo ofensas, não conseguindo acreditar como ele teria sido capaz de abandonar tão importante missão. A primeira carta enviada neste contexto de parada em Gênova traz a acusação de que Raimundo ainda era uma criança, despreparada, covarde e por isso não seguia:

Mas Deus quer que reconheçais a própria imperfeição, mostrando que sois ainda uma criança alimentada com o leite e não um homem nutrido com o pão [...] Ainda não fostes digno de enfrentar o campo da luta. Como uma criança de boa vontade fugistes com grande alegria, concedida a vós por causa de vossa fraqueza. Meu maldozinho pai, como teriam ficado felizes vossa alma e a minha, se com vosso sangue tivésseis colocado uma pedra na muralha da santa Igreja! Realmente temos motivos para chorar, ao ver que nossa virtude não mereceu tão grande bem²⁰¹.

Tomado como um covarde renitente, segundo Catarina, a morte teria sido uma opção muito mais digna do que a fuga. Em 1379, Catarina enviou outra carta exatamente no mesmo tom: –se fosse fiel, não teria medo, mas resistiria com a firmeza que Deus é para mim o que foi para eles!²⁰² e ainda:

¹⁹⁸ Ibidem.

¹⁹⁹ VAUCHEZ, André. *Caterina da Siena*. Economica Laterza: Roma, 2015. p. 44.

²⁰⁰ Ibidem. p. 75,

²⁰¹ SIENA, Catarina de. *Cartas completas*. Trad. João Alves Basílio. São Paulo: Paulus, 2005. p. 1097.

²⁰² Ibidem. p. 1145.

Vós é que encontraste maneira de atirar por terra o peso e são muitas as desculpas para justificar a fidelidade infiel, mas insuficientes para que eu não veja bastante claro [...] Não podendo caminhar em pé, teríeis ido de gatinhas; não sendo possível caminhar vestido de frade, iríeis vestido de peregrino; não tendo dinheiro, pediríeis esmolas. Essa obediência fiel teria produzido mais frutos diante de Deus, do que a prudência humana. Foram meus pecados que me impediram de ver em vós essa obediência²⁰³.

A objetividade que podemos observar não é comum nas cartas de Catarina, por dois motivos: primeiro, porque a mensagem mais mundana, digamos assim, ela sempre deixava para a conclusão, e normalmente, apresenta-se como trecho mais breve; e também porque seus seguidores, responsáveis por organizar o epistolário após a sua morte, retiraram as referências temporais, geográficas e também os assuntos considerados distantes da fé. Assim, estas cartas excepcionais, no sentido mais estrito do termo, deixam transparecer o real grau de insatisfação de Catarina em relação a Raimundo. De fato, ela conferia a questão de derrotar o antipapa e estabelecer mais seguidores a Urbano VI, o primeiro plano de suas ambições neste contexto, a partir de 1378. Sabemos que ela pouco pôde realizar em torno deste assunto. Na última carta enviada a Raimundo, no ano de 1380, apenas dois meses antes de morrer, a própria Catarina aparentemente reconheceu sua exaltação e pede: -perdoai-me toda desobediência, falta de respeito, ingratidão, sofrimento e tristeza que vos tenha dado no trato com vossa pessoal²⁰⁴.

Quando Catarina morreu, no dia 29 de abril daquele mesmo ano, frei Raimundo não estava presente. Pouco tempo depois, fora nomeado Mestre Geral dos Dominicanos e dedicou-se a causa de sua canonização, escrevendo a Legenda Maior no de 1385. Ele faleceu em 1399, em Nuremberg²⁰⁵.

Catarina também foi muito próxima de outros dominicanos, os quais a auxiliaram em diversos assuntos. Porém, ao contrário de frei Raimundo, não obtivemos muitos dados biográficos sobre os demais irmãos de hábito, além daqueles que encontramos entremeados na escrita de Catarina em suas cartas. Esses outros frades são: Tomás della Fonte, Bartolomeo Dominici e Tomás Caffarini. A este último, Catarina endereçou apenas uma carta, dirigindo-lhe apenas conselhos. Aos outros dois, há uma correspondência mais numerosa e frutuosa, que nos auxilia a compreender melhor as relações de Catarina com seus seguidores, no que se refere a questões financeiras. Não apenas em relação a Salimbeni que podemos observar uma preocupação mais mundana (buscando fundos para o oneroso processo de reforma do castelo de Belcaro junto a tal família da nobreza), nas cartas a frei Bartolomeu Dominici, Catarina faz menção, diversas vezes, a seguidores que faleceram e a seus testamentos, instruindo o dito frade a tentar recolher o que fosse possível, pois as necessidades eram grandes. Acreditamos que existam apenas algumas pistas sobre esta questão, porém já podemos perceber, e reafirmar, a complexidade da rede tecida por Catarina, que se deformava em função das mais diferentes matérias: espiritualidade, política e até questões administrativas. Fato que corrobora com a ideia de que ela estivesse completamente inserida no mundo, tanto quanto estava inserida na fé.

Vejamos mais detalhadamente a relação de Catarina com os demais frades. Inicialmente, vamos nos deter a Tomás della Fonte, cujo papel foi central na vida de Catarina e no seu caminho rumo à santidade, pois ele exerceu o papel de seu primeiro confessor e foi quem aconselhou Catarina a seguir o caminho das *Mantellatas* em Siena, a fim de que ela reafirmasse junto à sociedade seu desejo de se consagrar a Cristo. Cinco cartas foram

²⁰³ Ibidem.

²⁰⁴ Ibidem. p. 1275.

²⁰⁵ VAUCHEZ, André. *Caterina da Siena*. Economica Laterza: Roma, 2015. p. 42.

enviadas a ele, tratando de temas caros à Catarina: os méritos do sangue de Cristo e luta contra o egoísmo. Porém, duas cartas especificamente chamam nossa atenção e iluminam a natureza da relação nutrida entre os dois. Em uma carta de outubro de 1375, lemos:

Não submeti minha vontade ao jugo da santa obediência quanto devia e podia fazê-lo. Infeliz alma, a minha! Não corri decidida para assumir a cruz do meu doce e querido esposo, Cristo crucificado. Pelo contrário, fiquei descansando na negligência e na maldade. Por isso, arrependo-me e considero-me culpada diante de Deus e de vós, caríssimo pai. Rogo-vos piamente que me deis a absolvição! A mim e a todas as minhas filhas²⁰⁶.

Na referida carta, Catarina faz uma aparente –confissão a distância, o que sabemos não ser possível. Mas é possível notar com que profunda reverência ela tratava aquele que foi seu primeiro confessor. E as cartas seguem este tom, salvo algumas exceções: quando no fim Catarina questiona a ausência de Tomás e delibera junto dele sobre a vida religiosa de outras pessoas. –Como afirmais que não tendes intenção de voltar e nem sabeis qual a razão, eu vos digo que as razões podem ser duas [...]»; também pedidos de orações, –peço que rezeis pela vossa Catarina. Aléssia pede que oreis por ela e a abençoeis em Cristo crucificado²⁰⁷. E, conforme sinalizamos, é possível vislumbrar a influência exercida por Catarina na vida de seus seguidores: –sobre Lucas, acredito que seria melhor que se tornasse frade, por conhecer mais o ambiente. Mas concordo o que decidirdes junto com o prior²⁰⁸. Parece-nos que frei Tomás della Fonte exerceu muito mais do que frei Raimundo de Cápua a função de diretor espiritual. Vimos como as cartas a frei Raimundo apresentavam um tom mais endurecido, em alguns casos, até exaltados. Catarina não abria muito espaço a assuntos de natureza mais religiosa, digamos assim, pois os objetivos das cartas eram claramente outros, quais sejam, as missões que frei Raimundo estava desempenhando em prol do papa.

Com relação a frei Bartolomeo Dominici, ele também acompanhou Catarina em sua juventude, ensinando-lhe os rudimentos de Teologia. Nas nove cartas enviadas a ele, encontramos elementos muito interessantes. De modo geral, nas cartas aos dominicanos, algumas figuras quase sempre ocultas se revelam, vez ou outra, ao leitor. Tratam-se de algumas das mulheres que integravam o seu grupo de secretárias, são elas: Aléssia e outra Catarina. Apontamos que, para distingui-las, Catarina de Siena utilizou alguns adjetivos. Logo na primeira carta ao frei Dominici, destacamos algo único em todo o epistolário, a secretária que rouba o protagonismo daquela que lhe dita as palavras:

Eu Aléssia, peço que supliqueis ao doce Cordeiro que me conceda viver e transformar-me convosco no amor de Deus e no conhecimento de mim mesma. Recomendo-me a vós cem mil vezes. Maravilho-me de que ainda não tenhais enviado notícias vossas, muito embora eu vos tenha pedido. Segundo quanto fiquei sabendo, parece-me que há mortandade em Pisa. Conversai com fr. Tomás. Se houver mesmo peste e se parecer bem a ele, vinde embora vós dois²⁰⁹.

Aléssia se utilizou também da carta de sua mestra, Catarina, para se comunicar com os frades que, aparentemente, eram-lhe caros. Após este breve trecho de excepcionalidade, a carta se conforma aos padrões do epistolário e prossegue como nas demais: –Nada mais acrescento [...]”²¹⁰. Não há nenhuma informação em torno das secretárias de Catarina, as quais permaneceram praticamente no anonimato. É bem certo dizer que elas tenham sido

²⁰⁶ SIENA, Catarina de. *Cartas completas*. Trad. João Alves Basílio. São Paulo: Paulus, 2005. p. 147.

²⁰⁷ Ibidem. p. 148-149.

²⁰⁸ Ibidem. p. 462.

²⁰⁹ Ibidem. p. 238.

²¹⁰ Ibidem.

presentes até sua morte, em Siena, em 1380. Mesmo que nossa pesquisa não esteja voltada à discussão do papel feminino especificamente na vida política, é muito curioso encontrar mulheres que tenham exercido a função de escrever as cartas. Isso porque, conforme vimos no primeiro capítulo, existia uma primorosa técnica a fim de buscar o convencimento do destinatário. Tal fato nos mostra que há muito a ser estudado em torno das mulheres, especialmente na Idade Média, período em que elas podem ter exercido funções bem diversas, além das que convencionalmente as atribuímos.

Encontramos ainda menção a uma importante visita a Catarina, em 1374, feita por aquele que exerceu a função de confessor de Santa Brígida da Suécia, uma mística como Catarina e que havia morrido em Roma, no dia 23 de julho de 1373.

Comunico-vos que o papa mandou até aqui um seu representante, o diretor espiritual daquela condessa que morreu em Roma. É aquele que renunciou ao episcopado por amor da virtude. Ele veio falar comigo em nome do santo padre, pedindo que eu fizesse oração por e pela santa Igreja. Como sinal, trouxe-me uma indulgência! *Gaudete et exultare* porque o santo padre está começando a olhar para a honra de Deus e da santa Igreja²¹¹.

O nome do bispo em questão era Alfonso Pecha de Vadaterra. O prelado era simpático aos ideais de reforma da Igreja e foi até Catarina como emissário de Gregório XI, levando uma indulgência do pontífice e ainda buscando se munir de informações mais precisas sobre aquela que talvez viesse se tornar a –sucessora de Brígida nos assuntos do papa²¹². De fato, essa visita nos aponta para algo muito importante: Gregório XI já estava começando a reconhecer a influência de Catarina e o peso que teria seu auxílio. Talvez por isso já tivesse começado a buscá-la, pouco tempo antes do Capítulo dos dominicanos em Florença, o que mostra a importância de Catarina junto aos planos do papa.

Além desta questão das secretárias e do confessor de Santa Brígida, o elemento que foi motivo de surpresa e que é muito caro à nossa pesquisa, foram exatamente as constantes menções aos testamentos. Encontramos a primeira em uma carta de junho de 1375:

Mandaste-me dizer que morreu o senhor Nicolaio e também dona Lippa. Senti grande alegria, refletindo que todas as coisas acontecem sob a providência divina. Procurai saber se dona Lippa deixou algo em testamento. Se nada conseguistes para o mosteiro de santa Inês, empenhai-vos, porque precisa muito. Escrevi a dona Pilia e a Madalena. O bispo nunca me responde. Rogo, pois, que o visiteis e o obrigueis a fazer o que estou lhe pedindo. Que ele vos entregue a quantia que puder, com esforço, pois a necessidade é muito grande. Dizei a mesma coisa a Niccoló Soderini. E trazei o quanto antes o que vos derem²¹³.

Neste contexto, Catarina pedia a frei Bartolomeu Dominici que verificasse se no testamento de dona Lippa havia algum valor para o mosteiro de Montepulciano (onde viveu a reformadora Inês, investigada por frei Raimundo de Cápuia). Havia uma forte preocupação de Catarina em auxiliar aquelas monjas. Ainda observamos o tom imperativo com que objetiva extrair certa quantia de um bispo. Talvez também fosse endereçada a Montepulciano, mas não sabemos. É interessante apontar como Catarina procedia sistematicamente com os mecanismos a partir dos quais podia adquirir os fundos necessários para os seus propósitos e, aparentemente, o frei Bartolomeu foi um mediador seu nestas questões. Em último lugar, Catarina menciona Niccoló Soderini, seu amigo de Florença, prior das Artes, muito influente e que talvez a ajudasse constantemente.

²¹¹ Ibidem. p. 428.

²¹² VAUCHEZ, André. *Caterina da Siena*. Economica Laterza: Roma, 2015. pp. 39-40.

²¹³ SIENA, Catarina de. *Cartas completas*. Trad. João Alves Basílio. São Paulo: Paulus, 2005. p. 436.

Ela ainda se envolveu em um processo muito curioso: o de enviar fundos ao papa, não sabemos se a Gregório XI ou a Urbano VI. Catarina exige que frei Caffarini envie, de alguma forma, aquilo que é devido ao papa:

O santo padre concedeu a indulgência da culpa e da pena para vós e outras pessoas. Mas sois obrigado a pedir ao povo nas pregações e confissões que auxilie segundo suas posses. A prefeitura tem que enviar ao santo padre o que lhe é devido, para auxiliar nas grandes necessidades. A isto sois obrigados, vós e os demais frades aos quais a indulgência foi concedida²¹⁴.

Desse modo, Caffarini deveria conseguir a quantia de alguma forma, se preciso fosse recorrendo ao povo nas pregações e nas confissões. Catarina não utilizou esse posicionamento estratégico só com Caffarini, talvez tenha surgido a necessidade de uma ação sistemática para suprir suas necessidades básicas, e as de seu grupo, a partir de algum momento em sua trajetória.

Inicialmente, Catarina e seu pequeno grupo de seguidores eram auxiliados financeiramente pela mãe, Lapa, contudo é evidente que, depois de certo tempo, os proventos da mãe viúva não eram mais suficientes para as ambições grandiosas de Catarina, ocorrência que a levou a buscar apoio financeiro em outros lugares.

A carta acima, datada de 1375, não foi a única a tratar do assunto em questão. Em outra, cuja data não podemos precisar, há uma curta frase –preocupai-vos com aquela menina que vos foi enviada, sobre o testamento²¹⁵. O que pode, para nós, soar como uma reticência foi um recurso comum nas cartas, daquilo que é ou não dito. Por alguma razão Catarina preferiu não se alongar em carta sobre este testamento, mas paralelamente à carta, a tal –meninall iria atualizar frei Bartolomeu Dominici sobre mais algum testamento. Tendo em vista estas informações, perguntamos quantos foram aqueles que, ao morrer, destinaram seus bens à Catarina e a seus discípulos? É uma pergunta que permanece sem resposta. Todavia, podemos vislumbrar uma influência que se estendia largamente e envolvia também muitas questões de cunho material.

Acreditamos que a Ordem Dominicana exerceu, portanto, um papel essencial na vida de Catarina e na sua imagem pública. Além de direcioná-la para as *Mantellatas*, conferindo-lhe um status de leiga consagrada, também foram os frades, na figura de Raimundo de Cápuia, quem enxertaram a jovem reclusa Catarina Benicasa na turbulenta política do século XIV. As consequências de sua representação junto a dois papas foram inclusive benéficas para os próprios Dominicanos, que após a morte de Catarina utilizaram a sua imagem como um instrumento capaz de operar a reforma na ordem – o chamado movimento da Observância, que se espelhou em Catarina em função de sua prática de oração e ascese²¹⁶. Assim, a relação entre Catarina e os frades foi marcada pela intensa reciprocidade e sustentada para prática

²¹⁴ Ibidem. p. 1075.

²¹⁵ Ibidem. p. 644.

²¹⁶ –Prima di tutto vanno ricordate Caterina da Siena e Brigida di Svezia, che rappresentano modelli di riforma validi al di là dei rispettivi Ordini di appartenenza [...] I Domenicani si incamminano verso l'Osservanza fin dal 1388, quando Corrado di Prussia ottiene dal Capitolo generale domenicano di osservanza romana il permesso di iniziare una comunità religiosa osservante, priva degli abusi e dei privilegi che avevano allontanato l'Ordine dalla purezza delle origini. La strada intrapresa viene poi proseguita dal generale dell'Ordine Raimondo da Capua, confessore e agiografo di Caterina da Siena, che nel 1390 emette un decreto per la riforma dei conventi, mentre il successivo Capitolo generale ordina che in ciascuna provincia dell'Ordine vi sia almeno un convento Osservante che possa essere di esempio agli altri. Inizialmente l'Ordine trovò l'opposizione generale dei conventi, ma dopo la conclusione dei concili di Costanza e Basilea e dopo l'elezione del generale tedesco Bartolomeo Texterius, che guidò l'Ordine dal 1426 al 1449, una moderata Osservanza si costituì in diverse province tedesche, spagnole e italiane: la Teutonica, la Hispiana ed Aragonia, la Lombarda e la Romanal. ZARRI, Gabriella. Osservante mendicanti tra quattro e cinquecento. Una riflessione storiografica e alcuni esempi milanesi. In: RAININI, Marco; BUGANZA, Stefania. *Il convento di Santa Maria delle Grazie a Milano*. Florença: Nerbini, 2016. p. 27.

epistolar que se constituiu como um norte rumo aos objetivos buscados.

Ilustres aliados:

Além do intenso contato com os frades, que a alçaram ao cenário da vida pública, Catarina nutriu igualmente intensas relações com membros da nobreza e indivíduos com cargos políticos de importância. A partir destes contatos, Catarina deliberou sobre questões várias: aconselhamentos para assuntos pessoais, dívidas e até sucessões monárquicas. Porém, é importante ressaltar um aspecto chave desta proximidade com os nobres, qual seja, em alguns casos, Catarina é quem foi procurada por primeiro e, a partir daí, ela se aproveitou para defender suas causas e buscar apoio. Pode parecer uma informação fútil, ou óbvia, porém ela traz consigo um questionamento interessante: a fama de Catarina começou a ser conhecida para além das muralhas, de tal modo que alguns personagens ilustres a procuraram. Evidenciar este fato colabora com a nossa compreensão em torno de sua real influência, refletida em diversas cartas e em diversos episódios.

Neste mesmo sentido é que se inseriu a relação entre Catarina e Bernabò Visconti, Duque de Milão. Como já citamos em alguns momentos, temos a carta ativa, mas nesta em especial, encontramos uma evidência de que foi o senhor de Milão quem primeiramente buscou Catarina. No encerramento, junto às casuais fórmulas de despedida, temos: -Permaneçei no santo e doce amor de Deus. A respeito do assunto a mim pedido por vosso mensageiro... [...]||²¹⁷

Infelizmente, a carta termina abruptamente e não portamos meios para saber o que exatamente Bernabò desejava de Catarina, afinal os seus secretários retiraram das cartas todos os elementos que consideravam supérfluos para o propósito a que destinaram o epistolário: escritos de espiritualidade. Entretanto, mesmo com esta interrupção, apontamos outro motivo que levou Bernabò a procurar por Catarina, este não tão íntimo, mas de cunho político: o duque estava sendo ameaçado de excomunhão pelo papa Gregório XI e recorreu a Catarina para mediar a seu favor. Afinal, a carta enviada por Catarina, em resposta, data do ano de 1373, mas do mês de dezembro, quando Catarina já havia sido visitada pelo confessor de Brígida da Suécia e, portanto, já havia iniciado seus laços com papa Gregório XI. O teor da carta é perceptível pelos aconselhamentos que Catarina dá ao duque, exortando-a a confissão e a reconciliação com a Igreja:

Ó Filho de Deus, bondoso Verbo! Deixaste teu sangue no corpo da santa Igreja e desejas que ele seja distribuído pelo teu representante! Deus veio em socorro das necessidades do homem, que dia a dia perde o domínio de si mesmo, ofendendo o Criador. Deus pôs na Igreja o remédio de santa confissão, que é eficaz no vigor do sangue. E o oferece não apenas uma vez mas sempre. Sem juízo é quem a deixa para o futuro e age contra tal representante, que detém as chaves do sangue do Cristo crucificado. Ainda que fosse um demônio encarnado, jamais devo levantar a cabeça contra ele²¹⁸.

Ao elogiar as virtudes de Cristo, o qual conferiu à sua Igreja os meios privilegiados de salvação, Catarina diz a Bernabò que estes dons são transmitidos pelo papa e que não é nada prudente agir contra ele. Era preciso, portanto, buscar o caminho da reconciliação, jamais o da justiça contra os servos de Deus, mesmo que fossem verdadeiros demônios encarnados. Bernabò, de fato, reconciliou-se com o papa, anos depois, no início da Guerra dos Oito Santos, gerando uma paz transitória (entrecortada por sucessivos períodos de guerra e paz

²¹⁷ Ibidem. p. 96.

²¹⁸ Ibidem. pp. 92-93.

entre ambos)²¹⁹. Talvez, sabendo que sua personalidade era difícil, Catarina buscou também outras estratégias para convencer o duque, enviando uma carta a sua própria esposa, Beatriz Della Scala: “[...] vos escrevo no seu precioso sangue, desejosa de vos ver vestida da mais ardente caridade, de maneira que sejais medianeira e instrumento de reconciliação do vosso marido com Jesus Cristo e com seu representante, o doce Cristo na terra²²⁰”.

Mais adiante, prossegue:

E desejosa, por meio de vós, da salvação do vosso marido. Quero que sejais o instrumento para conduzi-lo à prática da virtude, ao caminho da verdade. Quanto puderdes, convidai-o e suplicai para que seja um autêntico filho e servo de Cristo crucificado, obediente ao santo Padre e não mais um rebelde²²¹.

Recorrer à mediação da esposa pode ser explicado em função da própria figura de Bernabò, descrito como um homem agressivo e até cruel²²² e também em função das razões que o colocaram em conflito com o papa. Milão apresentava pretensões muito grandes em relação à Itália, buscando também ampliar sua influência em direção ao sul, o que poderia romper com o equilíbrio das forças. Em função disso é que o papa Gregório XI iniciou um processo de sistemática intervenção contra o duque²²³.

Catarina ainda buscou convencer Bernabò em outra questão, que para ela seria uma prioridade: a Cruzada do papa Gregório XI. Ela apresenta a expedição em direção ao Oriente como uma forma de reparação depois de ter sido inimigo direto do pontífice:

Como remediaremos pelo tempo em que estivestes fora? Sobre tal assunto há uma ocasião para realizardes uma reparação amorosa e elegante: da mesma forma como empregastes o corpo e o dinheiro, com perigo de vida na guerra contra o vosso pai, fazei agora uma paz completa com o benigno Cristo na terra, indo guerrear contra os infiéis, dispondo-vos a colocar o corpo e os bens materiais em prol do crucificado²²⁴.

A Cruzada foi a mais forte motivação na correspondência dirigida aos nobres e àqueles que detinham cargos políticos até aproximadamente 1378, quando as urgências de Catarina tornaram-se outras. Mencionamos no capítulo anterior que a Cruzada já era tomada como obsoleta desde o fim do século XIII, quando os governantes não se sentiam mais motivados a deixarem seus encargos no próprio território e lançarem-se em uma expedição militar no além-mar²²⁵. Todavia, Gregório XI convocou uma Cruzada com o intuito de direcionar toda a violência da Europa para o oriente, especificamente aquela que se dava na Península Itálica em função dos conflitos contra o papa e entre os próprios estados. A associação entre Cruzada e Paz foi muito defendida por Catarina, como também tivemos a oportunidade de discutir. Ela, inclusive, elevava esta analogia às mais altas esferas, imbuindo de uma enorme sacralidade, como uma espécie de compensação ao sacrifício de Cristo, convidando os cristãos a, assim como seu mestre, verter o próprio sangue.

²¹⁹ Ibidem. p. 58.

²²⁰ Ibidem. p. 96.

²²¹ Ibidem. p. 101.

²²² ROMANO, Serena. *Il modello visconteo: il caso di Bernabò. in Medioevo: i committenti*. Quintavalle: Milão, 2011. p. 38.

²²³ Cf. GLÉNISSON, Jean. *La politique de Louis de Gonzague, seigneur de Mantoue pendant la guerre entre Grégoire XI et Bernabo Visconti (1371-1375)*. In: Bibliothèque de l'école des chartes. 1951, tome 109, livraison 2. pp. 232-276

²²⁴ SIENA, Catarina de. *Cartas completas*. Trad. João Alves Basílio. São Paulo: Paulus, 2005. p. 94.

²²⁵ Sobre a Cruzada na Historiografia e sobre o caminhar do ideal cruzadístico no período de Catarina, conferir, respectivamente: QADIR, Khurram. *Modern Historiography: The Relevance of the Crusades*. Islamic Studies, Vol. 46, No. 4 (Winter 2007), pp. 527-558; HOUSLEY, Norman. *King Louis the Great of Hungary and the Crusades, 1342-1382*. *The Slavonic and East European Review*, Vol. 62, No. 2 (Apr., 1984), pp. 192-208.

É bem certo dizer que a Cruzada não tomou forma e nem se concretizou, mas ela também não foi apenas uma ideia pairando nas mentes do papa e de Catarina, ela emergiu inserida em diversos processos, conferindo-lhe solidez e sentido para aqueles que, como Catarina, viviam naquele cenário. Norman Housley investiga este processo a partir dos mercenários, que desempenharam naquele momento um papel duplo: de um lado eram vis e cruéis inimigos, que massacravam seus próprios irmãos cristãos; mas também poderiam ser úteis no propósito da citada Cruzada, desde que fossem convencidos a unirem-se a ela dirigindo-se ao confronto dos ditos —infiéis!.

On several occasions from 1357 onwards the popes issued crusading indulgences to those who fought against the *routiers* on the grounds that they presented a serious threat to the well-being of the Christian community, the *populus christianus*. But the popes also hoped to use the companies in the service of Christian Holy War by persuading them to travel to the eastern Mediterranean, to Hungary or to Granada, to fight the Muslims.²²⁶

A situação estava agravada, pois, no século XIV, as companhias de mercenários se tornaram muito populares e poderosas, haja vista o desenvolvimento militar experimentado naquele período de muitos conflitos, como a Guerra dos Cem Anos. A situação caótica vivida naquele momento, a qual levou o papa a empenhar esforços para conduzir uma cruzada, estabeleceu-se a partir de uma lógica simples: essas companhias de mercenários viviam da guerra, eram contratados pelas suas habilidades em combate, porém, nos períodos de paz eles se lançavam ao saque, incêndios e sequestros. Pensando o século XIV, um dos agentes de destruição era, certamente, a figura do mercenário²²⁷.

Na Península Itálica, a presença desses grupos tornou-se muito comum a partir da política agressiva do cardeal Alborno, que agia em nome do papa. Na busca por reaver territórios dos Estados Papais, os conflitos foram constantes e se estenderam nos pontificados de Gregório XI (se considerarmos Florença) e ainda com Urbano VI, de forma igualmente intensa em função do Grande Cisma. Especificamente em torno dos territórios sob a jurisdição do papa, em função das rápidas mudanças de lado dos mercenários, a violência era ainda mais intensa:

The sprawling papal lands in central Italy were repeatedly crossed and raided by the companies, and the frequent changes of allegiance made it difficult to know if a company was fighting for the pope, against him, or was neutral and simply taking

²²⁶ HOUSLEY, Norman. The mercenary companies, the papacy, and the crusades, 1356-1378. *Traditio*, Vol. 38 (1982), pp. 253-280. p. 253.

²²⁷ Discutindo a questão das companhias de mercenários na França, Barbara Tuchman nos oferece um panorama muito lúcido em torno destes grupos: –Na França, eram chamados de *écorcheurs* (esfoladores) e *routiers* (salteadores de estradas), na Itália de condottiere, da *condotta* ou contrato que fixava as condições de seu emprego como mercenários. Extorquiam uma renda sistemática de cidades vulneráveis, na forma de *appatis*, tributo forçado para comprar a isenção de ataque, cujos termos eram escritos pelos secretários. Atraíam para seu serviço notários, juriconsultos e banqueiros, para tratarem de seus negócios, bem como secretários, ferreiros, curtidores, tanoeiros, açougueiros, médicos, padres, alfaiates, lavadeiras, prostitutas e, com frequência, suas próprias esposas legais. Negociavam através de receptadores regulares que vendiam o produto de seus saques, com exceção das armas ou coisas de luxo, que desejassem guardar, como joias, roupas de mulher ou aço para espadas ou, em certos casos, plumas de pavão e chapéus de castor. Instalavam-se na estrutura social. Quando a Borgonha foi ocupada pelo Arcipreste Arnaut de Cervole em 1364, o jovem duque Filipe o tratou com respeito, chamando-o de seu conselheiro e companheiro e entregando-lhe um castelo e vários reféns nobres, como garantia, até que pudesse levantar 2.500 francos de ouro para comprar a partida do bandido. Para isso, Filipe adotou o expediente habitual de tributar seus súditos, outra causa de irritação contra os senhores. TUCHMAN, Barbara. *Um espelho distante: o terrível século XIV*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991. p. 206.

the chance to ravage helpless land²²⁸.

Foi em meio a este cenário (também era observado em Siena) que Catarina atuou politicamente e talvez tenha sido seu subsídio para abraçar com tanta firmeza a causa da Cruzada, tentando convencer a maioria dos nobres a se juntarem a ela – ou ainda para ajudarem financeiramente. Incentivada diretamente pela política de Gregório XI, sendo um francês e tendo reinado alguns tempos em Avignon, o papa almejava o poder de intermediar a paz entre França e Inglaterra, para assim poder uni-los em prol da Cruzada.

And in 1375 Gregory XI was encouraged by news of religious disturbances in the Muslim East to hope that if the Anglo-French peace talks at Bruges were fruitfully concluded a passage to the East would have a very good chance of success through the participation of the companies. Writing to Philip of Burgundy in May the Pope claimed to have heard that innumerable men-at-arms on both sides were prepared to go on crusade; this would be beneficial both for France and for the Christian East²²⁹.

A Cruzada, conforme entendida pelo papa e por Catarina, poderia derrotar dois grandes inimigos daquele tempo: os muçulmanos; e as companhias de mercenários, instrumento de destruição e caos. Certamente não há registro de nenhuma Cruzada neste período, mas é curiosa a tentativa de mobilização que, a partir de Catarina, visou grandes personalidades do momento, uma delas, por exemplo, foi o próprio rei da França, Carlos V. Catarina enviou a ele duas cartas, tentando convencê-lo de que a guerra contra a Inglaterra seria uma perda de tempo, causando massacres desnecessários. Assim, o rei deveria, deixar estes conflitos e servir a Igreja em suas necessidades. Sobre a dispendiosa guerra, Catarina o questiona:

E quantas almas e corpos foram destruídos, quantos religiosos, mulheres e meninas foram ultrajados e expulsos por essa guerra! Basta, por amor de Cristo crucificado. Vós não pensais de quanto mal sois responsável, se não fazeis a parte que vos é possível realizar? Maldade nos cristãos, maldade nos infiéis! Vossa discórdia impediu e continua a impedir o mistério da santa Cruzada²³⁰.

O trecho acima foi extraído de uma carta, datada de 1376. Catarina atribui a culpa pelas mortes e pelo atraso da Cruzada ao rei. Este provavelmente não se importou com os brados de Catarina. O fosso entre os dois se estendeu ainda mais quando houve o Cisma, pois a rainha ficou muito mais inclinada ao antipapa Clemente VII, francês, do que a Urbano VI (podemos depreender isto a partir da segunda carta enviada ao rei, na qual Catarina se esforça para convencê-lo de que não há virtude em seguir Clemente VII). Porém, destacamos o fato de que Catarina agiu estrategicamente dirigindo-se ao rei, que seria uma peça chave no processo. Embora não tenha sido feliz em seus contatos com Carlos V, não podemos dizer o mesmo em relação a Luís de Anjou, ou ao Duque de Anjou, irmão do rei. Na própria carta ao rei, Catarina escreve: –[...] parece-me que vosso irmão, o duque de Anjou, por amor de Cristo, deseja tomar parte nas fadigas da Cruzada²³¹. Quando foi a Avignon se encontrar com o papa Gregório XI, Catarina se encontrou com o Duque de Anjou, o qual, aparentemente, encantou-se por ela, tendo realmente se entusiasmado com as ideias da Cruzada e até convidando-a a ir a Paris e falar pessoalmente com o rei, no entanto, Catarina declinou o convite²³².

²²⁸ HOUSLEY, Norman. The mercenary companies, the papacy, and the crusades, 1356-1378. *Traditio*, Vol. 38 (1982), pp. 253-280. p. 256.

²²⁹ *Ibidem*. p. 277.

²³⁰ SIENA, Catarina de. *Cartas completas*. Trad. João Alves Basílio. São Paulo: Paulus, 2005. p. 772.

²³¹ *Ibidem*. p. 773.

²³² VAUCHEZ, André. *Caterina da Siena*. Economica Laterza: Roma, 2015. p. 63.

Catarina se encontrava em Avignon quando conheceu o Duque e enviou a carta ao rei. E quando se dirigiu ao Duque por meio de uma carta, aproveitando-se de seu entusiasmo, o alvitrou insistentemente a dar o seu –sim|| definitivo à Cruzada, ao mesmo tempo em que tenta convencê-lo dos méritos espirituais inerentes a mesma:

Com a Cruzada, serão apagadas todas as ofensas cometidas contra Deus, que vos dirá: –Vem, meu querido filho, que te fatigaste por mim. Eu te consolarei e te levarei para as núpcias da vida eterna, onde há saciedade sem fastio, fome sem sofrimento, alegria sem escândalo. E não será como nas núpcias e banquetes deste mundo, que trazem gastos sem nenhum lucro, e nos quais quanto mais a pessoa se enche, mais vazia se acha, pois da alegria nasce a tristeza²³³.

E prossegue: –Decidi vossa participação na Cruzada diante do santo padre, antes que ele parta. E recebi de sua santidade o estandarte da cruz. Quanto antes, melhor para o povo cristão e para os infiéis²³⁴. Catarina garantiu ao duque efusivas graças vindas dos céus em troca de sua participação na Cruzada. Ademais, pediu que ele se apresentasse ao papa antes de retornar a Roma. Este último detalhe é muito pertinente, pois nos mostra o quão inserida ela estava em todo esta conjuntura política, o que também se revela nas próprias comunicações dirigidas especificamente ao rei da França e a seu irmão. Não sabemos o motivo de Catarina não ter ido a Paris, mas é bem certo que ela não desconhecesse o peso da realeza francesa.

Além de nobres de tão alta genealogia, Catarina dirigiu-se também a magistrados, amigos seus, das Cidades-Estados da Península Itálica, pedindo apoio à Cruzada. A Nicolau Soderini, prior das artes de Florença, Catarina enviou em 1375 (antes de ir a Avignon) uma carta pedindo seu suporte: –Convido-vos, pois, às núpcias da vida eterna, pagando o sangue com o sangue. Convidai o maior número de pessoas que puderdes²³⁵. E ainda agradece por um favor recebido (em prol da Cruzada?): –não tenho modo de pagar-vos pelo favor||. Soderini tornou-se grande amigo de Catarina e mostrou sua sintonia com o papado nas vezes em que apoiou Catarina no seu projeto de pacificar Florença e ainda quando a recebeu em sua casa, em 1378, quando esta retornou a Florença mais uma vez. A Pedro, marquês do Monte (cujos domínios se encontravam próximos a cidade de Perúgia), Catarina adota um discurso rígido, exigindo do dito marquês um pagamento a qualquer custo:

Peço-vos acertar as contas com Mateus, coisa que deveis fazer para a vossa salvação. Se não o fizerdes, poder-se á recorrer ao corte da mão e terieis de pagar antes que a amputassem. Se não houver outra maneira, entregai a ele ou depoistai em um banco, à sua disposição. Mateus encontrará o modo de retirar²³⁶.

As duas cartas ao marquês não possuem datação, porém, como o epistolário é organizado em ordem cronológica, na segunda carta, inserida posteriormente a esta, nós encontramos um agradecimento por determinada quantia recebida. Catarina menciona o nome Mateus, trata-se de Mateus Cenni, o qual comandava o hospital das *Mantellatas* em Siena. Talvez este suposto valor exigido tenha sido destinado ao hospital. Contudo, na segunda carta, Catarina faz alusão direta à cruzada, ao mesmo tempo em que deixa seu agradecimento:

A respeito da feliz notícia que tive sobre o bom desejo e as santas intenções do juiz de Arbórea, disposto a dar haveres e a própria pessoa por Cristo, eu exulto de alegria! Alegro-me também por ver o que tempo está chegando [...] Agradeço muito

²³³ SIENA, Catarina de. *Op.cit.*, p. 777.

²³⁴ Ibidem. p. 778.

²³⁵ Ibidem. p. 442.

²³⁶ Ibidem. p. 453.

o amor e o dinheiro enviados para fr. Tiago. Que Deus vos pague!²³⁷

Pedro parece ter sido um mantenedor de Catarina e suas ambições, pois na primeira carta, visualizamos uma exigência de valores a ser enviada a Mateus Cenni, e, na segunda, o agradecimento por uma quantia já enviada a frei Tiago. Analisando cartas como esta, é possível refletir sobre o nível de complexidade das relações estabelecida por Catarina e aqueles que lhe eram próximos – da conversão a estratégias políticas, da religiosidade a aspectos materiais.

Outra figura importante no círculo de Catarina foi Pedro Gambacorta, governante de Pisa. Catarina esteve nesta cidade a fim de pedir que não se juntasse a Florença e, na carta, podemos notar a afetuosidade entre ambos²³⁸. Catarina também nutriu relações com o embaixador de Florença²³⁹ – quando ainda estava auxiliando na resolução pacífica da Guerra dos Oitos santos – e com o embaixador de Siena, Andreasso Cavabue, que havia sido excomungado pelo papa Urbano VI em função de seu franco apoio à Liga de Florença ainda no pontificado de Gregório XI²⁴⁰.

Nesta carta, muito mais do que a proximidade com o embaixador, notamos a proximidade de Catarina com o papa Urbano VI, pois ela escreve ao compatriota para incutir-lhe a confiança no perdão vindouro: –Disse-me o papa: –Que ele venha e lhe perdoareill. Digo-vos que se no passado Deus permitiu que o papa não quisesse vossa vinda, foi para que pudésseis agora receber a graça divina de diversas maneiras²⁴¹. No entanto, o caso nos permite mensurar que a influência política de Catarina não se encontra apenas em suas trocas com os embaixadores, governantes de cidade, nobres benfeitores e duques, mas também no laço maleável que firmou com a rainha Joana de Nápoles. Quando objetivamos, ainda no capítulo 1, mostrar ao leitor o teor político da correspondência de Catarina e os recursos que ela utilizava, o exemplo das cartas enviadas à rainha foi mencionado, especificamente as ameaças feitas por Catarina. Contudo, neste momento, nós analisaremos de maneira mais detalhada e precisa, buscando rastrear não um recurso retórico, mas sim estratégias políticas inseridos em um amplo contexto.

Joana nasceu no ano de 1326, era filha de Carlos da Calábria e se tornou herdeira de seu avô, Roberto, com apenas dois anos, devido a morte de seu pai. Joana casou-se com André, irmão do rei Luís da Hungria. Esta ligação com os húngaros foi vital para os conflitos que levaram a queda de Joana e sua posterior morte. Já no início de seu longo reinado, os húngaros fizeram sentir sua presença nos assuntos de Nápoles. O rei, por sua vez, pressionava seu irmão, André, para que tomasse o trono para si e deixasse o simples título de príncipe consorte. O papa inclusive exerceu papel de mediador nesta e em outras questões envolvendo Nápoles, pois era como seu suserano e sua palavra tinha um grande peso diplomático²⁴². Este lugar ocupado tradicionalmente pelo pontífice voltou-se brutalmente contra Joana em diversos momentos, como no pontificado de Clemente VI, em função das petições de seu marido para tornar-se rei, de fato, e à época de Urbano VI, no contexto do Cisma. A resistência da rainha foi constante em ambos os casos, dando-lhe uma aura de força e determinação conhecidas em toda Cristandade.

A essas virtudes, uniram-se algumas manchas em 1345, quando o marido de Joana foi assassinado. Imediatamente, o ocorrido foi atribuído a uma conspiração supostamente encabeçada por ela, pressuposição também utilizada pelos seus rivais, como a Hungria, como

²³⁷ Ibidem. p. 485.

²³⁸ Ibidem. p. 776.

²³⁹ Ibidem. p. 149.

²⁴⁰ Ibidem. p. 1117.

²⁴¹ Ibidem.

²⁴² CASTEEN, Elizabeth. Sex and Politics in Naples: The Regnant Queenship of Johanna I. *The Journal of The Historical Society* XI:2 June 2011, p. 187.

uma justificativa de seu desequilíbrio e inaptidão para ser rainha (ela foi ainda acusada de imoralidade, devido ao seu relacionamento com Luís de Taranto, com quem, após o assassinato do marido, veio a se casar)²⁴³. O assassinato também acirrou a rivalidade com a Hungria, a qual realizou algumas investidas militares a Nápoles. A primeira ocorreu em 1347, logo após o pedido, feito pela rainha mãe da Hungria, Elisabete, para que o reino de Nápoles fosse cedido ao seu outro filho, o rei, ter sido negado pelo papa. Os exércitos húngaros tomaram Nápoles e Joana passou a viver como refugiada em Avignon²⁴⁴. Lá ela conseguiu estabelecer um clima mais favorável a partir do apoio do papa, que passou a ver os húngaros como invasores de um território que estava sob a tutela da Igreja.

Junto ao seu marido, Joana retornou a Nápoles em 1348. O período de seu reinado foi marcado por sua diminuição diante do marido, que tomou, pouco a pouco, as atribuições do governo para si. Joana só se viu livre, e com popularidade crescente, no ano de 1362. Para consolidar seu governo, buscou estabelecer uma relação cordial e solícita com o papa e a Igreja, ao mesmo tempo em que se encarregava sozinha das atribuições do governo de Nápoles. Esta nova estratégia conquistou o papado, de modo que dele a rainha recebeu a grande honraria da rosa de ouro, consagrando sua figura como campeã dos papas, sua mais fiel representante nos assuntos temporais:

Traditionally, the pope presented the highest papal honor, the Golden Rose, to the most eminent person usually a king—present at his court on the fourth Sunday of Lent. In addition to Johanna, King Peter I of Cyprus and his son were present. Urban defied protocol—and the reportedly horrified cardinals—by giving Johanna the Rose. She was the first queen and first woman to receive it. The moment was crucial. It signaled that Johanna was one of the pope’s most favored and most valued supporters and that she had a right to take her place at the apex of Christian society²⁴⁵.

Podemos dizer que, assim como Catarina, Joana trabalhou em prol dos objetivos do papa, como sua vinda para a Roma. E sendo rainha, fez isso de maneira mais direta. Em função da estreita união entre Joana e os pontífices, especialmente a partir de Urbano V, bem como de todas as suas ações pregressas, é que Catarina estabeleceu laços com Joana. Pelas cartas inicialmente enviadas à rainha, notamos Catarina totalmente confiante de sua fidelidade ao papado e esperançosa de que Joana assumiria o comando da Cruzada, advogada pelo papa Gregório XI. Catarina enviou sete cartas à rainha de Nápoles, dentre as quais as três primeiras conservam um mesmo sentido: convite para que ela se unisse e liderasse a cruzada.

Comunico-vos, minha venerável senhora, que estou feliz e jubilosa porque recebi vossa carta que muito me consolou, porque me pareceu que estais santamente disposta a dar, para a glória do nome de Jesus Cristo, vossos bens e vossa vida [...] Vós tendes o título de rainha de Jerusalém. Assumi, pois, a liderança e a causa desta santa Cruzada, de maneira que o santo lugar, agora sob o domínio dos péssimos infiéis, passe com honra aos cristãos, seja coisa vossa [...] Se quiserdes manifestar ao santo padre essa intenção infundida por Cristo em vossa alma, eu gostaria que lhe escrevésseis, aumentando o seu entusiasmo. Eu gostaria que lhe pedísseis a licença de assumir a chefia da Cruzada, e que todas vos acompanhassem [...] ²⁴⁶.

Na carta acima, datada precisamente de 4 de agosto de 1375, utilizando-se dos títulos da rainha como soberana da Sicília e de Jerusalém, Catarina tenta mostrar a ela o quão simbólica seria sua presença enquanto liderança da cruzada (de tal modo que até os demais

²⁴³ Ibidem. p. 189.

²⁴⁴ Ibidem. p. 190.

²⁴⁵ Ibidem. p. 202.

²⁴⁶ SIENA, Catarina de. *Cartas completas*. Trad. João Alves Basílio. São Paulo: Paulus, 2005. pp. 470-471.

soberanos seguiriam o exemplo). Entretanto, a amizade entre elas e os diversos pontos em comum começaram a se desintegrar gradualmente quando o Grande Cisma ocorreu. Com a eleição do antipapa Clemente VII, Joana passou a ser vista pelos cardeais rebelados como uma importante aliada capaz de legitimar aquele quem diziam ser o papa verdadeiro, para tanto, aproximaram-se da soberana e tentaram convencê-la da verdade inerente a sua causa. À época, Catarina percebeu a aproximação entre os cardeais e Joana e dirigiu-lhe uma carta já em tom mais sombrio, de censura, chamando a atenção da rainha ao fato de que Urbano VI, aquele que era seu súdito (nascido no reino de Nápoles), era também o genuíno chefe da Igreja Católica:

É realmente verdade, mãe caríssima, na medida em que fordes fiel à santa Igreja, pois sempre vivestes no seio da santa Igreja, vereis que estes cardeais realizam uma obra do demônio. Ao que parece, eles tentam passar a vós as suas ideias, ou seja, querem perverter em vós a filha obediente e respeitosa do pai, Urbano VI, que é de fato o Cristo na terra [...] Se pessoalmente não puderdes auxiliar a Igreja em suas necessidades – coisa que vos será pedida se não o fizerdes – pelo menos deveis agir contra igreja, ficando à parte até que aquela verdade fique clara e manifesta à vossa mente²⁴⁷.

Catarina exortou Joana a não seguir o conselho daqueles cardeais, chamados por ela de –demônios encarnados, e manter sua já tradicional fidelidade ao papa, mas não obteve êxito em convencê-la²⁴⁸. É interessante pensar esta intervenção, quase cirúrgica, de Catarina ao notar a importância de Joana no momento do Cisma, pois convencê-la a ficar ao lado de Urbano VI seria vital para o papa. Catarina ainda oferece alternativas à rainha: se não puder colocar-se diretamente ao lado de Urbano VI e, conseqüentemente, contra Clemente VII, ao menos deveria ficar neutra. Ou seja, Catarina dá à rainha a opção de não fazer nada, afinal percebeu que seria melhor não esperar grandes atitudes da rainha do que tê-la como rival e oferecendo suporte a quem denominava Anticristo. Mesmo a despeito de seus inúmeros esforços, sabemos que a rainha Joana se aliou a Clemente VII no final de outubro do ano de 1378, declarando a ele sua fidelidade. Essa decisão gerou uma crise interna em Nápoles, pois muitos súditos não aceitaram a decisão e se revoltaram abertamente contra a rainha. E a partir deste momento, Catarina passou a agir sistematicamente contra sua antiga aliada, mostrando toda sua capacidade de convencimento, sua interação em torno das alianças e sua articulação com proeminentes figuras.

Após abandonar a inspiração do Espírito Santo e seguir o conselho dos demônios encarnados, de ramo unido à videira vos separastes, cortada pela espada do egoísmo. De filha amada com ternura pelo pai, o representante de Cristo na terra, o papa Urbano VI, que é o verdadeiro sumo pontífice, vos separastes do seio de vossa mãe, a santa Igreja, na qual vos nutristes por longo tempo. Ai de mim, ai de mim! Sobre vós pode-se chorar como sobre uma pessoa morta, porque excluída da vida da graça. Morta na alma e morta no corpo, se não sairdes de tão grande erro²⁴⁹.

Podemos observar, neste contexto, toda a retórica fatalista de Catarina, acentuando que agora Joana vivia apartada da videira da Igreja, da videira de Cristo, mesmo depois de ter sido por tanto tempo, filha muito fiel. Porém, além das fórmulas que se repetem nas cartas posteriores, fazendo referência sempre à eleição fraudulenta de Clemente VII e a veracidade do pontificado de Urbano VI, Catarina ameaçava Joana de morte. Uma frase que pode passar despercebida, mas que, se lida com atenção, parece estar totalmente à parte do discurso

²⁴⁷ Ibidem. pp. 1021-1022.

²⁴⁸ CASTEEN, Elizabeth. *From She-Wolf to Martyr*. New York: Cornell University Press, 2015. p. 189.

²⁴⁹ Ibidem. p. 1047.

precedente, o qual utiliza a recorrente simbologia no falar. A frase, na qual Catarina diz que a rainha pode muito em breve estar morta também no corpo, é bem direta. E, se consideramos os fatos posteriores à vida da rainha Joana, é também bem reveladora.

A ira de Catarina foi ainda mais inflamada quando a rainha apresentou ao papa Urbano VI um pedido de perdão, de reabilitação da sua imagem junto a ele. Porém, o grande problema é que as intenções da rainha mostraram-se sem real embasamento, pois não se concretizaram. O pedido foi feito em 1379, todavia a rainha permaneceu com suas convicções adotadas no ano anterior.

Ai de mim! Se tal coisa não vos comove, pelo menos deveria comover a vergonha na qual caístes diante do mundo. Muito mais agora, que antes da vossa –conversão!. A última culpa tornou-se mais grave do que a primeira, desagradando mais a Deus e aos homens, porque nela vós afirmastes a verdade, manifestando como filha a intenção de retornar à amizade e à misericórdia do pai, e sem seguida vos comportastes de maneira pior. Talvez porque o coração não era sincero, mais fingido, ou porque a justiça divina desejava que eu fizesse penitência dos meus velhos e antigos pecados, porque não mereço vos ver alimentada pacificamente no seio da santa Igreja. A santa Igreja quer alimentar-vos, e quer ser alimentada por vós [...] Quando releio a carta que de vós recebi, na qual confessáveis que o papa Urbano Vi era o verdadeiro pai e pontífice, e dizíeis que lhe obedeceríeis, vejo que tudo aconteceu ao contrário²⁵⁰.

Importante mencionar o fato de que a rainha dirigiu uma carta especificamente à Catarina pedindo para, mais uma vez, gozar da amizade de Urbano VI. Pensamos que, se a rainha agiu desta maneira, é porque não reconhecia Catarina como mera conselheira, mas sim alguém que, junto ao papa, tinha um lugar privilegiado. Essa influência de Catarina, que objetivamos desde o início mostrar, atinge seu grande auge nos processos que levaram ao destronamento da rainha. Sem filhos, ela havia declarado herdeiro do trono de Nápoles o seu sobrinho, Carlos Durazzo. Todavia, quando o papa Urbano VI a excomungou em 1380, ela declarou como seu herdeiro Luís, Duque de Anjou, a fim de conseguir um apoio militar diante do eminente confronto que se avizinhava.

Esta medida, a qual Joana certamente considerou muito inteligente, não rendeu os frutos esperados, pois Urbano VI deu todo apoio à causa de Carlos Durazzo, juntamente com Catarina, que incentivou a vinda dos exércitos húngaros, os quais foram vitais para a deposição de Joana e sua posterior execução, já após dois anos da morte de Catarina (1382). A participação de Catarina em mais uma invasão estrangeira na Península Itálica pode ser observada nas cartas enviadas por ela ao rei, Luís da Hungria, e aos governantes de Perúgia, como textos esclarecedores de seu poder. Em carta ao rei da Hungria, Catarina escreveu:

Por acaso suportareis que o anticristo, que é um amigo do demônio, e sua mulher introduzam ruína, trevas e confusão em nossa fé? Digo que se vós e outros governantes, podendo, nada fizerdes com diligência e logo, sereis confundidos diante de Deus e repreendidos duramente de negligência e dureza de coração. Não quero que fiqueis à espera dessa repreensão divina, pois ela será terrível, bem diversa das repreensões humanas. Vinde logo, portanto, sem demorar mais. Assumi esta missão, pois é Deus que vo-la dá e ponde sobre vossos ombros esse fardo, aceitando-o com o devido respeito. Tende compaixão do nosso pai, o papa Urbano VI, que se encontra muito amargurado por ver o lobo infernal roubando as ovelhas²⁵¹.

Com base nas cartas precedentes, podemos entender que ao mencionar –anticristo!,

²⁵⁰ Ibidem. p. 1229.

²⁵¹ Ibidem. p. 1211.

Catarina refere-se a Clemente VII e, nesta conjunção, a mulher supracitada citada trata-se exatamente da rainha de Nápoles. Nesta carta, Catarina pedia ao rei que viesse o quanto antes com suas tropas, para salvar a Igreja dos lobos que a perseguiam. Em outras palavras, Catarina estava se utilizando de uma antiga rivalidade, a fim de incentivar o rei da Hungria (irmão do primeiro marido de Joana que foi assinado) a invadir Nápoles mais uma vez. Nesta ocasião, segundo Catarina, sua empreitada não estaria ligada simplesmente a uma reivindicação qualquer, mas faria parte de um encargo do próprio Deus. Em outra carta destinada aos governantes de Perúgia e enviada meses depois da anterior (ao rei da Hungria), confirmamos a vinda dos húngaros: –Vós vedes que os tempos atuais estão cheios de preocupações e que as nossas cidades estão preparadas para enfrentar a vinda de senhores!²⁵²

É certo dizer que, quando Catarina enviou a carta ao rei Luís, ele e Carlos Durazzo já estavam se aproximando, afinal Durazzo ambicionava apoio para sua causa, pois era herdeiro da rainha Joana antes que ela nomeasse outro. Mas a carta de Catarina não se diminui por conta disso, pois ela não foi aleatória ou fruto de uma coincidência. Catarina outrora trazia alguma ligação com o rei da Hungria em função de sua mãe, Elisabete, com quem se correspondia²⁵³. Nas cartas destinadas à rainha de Nápoles, quando esta já começou a mostrar sua inclinação para o lado de Clemente VII, foram inúmeras as vezes em que Catarina alertou sobre o perigo em que colocava seu corpo e sua coroa: –se pensais na vossa condição, quanto aos bens transitórios que passam como vento, vós mesma destes motivo para perdê-los. Só falta receberdes a última sentença para serdes destronada e declarada herege!²⁵⁴ – e foi exatamente o que aconteceu em 1380, quando Catarina já estava morta.

Por fim, sabemos que Carlos Durazzo realmente tornou-se rei da Nápoles e Catarina também se correspondeu com ele e simbolicamente despojou Joana de sua antiga posição de campeã do papa, conferindo-a naquele momento a Carlos Durazzo, que segundo ela seria: –um instrumento contra o cisma e para desmascarar a mentira, exaltar a verdade, dissipar as trevas e manifestar a luz sobre o papa Urbano VI [...].²⁵⁵¶

O doce Cristo na Terra:

Até agora foi possível perceber como a figura dos dominicanos foi essencial para alçar Catarina a um patamar mais elevado em sua sociedade. Foi praticamente concomitante o momento do Capítulo de Florença, em 1374, e sua entrada na política de seu tempo. Este marco teve como importante agente a figura de frei Raimundo de Cápua que, como vimos, gozava da confiança do papa e foi assim um meio que consolidou a inserção de Catarina nos assuntos do pontífice. Por meio da prática epistolar, ela conseguiu diversos pontos de apoio de indivíduos ligados aos governos comunais e também dos membros da nobreza, que a auxiliaram em diversos momentos e em diversas matérias. Porém, toda a ação de Catarina esteve permeada, evidentemente, pela dimensão de sua religiosidade bem particular, que a fazia totalmente devota à Igreja e a seu chefe na terra, o papa. Portanto, toda sua rede de sociabilidade foi orientada, na maior parte dos casos, para a resolução de assuntos referentes ao papado, como por exemplo, a Guerra dos Oito Santos, o retorno a Roma e a Cruzada, cuja resolução nos é atestada pelos fatos: com Urbano VI houve a reconciliação com os Florentinos; ainda sob Gregório XI, o papado novamente se estabeleceu em Roma e a Cruzada nunca se concretizou.

Desse modo, não é nosso objetivo, nesta última parte do presente capítulo, apresentar uma narrativa em torno da trajetória dos dois pontífices que se aproximaram de Catarina

²⁵² Ibidem. p. 1121.

²⁵³ Ibidem. p. 475.

²⁵⁴ Ibidem. p. 1165.

²⁵⁵ Ibidem. p. 1267.

(Gregório XI e Urbano VI), muito menos em torno do processo de retorno a Roma ou do Cisma. Cabe-nos agora, assim como fizemos anteriormente com os outros pontos nodais desta rede, buscar compreender a proximidade de Catarina com os papas e também investigar até onde se estendeu sua influência real sobre eles e suas demandas. Fazendo isso, conseguiremos completar a elaboração desta rede de sociabilidade, a partir de seus principais pontos: os dominicanos, os nobres, o clero e o papado.

Os primeiros contatos de Catarina com Gregório XI se deram de maneira indireta, a partir da visita do confessor de Brígida da Suécia, contato indicador do interesse do papa na figura de Catarina. É importante ressaltar que o papa não foi um homem totalmente indeciso e até mesmo manipulável. Uma simples leitura das cartas pode até nos levar a pensar desta maneira, fazendo-nos associar sua passagem para a Península Itálica à direta insistência de Catarina. Acreditamos que a relação entre ambos incidia de uma via de mão dupla, não superestimamos a influência de Catarina, como também não a subestimamos. Blake Beattie afirma que Gregório XI era um homem consciente de que o retorno até Roma era necessário para garantir estabilidade à Igreja, mas não agiu de forma precipitada²⁵⁶. Tendo um apurado senso diplomático, o papa percebeu que a decisão precisava ser bem embasada e estruturada, o que ficou ainda mais claro a partir de dois eventos que, digamos, atrasaram a efetivação de sua decisão: Guerra dos Cem Anos e a Guerra dos Oito Santos.

Sobre a primeira, o papa a tinha em alta conta, como uma matéria urgente de ser resolvida e, segundo ele, seria mais bem resolvida a partir de Avignon e não de Roma. A paz entre Inglaterra e França os ajudariam a concretizar a Cruzada²⁵⁷. Já o outro conflito, localizado na Toscana, foi responsável por um cenário de grande violência e hostilidade nada favoráveis ao seu retorno. Assim, o papa se viu em meio a um emaranhado de questões que urgiam ser solucionadas: o rei Carlos V o pressionava a ficar em Avignon e na Toscana, por meio de seus legados e o papa lançava mão de medidas que só acirravam a rivalidade com Florença. Neste turbulento cenário, o papa, a princípio, teve apoio de Brígida da Suécia, uma mística muito semelhante à Catarina. Porém, com a morte de Brígida em 1373, o papa perdeu uma aliada importante. O valor que Gregório XI conferia a Brígida pode ser atestado no seu rápido processo de canonização, encaminhado em seu pontificado²⁵⁸.

A fama de Catarina, que chegou até Gregório XI, fez com que ele a notasse como a mulher capaz de ocupar o lugar que estava vago desde a morte de Brígida. Catarina o encontrou pessoalmente poucas vezes, a maior parte do contato estabelecido entre ambos se deu exatamente por meio das cartas. Mas, além de dirigir-se ao papa, Catarina também buscou o contato com aliados a ele, ou seja, aqueles que poderiam exercer sobre ele alguma influência. Esta prática, que consideramos uma estratégia, não se verifica apenas nas cartas a Gregório XI, mas é muito comum na retórica de Catarina. Sendo assim, ela enviou três cartas ao legado papal Pedro d'Estaing em meados de 1375, em meio aos elogios ao prelado e as afirmações de que, com sua autoridade, ele poderia realizar grandes coisas em prol da Igreja, Catarina apontava para uma necessidade urgente: chamar a atenção do papa para o que realmente importava.

Na segunda carta, escrita no estopim da Guerra dos Oito Santos (1375), Catarina escreveu: -vós, e os demais cardeais, fazei ao Santo Padre ver que a perda das almas conta mais do que a perda de cidades. Deus quer mais as almas do que as cidades!²⁵⁹. Vendo com

²⁵⁶ BEATTIE, Blake. Catherine of Siena and the papacy. In: MUESSIG, Carolyn; FERZOCO, George; KIENZLE, Beverly (orgs.). *A Companion to Catherine of Siena*. Leiden: Brill, 2012. p. 83.

²⁵⁷ Cf. THIBAUT, Paul. Pope Gregory XI (1370-1378) and the Crusade. *Canadian Journal of History*, Toronto, vol. 20, No. 3, pp. 313-335. 1985; VIGLIONE, Massimo. *Cambiamento e persistenza dell'idea di Crociata nella Chiesa: Dal II Concilio di Lione alla morte di Pio II 91274-1464*. Roma: Edizioni Nuova Cultura, 2014.

²⁵⁸ Ibidem. p. 84.

²⁵⁹ SIENA, Catarina de. *Cartas completas*. Trad. João Alves Basílio. São Paulo: Paulus, 2005. p. 41.

maus olhos a preocupação demasiada do papa com os assuntos temporais, Catarina pediu o auxílio do cardeal e de seus colegas do Colégio, para que fizessem Gregório XI enxergar a realidade. Além de Pedro d'Estaing, Catarina também se dirigiu ao cardeal Tiago Orsini. Depois de uma longa digressão em torno do amor perfeito e da cela do autoconhecimento (temas muito recorrentes), Catarina expressou diretamente suas outras intenções: –Fazei o que puderdes para que o santo padre venha e não demore mais. Encorajai-o a empunhar logo o estandarte da Cruzada contra os infiéis²⁶⁰.

Igualmente interessante foi a carta enviada a Guerardo de Puy, um abade que fora nomeado cardeal. Esta é uma das muitas cartas ativas de Catarina, na qual é muito nítida a existência de uma carta passiva precedente, que iniciou a troca de correspondência. Catarina escreveu: –Bondoso pai! Recebi com grande consolação e alegria a vossa carta, admirada de que tenhais pensado nesta pobre mísera criatura. Entendi o que escrevestes. Das três coisas que me pedistes, respondo à primeira²⁶¹. É possível depreender, não sem certo espanto, que um recém-eleito cardeal tenha buscado os conselhos de uma jovem da média burguesia com aroma de santidade, consultando-lhe a respeito de matérias ligadas ao seu novo ministério junto ao papa e também sobre assuntos pessoais. A partir das respostas de Catarina, podemos entender que o cardeal a perguntava sobre: como o papa deveria agir com a cúria; como o cardeal deveria lidar com os próprios pecados e, por fim, sobre como o cardeal deveria agir junto ao papa. Esta última pergunta sintetiza a resposta que Catarina deu às outras duas, pois, em toda a carta, ela chama a atenção do cardeal para a urgente necessidade da reforma da hierarquia da Igreja, na preferência por homens virtuosos, que fossem bons pastores. Por isso, foi enfática ao dizer:

Rogo-vos. Ainda que tenhais que morrer, dissei ao santo padre que procure solucionar tanta iniquidade. No momento de nomear bispos e cardeais, que eles sejam escolhidos sem agrados, compromissos financeiros ou simonia. Lembrai ao papa, quando puderdes, que verifique antes se encontra virtude, boa fama e santidade nos candidatos. Que ele não olhe mais para a nobreza do que para o trabalho²⁶²

A excessiva preocupação de Catarina com o clero, especialmente com os cardeais, pode indicar que ela encerrava certa consciência da importância dos cardeais para o governo do papa. E, especificamente no contexto do pontificado de Gregório, ela sabia também o quanto os cardeais incentivavam o papa a permanecer em Avignon, porque sendo de maioria francesa e sabendo das terríveis condições de Roma, eles não teriam a menor intenção de deixar Avignon. Outro importante aliado à causa de Catarina foi o arcebispo Tiago de Itri. A partir da carta enviada por ela, podemos dizer que este prelado servia a Catarina como um informante. Infelizmente, essa carta não possui datação, mas pelo conteúdo, podemos situá-la no período posterior ao retorno do papa a Roma, ou seja, em momento posterior ao ano de 1377. –Fiquei muito contente com as boas notícias que nos mandaste sobre o retorno do Cristo na terra e da realização da Cruzada. Que não surja desânimo em vós e no santo padre por causa dos fatos acontecidos. Mesmo com tais contrariedades, tudo será feito²⁶³.

–O Cristo na Terrall, a quem Catarina só não era mais devotada do que ao Cristo no Céu, trata-se do papa. Este modo de dirigir-se ao pontífice aparece em diversas cartas, ao lado do carinhoso adjetivo de –papai. De todo modo, em uma carta, o arcebispo contou à Catarina as novidades de Avignon, confirmando que o papa realmente havia decidido retornar a Roma e também convocar a Cruzada. Sabemos que essas decisões realmente aconteceram,

²⁶⁰ Ibidem. p. 343.

²⁶¹ Ibidem. p. 365.

²⁶² Ibidem. p. 367.

²⁶³ Ibidem. p. 593.

confirmando a veracidade dos fatos e sua importância para a ação de Catarina. A intimidade do arcebispo com Catarina também pode ser atestada na mesma carta, mas em relação a outro assunto, qual seja a nomeação de um novo superior dos dominicanos.

Fiquei sabendo que o santo padre quer promover o mestre de nossa ordem. Rogo-vos, por amor de Cristo crucificado, que seja recomendada a ordem e que peçais ao Cristo na terra que dê a ela um bom vigário. Gostaria que lhe falásseis do mestre fr. Estêvão della Cimba, que foi procurador da ordem, sendo da Província de Tolosa. Acredito que, se ele for nomeado, dará grande glória a Deus e reformará a ordem²⁶⁴.

O arcebispo certamente relatou à Catarina que o superior da ordem seria promovido, deixando assim o cargo vago e, em contrapartida, Catarina já se aproveitando da influência de seu amigo, indicou um frade para ocupar o cargo. Este pequeno trecho, no fim da carta, tratando de um fato que fica à margem de nossa pesquisa, confirma que a relação de Catarina com o arcebispo não era somente unilateral, nem foi um monólogo epistolar, todavia teve correspondência. Ele mantinha Catarina constantemente atualizada e provavelmente a admirava. Isto fica ainda mais nítido na carta ao cardeal Guerardo, que pediu conselhos a ela, em torno dos próprios pecados pessoais. Catarina cercou-se de homens influentes na Igreja, indivíduos que correspondiam aos seus anseios e, o mais importante, mantinha acesso a Gregório XI. Logo, acreditamos que ação de Catarina junto ao papa não foi meramente marginal, conforme já dissemos, mas que ela teve, sim, o seu peso atestado pelas figuras que rodeavam o papa e que auxiliaram Catarina, bem como a parte da relação epistolar desta com o próprio papa.

As 13 cartas enviadas a Gregório XI nos possibilitam compreender a ligação entre Catarina e o papa – seja a partir de termos afetuosos ou pelas censuras a certas características do papa. Na carta enviada no ano de 1376, Catarina fala abertamente sobre seus três grandes objetivos, os quais defendeu exaustivamente: –Em primeiro lugar, que retireis do jardim eclesial as flores apodrecidas, cheias de impureza, de ambição e de orgulho. Falo dos maus pastores e reitores, que intoxicam e estragam esse jardim²⁶⁵. Mais adiante, ela complementou com um conselho: –Mas recordai, doce pai, que com dificuldades podereis realizar isso, se não levardes a bom termo as duas outras coisas: vosso retorno a Roma e a proclamação da Cruzadal²⁶⁶. Catarina dava muita importância à reforma da Igreja e a considerava como parte essencial para os outros dois objetivos. Insistia constantemente no rigor que o papa deveria empregar com aqueles que lhe eram submissos, não olhando para a nobreza de seus cargos, mas sim para o bem da Igreja.

Muitos símbolos foram usados por ela para expressar esta ideia, como o da ferida que precisa de fogo para ser curada e não de unguento, pois este pode levar ao seu apodrecimento: –De fato, se uma chaga precisa ser queimada com fogo e cortada com a faca, mas nela somente se usa unguento, essa chaga não apenas deixa de recuperar a saúde, mas apodrece inteira [...]²⁶⁷. Nem Gregório XI e nem Urbano VI realizaram nenhuma reforma nas proporções que Catarina imaginava. Ela inclusive chegou a propor aos dois pontífices que formassem em torno de si um conselho de pessoas como ela, para que os papas pudessem sempre consultá-los: –E digo-vos em nome do bom Jesus [...] vos aconselheis com os verdadeiros servidores de Deus. Fazei uso deles, pois tendes necessidade. Seria bom e muito necessário que os tivésseis ao vosso lado, como colunas na hierarquia da santa Igreja²⁶⁸. A ideia deste grupo tornou-se madura à época de Urbano VI, quando Catarina tentou inclusive

²⁶⁴ Ibidem.

²⁶⁵ Ibidem. p. 667.

²⁶⁶ Ibidem. p. 668.

²⁶⁷ Ibidem. p. 602.

²⁶⁸ Ibidem. p. 681.

mobilizar alguns conhecidos para ocupar esta função junto ao papa, evidentemente que não se concretizou²⁶⁹.

Além da reforma da Igreja (de grande valia para Catarina a ponto de merecer parte de seu livro –O Diálogo‖ dedicada ao tema) enquanto condição para os outros objetivos, Catarina também acreditava que a pacificação seria necessária para os outros objetivos, como já vimos anteriormente. Nas cartas em que Catarina menciona a necessidade de paz com Florença, por exemplo, é possível perceber a seriedade com que Catarina tomava o papado, e igualmente a extrema devoção que dedicava a ele. Esta característica fez parte integrante do pensamento de Catarina e é um indicador de todo seu empenho em prol do papa.

Ó pai, nós vos pertencemos. Sei que o povo está consciente que agiu mal. Justificação não havia para seu comportamento, mas as pessoas achavam que não podiam agir de outro modo, por causa dos muitos sofrimentos, injustiças e maldades que suportavam por parte dos pastores e governantes [...] Imploro vossa misericórdia para com eles, pai. Não olheis a maldade e o orgulho de vossos filhos²⁷⁰.

No trecho acima, encontramos um argumento que parece ser paradoxal: Catarina não ignorava que os enviados do papa (indiretamente o próprio papa também) e os governantes foram os responsáveis por toda a desgraça que se estabeleceu na Península Itálica, mas, ao mesmo tempo, afirmava que a revolta das cidades contra o papa é injustificável. Ora, isso só pode ser compreendido a partir da consciência de que Catarina era totalmente submissa ao papa e devotada aos seus ideais. Para ela, era evidente que as políticas papais foram mal sucedidas, mas mesmo assim este fato não constituía justificativa para que as cidades guiadas por Florença se levantassem contra aquele que é o Cristo na Terra. Porém, não era só Catarina quem admirava o papa, este também a considerava como alguém de relevância, como podemos ver em uma carta:

Parece-me, bondoso pai, que já começam procurando-vos através de mensagens escritas. E além dos escritos anuncia-se uma visita inesperada. Mostrando humildade, escreve: –Se me abrirem a porta, eu entrarei e raciocinaremos juntos‖. Essa pessoa reveste-se de humildade, para lhe darem crédito²⁷¹.

Também não temos a datação desta carta, mas pelo seu teor, acreditamos que tenha sido escrita na iminência do retorno a Roma, talvez no ano de 1377. Isso porque a partir dela podemos compreender a seguinte situação: o papa enviou à Catarina a cópia (ou original) de uma carta anônima destinada a ele, e com isso desejava saber a opinião da jovem em torno daquelas palavras. Sabendo, pelas palavras de Catarina, que este remetente misterioso parecia aprovar a ida do papa a Roma, ao mesmo tempo em que sinalizava para alguns perigos, como o risco de um atentado:

Parece-me que esse venenoso homem, de um lado, aprova vosso retorno como sendo coisa boa e santa; de outro, afirma que o veneno já está preparado. E parece-me que ele vos aconselha enviar antes algumas pessoas de confiança, que irão descobrir o veneno para as refeições, isto é, posto em garrafas preparadas para matar no dia, no mês ou no ano²⁷².

²⁶⁹ —Agora, Deus quer que tenhais junto de vós um jardim de servos de Deus. Vós os nutrireis com os bens materiais e eles vos ajudarão com os bens espirituais. Que não tenham outra coisa a fazer, senão clamar diante de Deus em favor do bem-estar da santa Igreja e de vossa santidade. Eles serão os soldados que vos darão a vitória, seja sobre os maus cristãos, membros cortados da obediência, seja sobre os infiéis pagãos, para os quais desejo muito ver elevado o estandarte da Cruzada‖. Ibidem. p. 1181.

²⁷⁰ Ibidem. pp. 635-636.

²⁷¹ Ibidem. p. 782.

²⁷² Ibidem. p. 784.

O posicionamento de Catarina com relação a isso foi óbvio: ela aconselhava o papa a ignorar estas ameaças, pois existiriam perigos assim em toda parte. Encerra a carta dizendo: -Em nome de Cristo crucificado peço que não sejais uma criança medrosa, mas uma pessoa forte. Abri a boca e sugai o amargo para depois provar a doçura²⁷³. Ou seja, incentivou o papa a enfrentar as dificuldades para assim aproveitar da bonança. Outra situação semelhante observamos quando o papa consultou Catarina em torno da passagem para Roma, uma consulta atípica, pois parecia ter considerado Catarina, naquele momento, como uma mera vidente:

Disse-me meu pai fr. Raimundo, a vosso pedido, que eu rezasse a Deus para saber se havia impedimentos à volta. Já rezei antes e depois da comunhão e não vi morte, nem perigo algum, desses de que falam vossos conselheiros. Acreditai e confiai no bondoso Jesus Cristo. Confio que Deus não desprezará tantas orações feitas com grande desejo, com muita lágrima e suor²⁷⁴.

Após rezar a Deus depois da comunhão, Catarina teve a certeza de que nenhum mal se abateria ao papa. As duas situações (a carta anônima e a consulta) apontam para a confiança nutrida pelo papa em relação à Catarina e também para o valor que atribuía a sua fala. Catarina pode não ter determinado a transferência para Roma, pode não ter partido dela a ordem para que o papa assim fizesse, mas é bem claro o quanto o papa a considerava como um apoio para sua causa, uma maneira de legitimar seus objetivos, não em função de Catarina por ela mesma, mas porque ela supostamente falava em nome de Deus. Se levarmos em conta o pedido de oração feito pelo papa por meio de fr. Raimundo, podemos dizer que ele realmente cria na intermediação realizada por Catarina.

A mudança para Roma ocorreu em 1377. Catarina não presenciou aquele grande momento de Gregório XI adentrando a Cidade Eterna, momento pelo qual ansiou nos dois anos em que viajou pela Península Itálica e mandou diversas cartas a figuras importantes, isso porque permaneceu mais alguns meses em Avignon (onde estava desde 1376). Mas além da vinda a Roma, Catarina também auxiliou na resolução da Guerra dos Oito Santos, tendo inclusive colocado a vida em risco na última visita que fez a Florença. Seu empenho para o fim deste conflito pode ser mensurado a partir dos destinatários de suas cartas, envolvendo os governantes de Florença, pessoas importantes no governo (como Nicolau Soderini) e até mesmo mercenários (como John Hawkwood)²⁷⁵.

Não obstante, a relação entre Catarina e o papa Urbano VI, eleito em 1378, não teve a mesma intensidade como aquela tecida com seu predecessor. Catarina enviou a ele um total de 8 cartas, momento em que suas forças já estavam diminuindo, devido ao modo de vida muito austero. Os dois últimos anos de Catarina foram marcados por seu imobilismo em Roma, onde se estabeleceu a pedido do papa Urbano. A partir de Roma, Catarina prosseguiu com sua prática epistolar que foi orientada basicamente em prol da resolução do Cisma²⁷⁶. A ação desempenhada por Catarina neste curto período, entre 1378 e 1380, esteve diretamente ligada às consequências da eleição de Clemente VII como antipapa. Apoiadora de Urbano VI, ela tentou convencer cardeais, nobres e membros da realeza a permanecerem fiéis ao Cristo na Terra e desprezar aquele a quem chamava de Anticristo. O episódio que se destacou neste

²⁷³ Ibidem. p. 785.

²⁷⁴ Ibidem. p. 766.

²⁷⁵ -Quero que vós e todos os vossos soldados formeis uma companhia de Cristo, para ir combater os infiéis que se apoderaram do lugar santo, onde Cristo por nós sofreu, morreu e foi sepultado. Por isso, confiante eu vos peço em Jesus Cristo, já que o santo padre ordena, que vades combater os infiéis. Como gostais tanto de lutar e guerrear, parai de combater os cristãos!. Ibidem. p. 463.

²⁷⁶ Cf. KOSTER, Joelle Rollo; IZBICKI, Thomas M (Orgs.) *A Companion to the Great Western Schism (1378-1417)*. Leiden/Boston: Brill, 2009; TREXLER, R.C. Rome on the Eve of the Great Schism. *Speculum*, 42 (3), 489-509. 1967.

período foi a deposição da rainha Joana de Nápoles (que se iniciou com a ativa intervenção de Catarina, mas teve seu desfecho apenas dois anos após sua morte), como já apresentado, mostrando o peso da influência de Catarina.

Cabe-nos, porém, debruçarmos sobre as características ligações entre Catarina e o papa Urbano VI, pois ele não buscou tanto o seu auxílio como fizera Gregório XI. Podemos dizer que isso ocorreu apenas uma única vez, qual seja, quando foi convidada pelo papa para dirigir uma fala aos cardeais, quando já começavam a se distanciar dele²⁷⁷. A partir de uma carta enviada ao cardeal Pedro de Luna, Catarina já parecia –prever|| a possibilidade de um cisma²⁷⁸ – conclusão a qual tenha chegado talvez observando a relação terrível entre os cardeais e o papa, por ocasião de sua visita a cúria.

Todas as outras coisas – guerra, desrespeito, tribulações – nos parecem palha diante desse perigo. Acreditai que tremo somente em pensar. Sobretudo por ter ouvido de uma serva, que lhe foi revelado em pensamento que era grave e perigosa a situação. Em comparação com o perigo do cisma, a guerra lhe parecia um nada [...] Todavia rogo-vos, quanto sei e posso, que peçais ao Cristo na terra e aos demais, que a paz seja feita logo e que usem aqueles meios e maneiras que sejam para a glória de Deus, para a reforma da santa Igreja e para afastar esse escândalo²⁷⁹.

A carta não tem datação, como muitas outras, mas como Catarina ainda falava da guerra e da necessidade de paz com Florença, é provável que tenha sido enviada por volta de 1378, pouco antes da paz estabelecida por Urbano VI. Catarina pedia ao cardeal que reafirmasse no papa o desejo de findar a guerra com Florença, para que tão logo fosse realizada a reforma, que parecia ser, segundo ela, a solução para o –escândalo|| do cisma. Ironicamente, o cardeal Pedro Luna, a quem Catarina confidenciou suas preocupações, não só participou da eleição de Clemente VII, antipapa, como também o sucedeu em 1394, assumindo o nome de Bento XIII. Mesmo não tendo conseguido agir efetivamente contra o Cisma, esta carta ao cardeal só reafirma a nós quão inserida Catarina estava nas discussões no momento. Uma percepção que identificava o Cisma só poderia ser estruturada por alguém que estivesse realmente próximo ao papado e da cúria, acompanhando seus passos.

Com relação à eleição do antipapa, os cardeais apresentavam duas justificativas para esta manobra: em primeiro lugar, o próprio pontífice teria um temperamento muito forte e não muito dado ao diálogo, humilhando constantemente os membros da cúria; e também, pressionados pelo povo de Roma durante o conclave, que ansiava se não um romano, ao menos um italiano, eles realizaram o conclave sobre pressão. A respeito do primeiro ponto, Catarina, de certo modo, concordava indiretamente, pois em diversas cartas chamou atenção para a necessidade de mais paciência, equilíbrio: –Santo padre, rogo-vos que quando um pobre filho vos ofender dessa maneira o corrija no seu erro, mas sem vos alterar||²⁸⁰. Por outro lado, Catarina foi muito rígida contra os cardeais quanto ao segundo aspecto mencionado, a validade da eleição. Ela abordou cansativamente este assunto nas cartas enviadas a todos neste período do Cisma. A mais emblemática foi a carta enviada a três cardeais italianos contados dentre o número dos rebeldes que participaram da eleição de Clemente VII.

E digo que não devo crer em vós, quando afirmais que não entendo como de uma

²⁷⁷ BEATTIE, Blake. Catherine of Siena and the papacy. In: MUESSIG, Carolyn; FERZOCO, George; KIENZLE, Beverly (orgs.). *A Companion to Catherine of Siena*. Leiden: Brill, 2012. p. 89.

²⁷⁸ Aparentemente outros indivíduos manifestaram-se de maneira semelhante a Catarina em torno do assunto. Cf. KOSINSKI, Renate Blumenfield. *Poets, saints, and visionaries of the Great Schism, 1378-1417*. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 2006.

²⁷⁹ SIENA, Catarina de. *Cartas completas*. Trad. João Alves Basílio. São Paulo: Paulus, 2005. p. 953.

²⁸⁰ Ibidem. p. 983.

vida santa e boa, em consciência tendes mudado para a mentira. E quem me dá a perceber agora vossa vida errada? O veneno da heresia. Se me volto para a eleição, feita por vós, sabemos que o elegeste canonicamente, não por medo. Já dissemos que o que fizestes por medo foi a apresentação do Cura da Basílica de São Pedro. E o motivo me mostra que elegestes realmente Bartolomeu, arcebispo de Bari, que hoje chama papa Urbano VI. É a solenidade da sua coroação. Prova de que esta solenidade foi autêntica está no respeito com que a realizastes e os favores que pedistes, usufruindo depois desses favores. Não podeis negar tal verdade sem mentir²⁸¹.

Para Catarina, não há nenhuma justificativa para o ato de desobediência que fora feito a Urbano VI. Nesta carta, de tom muito sombrio, Catarina chamou a atenção dos cardeais para a realidade efêmera da vida, ao mesmo tempo em que lhes confirmou o que defendia como verdade: a legitimidade do papado. Catarina morreu em 1380, bem sabemos, e Urbano VI apenas cinco anos depois, tendo um pontificado marcado por uma dureza extrema com os cardeais, tendo inclusive relatos de torturas e mortes sob suspeita de traição.

Catarina não viu também a resolução do Cisma, que só se deu em 1415, mas, à época de sua morte, dois objetivos seus foram concretizados: o papado em Roma e a paz com Florença, realizada no primeiro ano de Urbano VI (1378). Neste capítulo, tivemos a oportunidade de refletir como Catarina empenhou-se a concretizar seus objetivos, a partir de sua articulação com outros, formando grupos de seus discípulos e amigos. Sobre esta rede de sociabilidade por ela formada, atestamos que tenha sido essencial para levá-la ao lugar de destaque naquela sociedade. O seu papel junto ao papado encontrou maior relevo à época de Gregório XI, que realmente a tomou como uma conselheira diversas vezes, o que nos aponta para o fato de que sua atuação política (comprovadamente evidente) junto ao papa teve sim a sua concretude. Não de uma forma totalmente determinante nas ações do papado, mas de uma forma sutil e secundária, a qual serviu como um apoio imprescindível para estas mesmas ações.

²⁸¹ Ibidem. p. 1011.

CONCLUSÃO

Concluindo a presente dissertação, a qual se objetivou a traçar a rede de sociabilidade desenvolvida por Catarina de Siena em torno si, visando compreender a forma de sua atuação política bem como sua legitimidade, entendemos que Santa Catarina exerceu papel de grande relevância em sua sociedade. Esperamos que nossa dissertação possa contribuir de alguma forma para estudos futuros, especialmente mostrando as diversas potencialidades em torno deste campo de pesquisa, refletidas de forma privilegiada na diversidade das fontes, as quais nos permitiram vislumbrar diversos aspectos relacionados à Catarina e à sua sociedade (lembrando que o projeto se ateve às cartas, e especificamente, aquelas que foram consideradas de cunho marcadamente político). Destacamos que ainda existem muitas lacunas a serem preenchidas, deixando evidente a necessidade de progressivos estudos em relação a esta área.

Em primeiro momento, buscamos apresentar ao leitor as fontes que foram escolhidas por nós, de modo a justificar a escolha e também a apresentar a trajetória de sua materialidade. Neste mesmo capítulo, também inserimos conceitos considerados basilares para a pesquisa, quais sejam: a escrita de si, o místico, os campos político e religioso, a estratégia e também a arte epistolar. O capítulo também serviu como indicativo de um desejo de não seguir um formato de texto acadêmico mais engessado, que comumente estratifica os elementos da pesquisa. Nossa intenção, desde o início, foi apresentar uma narrativa histórica na qual as fontes estivessem sempre presentes juntamente com os aspectos teóricos.

Com os pressupostos do capítulo inicial, foi possível perceber a motivação que nos levou a escolher, dentre o vasto universo de fontes em torno de Catarina, as suas cartas. Entendemos essas cartas enquanto instrumentos frutuosos do exercício da escrita de si. Logo, elas permitiram à Catarina reinventar-se e transmitir uma imagem diferente aos seus destinatários, dotada de grande autoridade, com fortes imperativos. Neste mesmo sentido, não deixamos de considerar que o momento de compilação das fontes tenha sido aquele de início de promoção da causa de canonização. Deixamos claro, inclusive, que os secretários fizeram perder para sempre alguns trechos das cartas que, segundo eles, seriam mundanos demais. Porém, esta conjuntura não inválida e nem deslegitima as cartas enquanto fontes preciosas da atuação de Catarina. Este possível dilema que se antepõe sutilmente, como um princípio de dúvida, ao longo do texto, já foi resolvido por Robert Fawtier, que, levando em conta igualmente todos estes aspectos, confirmou a autoria de Catarina para todas as suas cartas. O critério do autor foi o seu estilo muito peculiar de escrita, que se mantém constante em todo o epistolário. Essas fontes permitem vislumbrar melhor o universo da política, na qual transita nossa pesquisa, porque, por mais que as cartas tenham sido estruturadas para se tornarem guias espirituais dos fiéis, elas não perderam o seu aspecto mais original de estarem ligadas, primordialmente, às questões pertinentes à época de Catarina. Ou seja, nas cartas, conseguimos ver as indicações dela aos seus discípulos, as reprimendas, as confidências de fracassos, os temores, enfim, os aspectos mais íntimos, por assim dizer. Essas características não encontradas em outras fontes, as quais talvez sirvam muito bem a uma pesquisa que se volte à dimensão hagiográfica, não são definitivamente nosso escopo.

A partir da escrita de si, observamos como Catarina pôde transitar entre os mais diversos campos da sociedade, pois, para ela, não havia praticamente nenhuma diferença entre sua postura ascética de oração e sua atuação no mundo, tal fato configurou o seu universo de estratégias e de possibilidades. Um conceito chave que nos ajudou a entender melhor a figura de Catarina em meio a esta dualidade, foram as linhas destinadas a investigar o místico, inclusive de um ponto de vista teológico. O místico estaria sempre em movimento, sempre em saída em busca de Deus e chamava atenção na sociedade, configurava-se em ponto central (a exemplo do conto da Louca, segundo Certeau) em função de sua indeterminação, algo quase

paradoxal, situado entre o estar e o não estar, configurado pelos constantes êxtases, pela postura radical e diferenciada.

Catarina soube muito bem se relacionar com as figuras-chaves, que a ajudariam a alcançar determinados objetivos. Estes êxitos foram impulsionados a partir da arte epistolar muito bem executada, não por ela (pelo menos na maior parte das cartas), mas por seus secretários, os quais a acompanhavam constantemente. A concepção de carta que se nutria naquele período era bastante peculiar, pois fala e escrita eram consideradas sinônimas, de modo que o ato de ditar a carta era muito comum e não desqualificava o produto final. Por fim, vimos como as sucessivas edições das cartas foram pensadas e produzidas, informação relevante para a apresentação de um panorama em torno da historiografia catariniana, como iniciado na introdução.

O segundo capítulo, por sua vez, apresenta uma característica de grande destaque: a relação entre Catarina e o conceito de lugar, da Geografia. Nesta parte da dissertação, era nosso objetivo compreender a relação de Catarina com duas cidades que consideramos as mais marcantes em sua vida: Roma e Siena. Esta preocupação, como destacamos no próprio capítulo, não partiu de um mero desejo de contar ao leitor a história das citadas cidades, mas sim de buscar entender o significado delas para Catarina e ainda o lugar ocupado por elas em sua atuação. É neste sentido que se insere a Geografia, uma ciência que tem no espaço um de seus conceitos mais importantes, e ainda uma de suas preocupações mais relevantes. Dessa área, buscamos na Geografia Humanística o conceito de topofilia, desenvolvido por Yi Fu Tuan. Tal conceito foi buscado a partir da reflexão sobre o texto de Foucault, que insere a itinerância integrante definitiva da personalidade do místico, que está sempre em movimento. A partir daí pensamos em relacionar essa itinerância à ligação criada entre as cidades. A princípio pode parecer um paradoxo, mas os laços afetivos, a dimensão simbólica estruturada sobre as cidades, não impedem que a itinerância exista. Catarina estava sempre em movimento por toda a Península Itálica e até em uma parte da França, mas, mesmo assim, mantinha a idealização de Roma enquanto um polo central para o Papado e para a Cristandade. No entanto, não deixava de lado o seu amor por Siena, como ela mesmo externou diversas vezes em suas escritas. Essas duas cidades foram elementos constitutivos de sua atuação política: de um lado Siena, a cidade que testemunhou os primórdios de sua fama, de suas experiências sobrenaturais; de outro lado, Roma, a grande meta de toda sua ação, o lugar de onde deveria, impreterivelmente, irradiar a autoridade do pontífice em direção a toda a Cristandade (embora a realidade fosse diferente, pois em ambas as cidades, Catarina experimentou realidades duras e conflituosas, como tivemos a oportunidade de observar mapeando os processos históricos mais marcantes).

Assim, o primeiro capítulo lançou os alicerces de nossa pesquisa, com seus conceitos-chaves e uma visão mais apurada das fontes, e o segundo capítulo permitiu compreender a relação de Catarina com as duas cidades que permearam suas metas principais. O último capítulo se assenta na contribuição dos dois anteriores, pois nele buscamos articular as particularidades das fontes, as estratégias aplicadas por Catarina, bem como a sua vivência em Roma e Siena com o objetivo de traçar os contornos desta rede de sociabilidade formada por Catarina. Acreditamos que essa rede tenha sido o sustentáculo da ação de Catarina, ou seja, a brecha encontrada por ela para agir em seu meio.

No terceiro e último capítulo, que encerrou a presente dissertação, seguimos uma metodologia específica de classificação. Embora tenhamos feito uma seleção inicial em torno das cartas que seriam mais relevantes aos nossos objetivos, de modo, inclusive, a tornar a pesquisa mais factível e viável (pois o epistolário conta com mais de trezentas cartas), nós fizemos uma nova classificação, desta vez buscando agrupar as cartas. Estes agrupamentos foram pensados também de forma gradativa, ou seja, daqueles contatos que foram basilares para Catarina consolidar sua esfera de atuação até os laços estabelecidos por ela no momento

em que sua autoridade estava consolidada. Por isso, iniciamos com os dominicanos, dando especial ênfase a figura de Raimundo de Cápua, considerado, por nós, responsável por proporcionar a inserção de Catarina junto aos assuntos da Península Itálica e do papado. Foi graças a Raimundo igualmente que Catarina começou a ser notada pelo papa como uma figura de influência, pois o próprio Raimundo nutria alguns laços com o papado. Em seguida nós nos dedicamos aos contatos estabelecidos por Catarina junto à nobreza, peças-chaves para dois grandes objetivos seus: o retorno a Roma e a cruzada que nunca se consolidou. Por fim, o clero e o papado. Com este capítulo, além de buscar realçar a participação de Catarina nas mais diversas questões, bem como seu modo particular de expressar-se nas cartas seguindo os princípios da chamada arte epistolar, foi nossa principal finalidade consolidar o caminho a uma concepção realista e equilibrada em torno da efetiva posição de Catarina e o peso de suas ações: estas foram efetivas, seu eco se fez sentir na resolução de importantes conflitos, mas, ao mesmo tempo, acreditamos que esta ação política de Catarina, sua influência ao papa, embora real, não possa ser superestimada.

REFERÊNCIAS

Fontes:

CAPUA, Raimundo de. *Vida de Santa Catalina de Siena*.

MANUZIO, Aldo. *Epistole devotissime de Sancta Catharina da Siena, raccolte da Bartolomeo da Alzano da Bergamo*. Venezia: 1500.

GROTTANELLI, Francesco. *Leggenda Minore di S. Catarina da Siena e Lettere dei suoi discepoli, scritture inedite pubblicate da F. Grottanelli*. Bologna: Romagnoli, 1868.

SIENA, Catarina de. *Cartas completas*. Trad. João Alves Basílio. São Paulo: Paulus, 2005.

SIENA, Santa Caterina da. *Le lettere a cura di D. Umberto Meattini premessa di Oscar Luigi Scalfaro*. Milano: Paoline Editoriale Libri, 1993.

Bibliografia citada:

ASCHERI, Mario. *Le città-Stato*. Bolgna: Il Mulino, 2006.

BASÍLIO, João Alves. *Vida de Santa Catarina de Sena*. São Paulo: Paulus, 1993.

BELL, Rudolph. *Holy anorexia*. Chicago: University of Chicago Press, 1985.

BORIELLO, L. et al. *Dicionário de mística*. Paulos: Edições Loyola, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BOURDIEU, Pierre. O campo político. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº 5. Brasília, janeiro-julho de 2011, pp. 193-216.

BOVO, Claudia Regina. No âmago da epistolografia medieval: tipologia epistolar e política na correspondência de Pedro Damiano (1040-1072). *História* (São Paulo) v.34, n.2, p. 263-285, jul./dez. 2015.

BROWNING, Oscar. *Guelphs & Ghibellines a short history of Medieval Italy 1250-1409*. London: Methuen & Co., 1894.

BUGANZA, Stefania. *Il convento di Santa Maria delle Grazie a Milano*. Florença: Nerbini, 2016.

CAPECELATRO, Alfonso. *Storia di S. Caterina da Siena e del Papato del suo tempo*. Napoli: Desclée, 1865.

CASTEEN, Elizabeth. Sex and Politics in Naples: The Regnant Queenship of Johanna I. *The Journal of The Historical Society* XI: 2 June 2011.

CAVALLINI, Giuliana. L'idea di Roma In: Caterina da Siena. BIANCO, Maria Grazia. *La Roma di Santa Caterina da Siena*. Roma: Edizioni Studium, 2001.

CERTEAU, Michel. *A fábula mística séculos XVI e XVII: volume 1*. Rio de Janeiro: Forense, 2015.

CONSTABLE, Gilles. Dictators and Diplomats in the Eleventh and Twelfth Centuries: Medieval Epistolography and the Birth of Modern Bureaucracy. *Dumbarton Oaks Papers*, Vol. 46, *Homo Byzantinus: Papers in Honor of Alexander Kazhdan* (1992), pp. 37-46.

Constituição Dogmática Lumen Gentium. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html>. Último acesso em: 28/02/2019.

Constituição Pastoral Gaudium et Spes. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html>. Último acesso em: 28/02/2019.

CORRÊA, R.L. e ROSENDAHL, Z. (Orgs.). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro, EdUERJ.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: USP, 2009.

DOUGLAS, Langton. *Storia politica e sociale dela Repubblica di Siena*. Siena: Betti Editrice, 2012.

FAWTIER, Robert. *Sainte Catherine de Siennes: essai de critique de sources I: Sources hagiographiques*. Paris: Boccard, 1921.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992.

GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella. *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GARDNER, Edmund G. *The Story of Siena and San Gimignano*. Toronto: University of Toronto Library, 1980.

GATTO, Ludovico. *Storia di Roma nel medioevo*. Roma: Newton Compton Editore, 2017.

GLÉNISSON, Jean. *La politique de Louis de Gonzague, seigneur de Mantoue pendant la guerre entre Grégoire XI et Bernabo Visconti (1371-1375)*. In: *Bibliothèque de l'école des chartes*. 1951, tome 109, livraison 2.

GOMES, Angela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GOMES, Paulo César da Costa. *Geografia e modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

HOLZER, Werther. O conceito de lugar na Geografia Cultural-Humanista: uma contribuição para a Geografia contemporânea. *GEOgraphia*, Ano V, No 10, 2003.

HOUSLEY, Norman. King Louis the Great of Hungary and the Crusades, 1342-1382. *The*

Slavonic and East European Review, Vol. 62, No. 2 (Apr., 1984), pp. 192-208.

_____. The mercenary companies, the papacy, and the crusades, 1356-1378. *Traditio*, Vol. 38 (1982), pp. 253-280.

IMIZCOZ, Jose Maria. «Actores, redes, procesos: reflexiones para uma historia más global». *Revista da Faculdade de Letras, História*, Porto: Faculdade de Letras, v. 3, n. 5, p. 115-140, 2004.

JOHNSON, Paul. *Livro de ouro dos Papas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

KOSINSKI, Renate Blumenfield. *Poets, saints, and visionaries of the Great Schism, 1378-1417*. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 2006.

KOSTER, Joelle Rollo; IZBICKI, Thomas M (Orgs.) *A Companion to the Great Western Schism (1378-1417)*. Leiden/Boston: Brill, 2009

LE GOFF, Jacques. *O apogeu da cidade medieval*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. *Os intelectuais na Idade Média*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.

LEVASTI, Arrigo. *Mistici del Duecento e del Trecento*. Milano-Roma: Rizzoli, 1935.

LEVI, Giovanni. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LOGNA-PRAT, Dominique; PALLAZZO, Éric; RUSSO, Daniel. *Le culte de la Vierge dans la société médiévale*. Paris: Beauchesne, 1996.

LUNGO, F. Thomas. *The Saintly Politics of Catherine of Siena*. New York: Cornell University Press, 2006.

MACHADO, Mônica Sampaio. *Metodologia da Geografia: volume único*. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2015.

MARTIN BAÑOS, Pedro. *El arte epistolar en el Renacimiento europeo. 1400-1600*. Bilbao: Publicaciones de la Universidad de Deusto, 2005.

_____. Retórica epistolar: de la carta a la autobiografía, el ensayo y la novela. *Actas de las III Jornadas de Humanidades Clásicas Almendralejo*. Febrero de 2001.

QADIR, Khurram. Modern Historiography: The Relevance of the Crusades. *Islamic Studies*, Vol. 46, No. 4 (Winter 2007), pp. 527-558

RICOEUR, Paul. *La función narrativa y la experiencia humana del tempo*. In: *Historia y narratividad*. Barcelona: Ediciones Paidós, 1999, pp. 183-214.

ROMAGNOLI, Alessandra Bartolomei; CINELLI, Luciano; PIATTI, Pierantonio. *Virgo digna coelo: Caterina e la sua ereditá*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2011. p. 47
SCHEVILL, Ferdinand. *Siena the History of a Medieval Commune*. Betti: Siena, 2016.

ROMANO, Serena. Il modello visconteo: il caso di Bernabò. in *Medioevo: i committenti*. Quintavalle: Milão, 2011

SENIS, Thomas Antoni de. *Libellus de Supplemento Legende Prolixe Virginis Beate Catherine de Senis*. Roma: G. Cavallini, 1974.

SHIBATA, Ricardo Hiroyuki. A -arte do ditado|| - a emergência do dictame e da ars dictaminis na Idade Média. *Revista Philologus*, Ano 22, N° 65. Rio de Janeiro: CiFEFiL, maio/ago.2016.

SIENA, Caterina da. *Il Dialogo della Divina Provvidenza, ovvero libro della Divina Dottrina*. Roma: Edizioni Cateriniane, 1968

SIENA, Caterina da. *Le Orazioni*. Roma: Edizioni Cateriniane, 1978.

SOIHET, Rachel; BICALHO, Maria Fernanda; GOUVÊA, Maria de Fátima (orgs.). *Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

STREFLING, Sérgio Ricardo. A disputa entre o Papa Bonifácio VIII e o Rei Felipe IV no final do século XIII. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 37, n. 1157, pp. 409-419, set. 2007.

THESEIDER, Eugenio Dupré Guerra degli Otto Santi. In: *Enciclopedia italiana*. 1935. Disponível em: <http://www.treccani.it/enciclopedia/otto-santi-guerra-degli_%28Enciclopedia-Italiana%29/> Ultimo acesso: 18/01/2019

_____. *Epistolario de Santa Caterina*. Roma: Instituto storico italiano per il Medio Evo, 1940.

THIBAUT, Paul. Pope Gregory XI (1370-1378) and the Crusade. *Canadian Journal of History*, Toronto, vol. 20, No. 3, pp. 313-335. 1985.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983.

_____. *Topofilia, um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.

TUCHMAN, Barbara. *Um espelho distante: o terrível século XIV*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

TREXLER, R.C. Rome on the Eve of the Great Schism. *Speculum*, 42 (3), 489-509. 1967.

VASCONCELLOS, Eliane. Carta missiva. *Remate de Males*, v. 18, 1998.

VAUCHEZ, André. Caterina da Siena. *Economica Laterza*: Roma, 2015.

VELHO, Gilberto. Entrevista com Gilberto Velho. [3 de julho de 2001]. Rio de Janeiro: *Estudos Históricos*. Entrevista concedida em 3 de julho de 2001 a Celso Castro, Lucia Lippi Oliveira e Marieta de Moraes Ferreira.

VIGLIONE, Massimo. *Cambiamento e persistenza dell'idea di Crociata nella Chiesa: Dal II Concilio di Lione alla morte di Pio II 91274-1464*). Roma: Edizioni Nuova Cultura, 2014.

ZARRI, Gabriela. *La memoria di lei. Storia delle donne e storia di genere*. Torino: SEI, 1996.